
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Diego Marques Mesquita

Uma investigação junto a uma formação política de um docente de matemática



Rio Claro
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

Diego Marques Mesquita

Uma investigação junto a uma formação política de um docente de matemática

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática

Orientador: Prof. Dr. Roger Miarka

Rio Claro

2018

510.07 Mesquita, Diego Marques
M582i Uma investigação junto a uma formação política de um
docente de matemática / Diego Marques Mesquita. - Rio
Claro, 2018
110 f. : il., figs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Roger Miarka

1. Matemática - Estudo e ensino. 2. Formação de
professores. 3. Escola sem partido. 4. Narrativa. 5. Política. 6.
Matemática e sociedade. I. Título.

Diego Marques Mesquita

Uma investigação junto a uma formação política de um docente de matemática

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Roger Miarka (Orientador)
Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite
Prof^a. Dr^a. Sônia Maria Clareto

Conceito: **APROVADO**

Rio Claro/SP, 2 de maio de 2018

AGRADECIMENTOS

Quantas mãos escrevem uma dissertação?

Quantas marcas impulsionam a escrita?

Quantas pessoas marcam e como saber quais marcas gritam em uma dissertação?

Nesta específica há inúmeras marcas, mãos e pessoas. Algumas marcaram e indiretamente fizeram parte da composição da escrita e outras operaram junto tecendo os fios. A estas que caminharam e passearam pelo fluxo delineando e disparando produções cabe um agradecimento particular que valorize sua contribuição.

Agradeço ao meu orientador e amigo Roger que, primeiramente, acreditou em uma ideia – um tiro no escuro. Desde meu ingresso no mestrado, permaneceu com a mesma postura compreensiva. Muitos orientadores, por pressões diversas, preferem selecionar alunos que darão atenção integral ao curso sendo bolsista, não o Roger. Pelo contrário, abraçou o projeto de conciliar o mestrado e o chão da escola de um modo que as caminhadas seguiriam uma só. Sua postura me inspira e me dá um exemplo positivo em meio à selva acadêmica, seja por meio do conhecimento filosófico ou pela malandragem de jogador de truco. Hoje vejo que uma das minhas escolhas mais precisas foi indicá-lo como orientador.

Com Roger veio também CRONÓPIOS. “Somos seres verdes e úmidos”. Aqui está grande parte das mãos que escreveram este trabalho. Mãos que escreveram e corpos que acolheram nas horas de indecisão. Um grupo. Um coletivo. Seres verdes em processo de amadurecimento sem pressa de amadurecer, escapando e ocupando, como fluidos, um corpo sem órgãos. Aquelas pessoas, aqueles seres que te afetam simplesmente pela presença, companheiros de todas as horas. Invenção em movimento, movimento em grupo, grupo de diferentes pela diferença. A vocês muito obrigado.

Aos professores do comando de greve Pisa Ligeiro, responsáveis pela ampliação da sala de aula para as ruas e pelo compartilhamento de uma educação diferente, pela diferença. Conscientes de que são trabalhadores da educação, não simplesmente professores. Aconchego nos momentos em que a sala dos professores nos tira do sossego. Olhares de escape nos discursos de ódio, desejo que faz movimentar. Movimento que infla a esperança e meio à pseudo-doutrinação. Companheiros e companheiras, meu muito obrigado.

À REP. SINDICATO, tronco e jacaré. Não há um de nós que não seja. Talvez por isso que nos demos tão bem, porque não houve sobreposição, não houve verticalização, não houve liderança, não houve preferência, não houve arrogância. Houve briga, muita briga. Caso

contrário não seríamos tronco e jacaré. Mas também houve cumplicidade, houve “rolê com os dogs” em plena madrugada – na simplicidade ou na loucura. Houve muitas conversas durante o “rango”, desde as mais bestas às mais complexas. E claro, ideias que movimentaram essa escrita. Incentivos físicos e mentais, motor propulsor contra a protelação - ócio sim, protelação não. A vocês meus irmãos e minhas irmãs, muito obrigado pela experiência nesse tempo de mestrado, mas nesse momento, um agradecimento que transcende o tempo/espço.

À Moradia Estudantil, espaço inanimado cheio de vida. Base de sustentação para o estudante pobre. Pessoas ligadas, primeiramente, pelo espaço, mas ao segundo olhar, são seus professores de culinária, de higiene, de geografia, de pedagogia, de física, de matemática, de geologia, de ecologia, de biologia, de ciências da computação, de engenharia ambiental, de debates, de... de... Entrei na universidade para aprender matemática e sai me sentindo um sujeito melhor. A todos os moradores e moradoras meu muito obrigado por terem feito comigo um lar.

Ao PET – Matemática que, além de prover recursos financeiros, proporcionou inúmeros acontecimentos que afetaram minha vida acadêmica e também possibilitou viagens em eventos que difundiram o desejo pelo novo. Projetos que me aproximou do ato de ser professor e integrantes que me aproximaram do ato de ser estudante de matemática. À vocês muito obrigado.

À minha família que sustentou meu psicológico nos momentos difíceis fornecendo um apoio incondicional, muitas vezes limitaram seus desejos para que os meus ficassem em primeiro plano. Meus alunos desafiadores quando me faziam tentar explicar conceitos de um modo que eles entendessem e meus professores quando me faziam pôr os pés no chão. Meus maiores incentivadores, meus amores. A vocês devo a minha vida.

À minha noiva Andressa, ela vem percorrendo estes parágrafos de forma que não precisasse eu citá-la, mas seria injusto se não o fizesse. Metamorfose ambulante que mudava para me ver mudar. Na correria do dia a dia é ela a quem recorro, seja para fugir um pouco da realidade ou simplesmente ler as produções. Sua mão faz grande parte nesse trabalho, nos recursos técnicos ou na criação. Diria até que você pode receber seu título de mestre, sem ao menos ter cursado diretamente o mestrado. A você agradeço todo o tempo passado juntos, não poderia esquecer tudo o que fez e tudo que faz, tudo que fizemos nas nossas vidas.

Agradeço especialmente, à memória do meu professor, orientador e amigo Romulo que me mostrou que pessoas interessadas geram pessoas interessantes e que destruiu com a visão de professor que eu tinha. A você devo minha formação, serei eternamente grato.

Resumo

A formação de docente de matemática é o foco de diversas pesquisas na Educação Matemática. Há mapeamentos de possibilidades de formações nestas pesquisas, cada qual com uma proposta de investigação sobre o movimento que desencadeia o ato de ser docente de matemática. Esta investigação também aborda o tema formação docente, contudo, com um enfoque na formação política do(a) docente de matemática e em alguns momentos no questionamento das políticas de formação. Ao longo da formação, escolhas políticas são feitas a todo momento, seja, por exemplo, ao escolher as disciplinas e grade curricular na universidade; na prática docente, ao escolher os materiais didáticos; enquanto trabalhador, ao ser confrontado com medidas macropolíticas e, para não restringir, formar é um movimento constante de leituras, vivências, iniciativas de mudanças, militância.... Portanto, dissociar as ações políticas da formação docente aparenta ser perigoso e um tanto quanto nocivo para esta área, ainda mais em tempos de *Escola sem partido*. Sendo assim, torna-se interessante haver uma investigação da potência que a formação política traz a docentes de matemática e, conseqüentemente, à Educação Matemática. Nesse rastro, esta pesquisa se debruça em torno da pergunta: “Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática?” Para abrir a visão de um horizonte de possibilidades dessa pergunta, buscamos trabalhar com algumas marcas presentes na formação do autor deste trabalho em sua formação como professor de matemática, em especial, aquelas produzidas pelo movimento estudantil, pelo movimento grevista e pela prática docente. A opção de mobilizar esses rastros de experiências se deu por meio de narrativas, que constituirão um *bildungsroman*, de modo a produzir um corpo e delinear discussões, via embaralhamento de códigos que possam investigar a potência da formação política do professor de matemática.

Palavras-chaves: Formação de professores; Romance; Narrativa; Política; Matemática e Sociedade; Greve; Escola Sem Partido

Abstract

The education of mathematics teacher is the focus of several researches in Mathematics Education. There are mappings of training possibilities in these researches, each one of them with a research proposal on the movement that triggers the act of being a mathematics teacher. This research also addresses the subject teacher education, however, with a slight syntactic difference - political formation of the math teacher. Throughout the formation political choices are made at all times, for example, in the university when choosing the disciplines; in teaching practice when choosing courseware; as a worker when confronted by macropolitical measures and, in order not to restrict, to form is a constant movement of readings, experiences, initiatives of changes, militancy, etc. Therefore, dissociating political actions from teacher education seems to be dangerous and somewhat harmful to this area, especially in “Escola Sem Partido” times. Thus, it becomes interesting to have an investigation of the power that the political formation allows to the teacher of mathematics and, consequently, to Mathematical Education. In this trail, this research looks at the question “What can the political formation for/(of) the mathematics teacher?” In order to open the vision of a horizon of possibilities of this question, we seek to work with some marks present in the formation of the author of this research in his education as a teacher of mathematics, especially those produced by the student movement, by the striking movement and by the teaching practice. The option of mobilizing these traces of experiences was through narratives, which will constitute a bildungsroman, in order to produce a body and delineate discussions, by means of code shuffling, which can investigate the power of the political formation of the mathematics teacher.

Keywords: Teacher training; Teacher Education; Romance; Narrative; Policy; Mathematics and Society; Strike, Escola Sem Partido

Lista de Figuras

Figura 1 Luta de classes/ transformação social.....	19
Figura 2 :Tabu.....	21
Figura 3: Empatia.....	49
Figura 4: Raiva.....	52
Figura 5: Uni-vos!.....	53
Figura 6: O país é nosso.....	54
Figura 7: A opinião é minha.....	55
Figura 8: Boletim Informativo n°16 de 2015.....	57
Figura 9: Professores e professores.....	62
Figura 10: Salário depende da profissão?	64
Figura 11: Valorização ou valoração?	75
Figura 12: Massas.	79
Figura 13: Just-iça.	84
Figura 14: Juntos somos mais fortes.....	86
Figura 15: Transversalidade.	90
Figura 16: Escolas e escolas.....	92

Sumário

Prólogo	11
À procura de cenários	16
Escolher saltar de paraquedas.....	19
Entre nuvens	24
Movimento estudantil	29
<i>Marcas são sempre gênese de um devir</i>	29
Coruja: sábio ou aprendiz?.....	33
Maturação e a permanência estudantil	35
“Pessoas interessadas geram pessoas interessantes”	36
Extensão Universitária?.....	37
“Queríamos saber se estavam vivos! ”	38
Direção de moradia	40
Centro Acadêmico.....	43
Greve dos estudantes.....	44
Joguem a coruja aos leões	46
Não há docência sem discência?	48
Coletivo de indivíduos ou indivíduo com um coletivo?	49
Quem conhece a máquina sabe como travá-la	53
Qual o protocolo de uma ocupação?	55
Todo movimento tem um fim?.....	56
Movimento da greve dos professores	57
Assembleia: Como se fosse a primeira	57
Participar de uma greve é facultativo?	59
Greve: Suspensão do trabalho ou trabalho adicional?	60
Pisa ligeiro.....	62
Não existe greve	63
Greve de professores temporários / terceirizados	65
Agora a assembleia é outra.....	66
Negociação: o fazer política?	69
Transcendendo assembleias	72
Da sala de aula ao caixão	73
Da sala de aula à vendas.....	73
Greve ordenada?.....	74
Professores? Tiro, pancada e bomba	75

Salário	76
Quando um não quer, dois não brigam?.....	77
O secretário se manifesta.....	79
Contraproposta	80
“A justiça tarda, mas não falha”?	83
Professor grevista também em sala de aula.....	84
Movimentos podem ter pausas, mas têm fim?	94
Só os tolos respondem uma pergunta com outra (s) pergunta (s)?.....	96
Epí (Pró) logo	102
Escola Sem Partido: uma realidade inventada ou uma distopia real?.....	102
Referências	110

Prólogo

Essa produção começa a criar corpo a partir do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), ainda que já tivesse suas sementes plantadas durante a graduação.

No início da graduação tive, mesmo que indiretamente, contato com os elementos que fazem parte dessa produção. Quando ingressei no curso de Matemática, estranhei o novo ambiente, o ambiente universitário. A estrutura universitária não trouxe, como primeira impressão, semelhanças com a escola básica, talvez pela falta de uniforme, pelo espaço aberto, pelo espaço físico, pelos carros, pelos alunos, pelos professores... Tudo era diferente, tudo era novo. Pensei que, ao menos, a matemática que eu gostava não causaria tanto estranhamento. Pura ilusão! Cadê a matemática do colégio? Essa impressão pode não ser exclusivamente minha ou exclusivamente do curso de matemática; algo novo, à primeira vista, geralmente causa estranhamento.

Talvez, pensando em adaptar os ingressantes para aquele ambiente, o curso de matemática tinha uma proposta de apresentar, nas primeiras semanas, o conteúdo tido como básico e, teoricamente, já visto na escola básica. A apresentação tinha uma abordagem bem diferente do que eu estava acostumado e a “revisão”, na verdade, foi apenas, “visão”. Pareceu-me que a matemática havia fugido de minha mente após ter ingressado na universidade.

O choque de realidade foi grande. Muitos temas que eu já deveria ter domínio eram novos para mim. O sentimento de frustração em ter escolhido um curso que era diferente do que eu imaginava só não foi maior porque o novo me atraiu. Entretanto, não foi o contato com a nova matemática que me atraiu, mas o contato com a universidade.

Flanando pela universidade para reconhecer o novo território, fui observando tudo e todos. A cada passo, a cada olhar, a universidade ia se mostrando uma sociedade alternativa. Uma sociedade que eu não tive contato anteriormente – um ambiente com uma grande diversidade de pensamentos, atitudes e costumes. Achei um máximo poder ir de bicicleta até a sala de aula, andar de chinelo, sem uniforme, comer na cantina, conhecer uma biblioteca cheia de livros e com estantes que se movimentavam. Ao mesmo tempo, era novo perceber o poder aquisitivo de algumas pessoas.

Pouco a pouco, fui percebendo que aquela sociedade alternativa era apenas uma amostra da sociedade, uma amostra nova, mas contendo as mesmas contradições. Senti a falta

da presença de indígenas, havia uma proporção de negros bem menor e a comunidade rioclarense parecia não reconhecer a Unesp como local público. Pareceu-me que as minorias continuavam a ser minorias depois do vestibular, aliás, de um modo até mais acentuado do que eu costumava ver no meu bairro. Comecei a pensar que o acesso à universidade talvez não fosse o único motivo dessa acentuação da ausência das minorias, também podendo ser vinculado às dificuldades de permanência.

A permanência estudantil se perdia em um certo discurso meritocrático que fazia uma alusão de que tudo é possível por meio do seu esforço individual, seja se manter na cidade ou concluir o curso. Será que esse discurso parte da premissa que ao passar no vestibular todos começam do mesmo ponto de partida? Porque na realidade cada um sente uma dificuldade diferente; alguns apenas no curso, outros no curso e no seu sustento. Permanecer no ambiente universitário não se trata apenas de ter êxito no curso, mas também de conseguir se manter na universidade, financeiramente e culturalmente.

As minorias conseguem permanecer na universidade?

A necessidade de políticas públicas para a efetivação da permanência estudantil na universidade me mostrou uma parte mais obscura desse território. Uma estrutura de poder com interesses antagônicos, na qual os exercícios de poder tramitavam tanto nas burocracias acadêmicas quanto nas posturas de alguns docentes e discentes. Quando se conseguia dialogar sobre a permanência estudantil, depois de superar os entraves burocráticos, era necessário ter compreendido o sistema das políticas públicas e das ações afirmativas, para poder aproveitar a oportunidade do diálogo. Ou seja, demandava o conhecimento de certas informações - informações além do curso, além da universidade. Uma tentativa que me parecia incipiente era compreender a universidade sem compreender a sociedade em que ela está.

A problemática me fez ter contato com os escritos de Paulo Freire e sua postura como educador. Ele afirma que os problemas educacionais não são questões pedagógicas (apenas), mas também políticas. Não conseguia pensar no curso sem saber se eu conseguiria permanecer na universidade, aliás, é difícil pensar no pedagógico quando ao mesmo tempo algo mais material, captura sua potência, te *despotencializa*. Nietzsche em “The will to power” trata a potência como um movimento, uma guerra. Considera o ser como força e dinamismo, como algo produtivo e criativo, não de modo singular (uno), mas como multiplicidade, diferença. Assim, despotencializar não é perder a potência, – isso é impossível – mas capturar seu movimento, como se fosse uma fotografia.

“A potência - dominação, ordenação - não pode, pois, ser concebida exceto como estando em luta, em *polemos*. A vontade existe na relação entre uma vontade que comanda e

uma vontade que obedece - uma vontade que obedece sempre, mais ou menos - pois, a fim de que seja capaz de obedecer, é necessário ser capaz de comandar a si mesmo.”¹

Pensar sobre a formação de docente de matemática parece requerer ir além das práticas pedagógicas. Parece-me impossível dissociar a ação pedagógica das ações políticas. Afinal, ações políticas ocorrem a todo instante em nossa prática, seja na polêmica ou no silêncio. Como tais ações interagem na formação de docente de matemática?

Como a Educação Matemática pode mobilizar o tema? Há alguns autores que já anunciam sua importância, como mostra Vianna:

“Eu entendo a Educação Matemática como um movimento político e é por isso que eu entendo o que eu faço como militância política a partir da sala de aula, a partir da universidade. Como todo movimento político, ele está fraturado, ele tem a luta de classes dentro dele, ou seja: existe gente que puxa para um lado, gente que puxa para outro.”²

“Resumindo: a Educação Matemática é um movimento político porque a matemática tem sido um instrumento de exclusão social, e uma das bandeiras desse movimento é romper com isso e democratizar esse conhecimento. Isso é uma ação política, política com “P” maiúsculo.”³

Ser *movimento* permite que a Educação Matemática não seja vista como estática, apenas como um campo, uma instituição. Leva-nos a ficar em movimento ao acompanhá-la atuando nos escapes, nas fissuras. O que antes debruçávamos, agora caminhamos, corremos e escapamos. Caminhamos/Corremos/Escapamos entre os campos. A proposta aqui é flunar na formação de professores de matemática, estreitando-se nas fissuras fornecidas pelos impactos políticos existentes. Com isso, trabalhar com a formação política do professor de matemática, movimentando-se entre suas dimensões filosóficas, históricas e socioculturais.

Mas há como afirmar que existem forças políticas que agem na Educação Matemática e na formação docente? Ao longo de sua formação continuada, o professor de matemática defronta-se com inúmeras questões e, ao fazer suas escolhas, inclina-se para um determinado caminho. Tais escolhas podem ser assumidas como políticas, dando-se, por exemplo, em situações corriqueiras, como na seleção de um livro didático ou de uma sequência didática. Nossa formação parece ser afetada tanto pelas nossas escolhas quanto pelas escolhas dos outros. Por exemplo, escolher o mesmo grupo de professores para lecionar nas mesmas disciplinas do primeiro ano de graduação pode direcionar os ingressantes para uma

¹ (LINGIS, 2003, p.16, grifo do autor)

² (VIANNA, 2000, p.518)

³ Idem, p.523

determinada percepção do curso. Note que tal escolha não é do ingressante, que já no início do curso é afetado pela escolha de alguém. Uma escolha diferente pode ser um processo diferente⁴.

Escolhas podem ser voluntárias ou involuntárias; conscientes ou inconscientes; precisas ou imprecisas; nossas ou de outros; manifesto ou afeto. Não seria um erro admitir que inevitavelmente a formação de docentes carrega uma formação política, já que a todo momento estamos em formação, somos afetados e afetamos. Seguindo nessa reflexão, quais seriam os desdobramentos desses afetos e manifestos para o professor de matemática? E para a sociedade? Como o professor de matemática afeta a sociedade? Como a Educação Matemática afeta a sociedade?

“Eu estou preocupado com todo discurso que possa tentar eliminar os aspectos sociopolíticos da educação matemática e definir obstáculos de aprendizagem, politicamente determinados, como falhas pessoais. Eu estou preocupado a respeito de como o racismo, sexismo, elitismo poderiam operar na educação matemática. Eu estou preocupado com a relação entre a educação matemática e a democracia.”⁵

Será que são fornecidos espaços ao professor de matemática, em sua formação, para que ele conheça e reflita sobre os aspectos subjacentes ao conteúdo matemático que se relacionam com os conflitos sociais? Se sim, quais seriam esses espaços? E se eles existem, como o professor de matemática os enfrenta? Que pode a formação política do professor de matemática para a sua formação docente? Além disso, o professor, como em qualquer outra profissão, não está alheio aos conflitos sociais, tanto na sua relação com os alunos quanto no que rege sua profissão. Talvez pelo papel participativo na educação de um cidadão, muitos se esquecem que professor é também trabalhador e há quem diga que “vive apenas do amor ao seu trabalho”. Logo, como todo trabalhador, está sujeito a seguir leis. Leis que muitas vezes vêm de cima para baixo sem consentimento. Leis que podem ser abrangentes, como as que elencam seus direitos e deveres, mas também podem ser específicas, como as que mexem diretamente com a prática docente. Por exemplo, recentemente, houve discussões para a implementação do projeto “escola sem partido” – uma proposta de lei que visa interferir diretamente na prática docente coibindo a promoção de opiniões, concepções, preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e/ou partidárias dentro da sala de aula, alegando que os professores se aproveitam da audiência cativa dos alunos para incitar suas convicções e que a família tem o direito que o aluno receba uma educação moral que esteja de acordo com suas

⁴ Não quer dizer que escolhas iguais levem a caminhos iguais.

⁵ (SKOVSMOSE, 2007, p. 176)

convicções. Será que é possível haver essa neutralidade em uma sala de aula? Um professor é capaz de se despir ideologicamente ao entrar em uma sala de aula? Será que é correto considerar o aluno uma folha em branco na qual é fácil se rabiscar convicções? O que seria uma educação moral “coerente” em uma sociedade com tanta diversidade cultural? Até que ponto a “escola sem partido” não tem partido?

Não seria um equívoco considerar que escolhas vindas de outras pessoas, às vezes nem ligadas à área de educação, podem também participar da formação do docente. Nestes casos, tais escolhas políticas se tornam uma relação de forças com interesses antagônicos, relações de poder. Uma maneira que os professores (assim como outros trabalhadores) utilizam para confrontar tais interesses é por meio de reuniões com seus pares, em assembleias. Nelas, são apresentadas as demandas da profissão e são discutidos possíveis métodos para efetivá-las, seja por meio de passeatas, greves, assinaturas, entre outros métodos. Como o professor de matemática compreende essa forma de organização? Que pode a formação política para/(d)o professor de matemática na sua profissão?

Um modo de investigar a formação política do professor de matemática é seguir as pistas que foram deixadas na formação docente por cada escolha política/ afeto político que se mostram como marcas em sua prática. “Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir”⁶.

Tal investigação torna-se uma busca que visa ampliar a visão do horizonte de compreensões que permeiam a formação do professor de matemática, discutindo também a dimensão política e sua potencialidade.

Nesta investigação, para ajudar-nos a buscar por essas pistas que dizem da potência da formação política do professor de matemática, cunhamos a seguinte pergunta diretriz:

Que *pode* a formação política para/(d) o professor de matemática?

Por que não “O que pode”? Quando, no começo desta pergunta, acrescentamos o artigo “o”, de certa maneira, definimos a espera de um objeto a ser determinado, algo preciso e particular, que, para nós, faz perder a multiplicidade da palavra poder.

Esse *poder*... Substantivo e verbo, soberania e movimento, verbo transitivo direto e verbo intransitivo, possibilidade e permissão. Potência com resistência ao poder. Relações de poder. Exercícios de poder.

⁶ (ROLNIK, 1993, p.2)

Que esperar de uma pergunta que traz consigo uma palavra tão *poderosa* ao ponto de ter, aparentemente, significados que se contradizem? Um possível caminho é buscar dizer desta inquietação em momentos diferentes da dissertação, retomando o mesmo termo repetidamente, mas sempre de uma maneira diferente. Esperamos, com isso, que a pergunta **“Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática?”** possa nos ajudar a inventar mundos na formação do professor de matemática, em que política possa reivindicar um papel central.

À procura de cenários

Na criação de um romance, os cenários são escolhidos minuciosamente, afinal eles também são parte da narrativa, eles ambientam a trama. Fui à procura de cenários propícios para trabalhar com o enredo proposto, algum que ambientasse o terreno a ser trabalhado, algum que fornecesse pontos de partida.

Esses cenários viriam com a proposta de produzir gatilhos que disparassem inquietações acerca da formação política do professor. A busca por esses cenários se deu por meio de uma plataforma de buscas chamada de "o mapa da mina"⁷. O que existe sobre formação política? Como é tratado? Em quais ambientes estão inseridos?

A pesquisa no mapa da mina se dá via palavras-chaves. Primeiramente, fui orientado a procurar pela expressão inteira, caso não houvesse resultado, deveria colocar palavra por palavra. Assim foi. Pesquisei primeiramente por FORMAÇÃO POLÍTICA DO PROFESSOR. Como resultado, apareceu uma dissertação intitulada “A formação política do professor de educação física: uma visão gramsciana”⁸. O mapa da mina não forneceu acesso a esse documento, sendo assim, utilizei outras ferramentas de pesquisa para procurar o documento. Com a busca, encontrei mais dois cenários que envolviam a formação política do professor: “A formação política do professor de Educação Física”⁹ e “Um estudo sobre a formação política na Educação Física”¹⁰. Coincidentemente, os únicos documentos encontrados dissertavam sobre a formação política *do professor de Educação Física*. Será que há algum cenário para os professores de matemática? Pelo menos, não encontrei. A curiosidade me fez procurar integralmente sobre o professor de matemática, mas não encontrei resultados. Assim,

⁷ O mapa da mina é uma ferramenta que facilita a consulta nos bancos de dados virtuais, abrangendo periódicos, teses, artigos, livros, e-books, etc. Podemos encontrar essa ferramenta no serviço técnico de biblioteca e documentação pelo link http://www.rc.unesp.br/biblioteca/interna_geral.php?cod=016

⁸ (RUBIN, C. F. 1987)

⁹ (FERREIRA NETO, A. 1989)

¹⁰ (SILVA, G. G. 2009)

foquei em conhecer os ambientes fornecidos pelas pesquisas que abordavam a formação política do professor de educação física.

O primeiro cenário, defendido por Rubin em 1987 na Universidade Federal de Santa Maria, é a primeira pesquisa em nível de *stricto sensu* que trata sobre a formação política do professor de educação física. A pesquisadora utilizou-se das categorias “sociedade civil” e “hegemonia” de Gramsci para interpretar a formação dispensada em um curso de formação inicial de educação física. Seu estudo indica o privilégio da “competência técnica”, a despeito do enfoque ao “compromisso político” na formação dos professores.

O segundo cenário aparece na mesma década com a pesquisa de Ferreira Neto, defendida em 1989 na Universidade Gama Filho, que procurou identificar onde e como se realizava a formação política dos professores de educação física na Universidade Federal de Sergipe, utilizando também como referência Antonio Gramsci. Assim como a primeira pesquisa, o autor critica as formulações tradicionais e a própria realidade social, econômica e política (haja vista o período em que ocorreu a defesa, término da ditadura militar no Brasil). Ambas as pesquisas se posicionavam contrárias ao regime conservador da época e visavam à transformação social a partir da formação política. Sobre Ferreira Neto, é correto afirmar que o autor não continuou a produzir sobre a formação política, de acordo com a plataforma *Lattes*, o mesmo não posso dizer de Rubin, na qual não achei informações na mesma plataforma.

O terceiro cenário aparece depois de duas décadas com a pesquisa de Silva, defendida em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O autor também publicou um artigo nos “Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009” sob o título “Crítica da formação política do professor de educação física: vinte anos de debate *in stricto sensu*”, que fornece uma análise sobre cada aspecto das duas dissertações já apresentadas, aliás, sustentando-se na perspectiva crítica em Marx, na qual, foca-se a crítica “no que é”, “como se formou”, “como se desenvolveu” e “o que possibilita”. De acordo com o autor, ambas as dissertações não explicitam uma definição para política e o que significa a existência (ou não) de uma formação nesse sentido para os professores. Já Silva considera política como o poder exercido no/pelo Estado, decorrente da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, ou seja, o autor segue uma linha da negatividade da política e da luta de classes propostas por Karl Marx. Por meio de entrevistas com professores, categoriza aspectos recorrentes no engajamento político de cada professor e considera que a formação política se dá na própria prática, na tomada de decisões, não

havendo menção há cursos, receitas ou atividades anteriores que trabalham esse tema. Para mim, é evidente que o autor procura saber como se dá a formação política do professor de educação física ou quais aspectos contribuem para tal, mas não tanto o que a formação política possibilita para o professor de educação física. Após a defesa de sua dissertação, não há indícios de que o autor tenha continuado a trabalhar com o tema.

Pelo apresentado, notamos que este tema – a formação política do professor de matemática – parece não ter sido alvo direto de pesquisas em Educação Matemática e que a formação política é vinculada à ideia de transformação social. No entanto, na Educação Matemática, há trabalhos que falam da dimensão política na/da Educação Matemática, dentre tantos, um exemplo é a tese de Denizalde J.R. Pereira intitulada “História do movimento democrático que criou a Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM” que relata como foi o movimento de educadores para fundar uma sociedade que congregasse os educadores matemáticos brasileiros. Tal tese nos foi útil em alguns momentos, como ao explicar as relações de poder existentes na criação da SBEM que, direta ou indiretamente, impactam na formação do professor de matemática e também por possuir marcas de docentes em relatos de experiência que dialogam com a política e a formação de professores.

Sobre a formação política, geralmente é abordada como transformação social a partir da tomada da consciência do trabalhador e sua emancipação. Será que a formação política está vinculada apenas à luta de classes? A formação política do professor de matemática seria diferente da do professor de educação física, ou de qualquer outro professor? Quais as convergências, aliás, quais as diferenças? Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática?

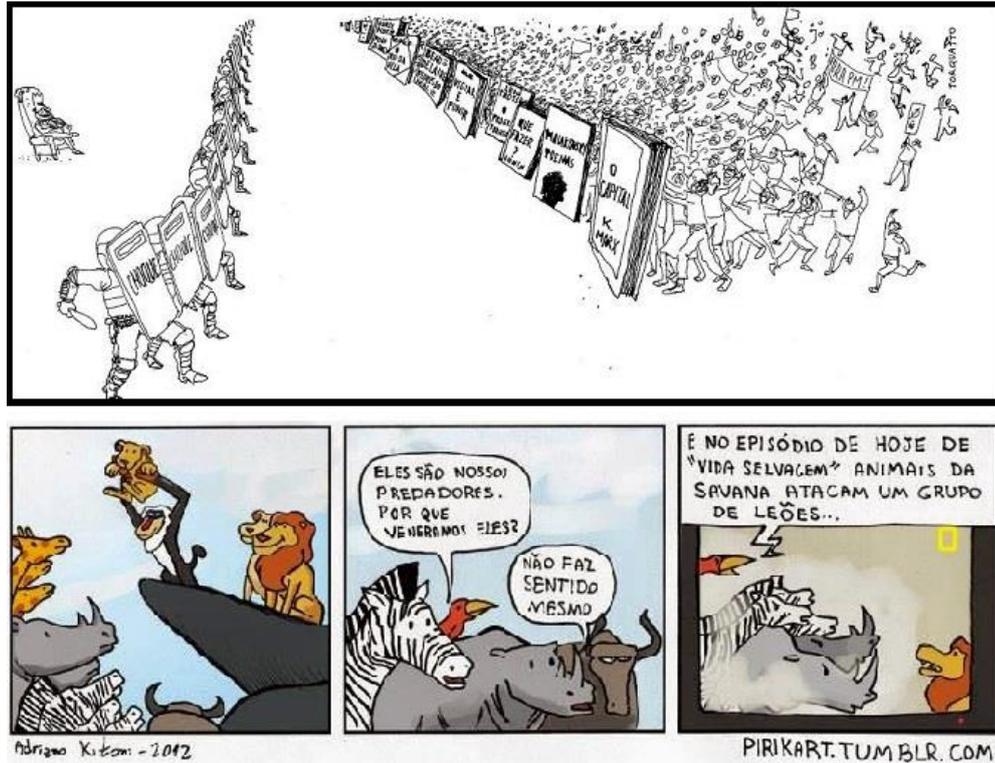


Figura 1 Luta de classes/ transformação social

Escolher saltar de paraquedas

Você faz suas escolhas e suas escolhas fazem você.

William Shakespeare

Você é livre para fazer suas escolhas, mas é prisioneiro das consequências.

Pablo Neruda

Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática? Tal pergunta faz flunar sobre o emaranhado de posições que a formação política produz e o modo como ela se engendra na Educação Matemática. Não se trata de discorrer sobre o modo como se dá a formação política, mas sobre suas potencialidades.

Ainda que haja um crescente número de pesquisas com foco em formação docente, em nossas buscas não encontramos referências para a formação política do professor de matemática. São inúmeras pesquisas que dialogam com as questões políticas presentes na formação docente, entretanto, tais concepções não focam, necessariamente, na política como adjetivo para a formação docente. Mas, qual seria, então, a diferença de uma pesquisa em formação política para uma pesquisa em formação docente?

Quando trabalho com um termo novo em sala de aula e vejo a expressão de “o que estou fazendo aqui?” ou simplesmente “Quê?”, tento recorrer a uma conversa pausada e retomar desde o início, começando pela etimologia do termo. Digo que às vezes podemos associar os radicais da palavra com algo que faça sentido para nós. Pois bem, tentemos.

Formação => Forma/ação => Forma uma ação? Ação que tem uma forma? Um formato? Ação de formar? “Que forma é essa que está em ação para formar o professor?”¹¹

“Percebo que formação traz em si uma intencionalidade que opera tanto nas dimensões subjetivas (caráter, mentalidade) como nas dimensões intersubjetivas, aí incluídos os desdobramentos quanto ao trajeto de constituição no mundo do trabalho (conhecimento profissional). Portanto, não se trata de algo relativo a apenas uma etapa ou fase do desenvolvimento humano, mas sim de algo que percorre, atravessa e constitui a história dos homens como seres sociais, políticos e culturais.”¹²

Sinto que a formação (*Bildung*¹³), como um movimento, não admita ser enquadrada em uma definição, por carregar consigo significados que expressam a força do devir. Todavia, disponibilizar pistas para o tratamento desse movimento dispara compreensões estéticas que caminham junto com os modos de escrita desta investigação. Aqui “pode-se considerar formação do indivíduo como um desenvolvimento integral e continuado de suas *inclinações e possibilidades*, conduzido por um tipo de força organizadora que, através de uma sucessão de encontros e vicissitudes, conduz à constituição de uma personalidade livre e integrada numa humanidade realizada.”¹⁴

Seguindo no mesmo raciocínio: Política: Poli/tica => (Poli) Muitas (tica) ferramentas? Muitas técnicas? Não nos ajuda, mas já nos dá a dimensão do que esperar dessa palavra. Ou quem sabe, “poli” se remete à “Pólis” sugerindo a política como ferramenta para a cidade/sociedade? Falando em sociedade, arrisco dizer que atualmente, no Brasil, esta palavra - um tabu - remete, quase que diretamente, ao proselitismo partidário. E de fato, há tal relação, mas será que isso já dá uma base para essa dimensão de múltiplas técnicas empregadas na

¹¹ (BICUDO, 2003, p. 23).

¹² (BATISTA, 2002, p.135)

¹³ A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, "cultura" e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de "formação" de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como *processo*. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se (*sich bilden*). (BERMAN, p. 142, grifo meu)

¹⁴ (LARROSA, 2006, p. 9, grifo meu)

sociedade? Ao dialogar com os dicionários Michaelis¹⁵, Aurélio¹⁶ e Abbagnano¹⁷ obtive uma amostra da multiplicidade de significados que *política* vem se mostrando ao longo do tempo, desde Aristóteles. Incorporada culturalmente no vocabulário, geralmente aparece nos discursos relacionados ao sistema de governo de uma determinada população. Nesse sistema, se revela subitamente como regras, doutrinas e/ou posições ideológicas. Entretanto, o ato de governar não faz referência apenas à organização de um povo, mas também aos comportamentos intersubjetivos e ao ato de *escolher* ou ser *afetado*.



Figura 2 :Tabu. Fonte:<http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Tais comportamentos intersubjetivos estão presentes nos discursos que traçam o estereótipo de um *político*. Aquela pessoa astuta que manipula em busca de obter algo planejado; aquela que influencia e guia o governo de outros; aquela que faz jus à dominação na relação de poder; ou simplesmente aquela que detém de certas habilidades nas relações humanas. Cuidado! Seria esse um bom território para se falar em educação? Pode ser que não seja, ou pode ser que seja, ou pode ser que já esteja em um nível que não há mais uma relação de pertinência, e sim de igualdade, entre esse território e educação. De toda forma, cabe procurar por fissuras, por tensões que possibilitem o produzir com.

Então, o que seria *formação política*? No raciocínio lógico dedutivo, a partir de uma premissa tomada como verdadeira conseguimos chegar a conclusões atribuídas logicamente como verdadeiras. Não é o caso. Vejo como um perigo assumir qualquer definição como premissa a fim de chegar a uma sentença verdadeira, afinal esta investigação pretende trabalhar com as marcas da formação política presentes na prática docente, independentemente do que elas venham a ser. Como se fosse uma mônada, fechada em si, inespacial e indivisível, algo que não conseguimos agarrar, entretanto que não nos impede de falar sobre ela sem querer dividi-la, mas junto a ela produzir algo material no processo de desterritorialização. A ideia é promover feixes de acontecimentos para que a formação

¹⁵ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>

¹⁶ Disponível em <https://dicionarioaurelio.com/>

¹⁷ (ABBAGNANO, Dicionário de filosofia, 5ed, 2007)

política atravessasse em palavras o que foi deixado pelas marcas. “Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas. O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização – quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência”¹⁸

Mas, não se distanciando totalmente do raciocínio lógico dedutivo, se assumirmos que a vida do professor é atravessada por uma dimensão política, o que podemos produzir com isso? Com o apresentado nos parágrafos anteriores temos uma ideia do que investigar, a formação política como movimento, a formação política como um devir em um plano de imanência. Mas como investigar sua potência para o professor de matemática?

Essa era a problemática *a priori* – qual caminho seguir? Ou quais caminhos a seguir? Ou seguir um(ns) caminho(s)? Na caminhada, sem caminho predefinido, surgem diversas rotas que parecem aptas em nos fazer continuar caminhando. O medo não se dá em tomar diversas rotas, desde que permaneça flanando, ele se constitui em pensar que as rotas podem *parar* no mesmo precipício. Porém, mesmo que seja, espero que tenha a sensação de um salto de paraquedas. Quando se salta de paraquedas, sabe-se que em algum momento vai parar na terra, você espera não parar subitamente, mas sim que possa curtir bastante a viagem, olhar bem as paisagens e se deixar voar naquele breve momento, sentindo todas as vibrações que o ar te oferece e que você não sente na terra. A esperança é que sempre haja novas brisas que estendam seu voo para que você possa apreciar cada segundo dessa experiência. Essas novas brisas te forneceria mais possibilidades, rumos outros, visualizações outras, sensações, marcas, experiências... O importante seria continuar se deixar levando, voando até a hora de pousar. São estas, as experiências que nos mostram a potência de um voo. São elas que ficam marcadas em nós, elas que, juntamente com os afetos, nos constituem e embasamos nossas escolhas, ou simplesmente, somos afetados. Se desejamos investigar o ato de voar, nada mais coerente do que se deixar *viver* as experiências do que é voar, ou também, dialogar com as marcas de experiências de outros que se propuseram viver. Sentimentos outros. Experiências outras.

Não pretendemos deixar que o raciocínio dedutivo opere unicamente nesta investigação, queremos trabalhar também com os outros sentidos, com os afetos e com as marcas que vão ao encontro do ilógico. Dialogar com a subjetivação e com a afetação, ir além dos discursos teóricos e práticos, ir além da ciência e da técnica.

¹⁸ (ROLNIK, 1993, p.3)

“Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica [...]. Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política. [...]. O que vou lhes propor aqui é que exploremos juntos outra possibilidade, digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista), a saber, pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*”¹⁹.

Seguir as pistas das marcas deixadas pela experiência é aceitar o desafio de (re)viver momentos e procurar entradas para o diálogo com a formação política. É olhar para a cicatriz do presente e voltar no passado, no momento em que ela ficou eternizada no seu corpo. Viver o já vivido sob outro olhar, um olhar mais analítico, um olhar que procura pistas e mais pistas, um olhar repleto de presente. “A luta contra o presente é também, e sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para ‘chegar a ser o que se é’ há que combater o que já se é”²⁰. O presente como agente de condução e de erosão, pois é nele que somos atravessados por flechas, na qual cada incisão nos movimenta para uma direção diferente, caminhos diferentes, sentir as marcas de formas diferentes, na qual “é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo”²¹. Afinal, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”²².

Uma das flechas sentidas fortemente foi a deflagração da greve dos professores do estado de São Paulo mediada pela APEOESP²³. Tema que já vinha sendo discutido desde o começo do ano de 2015 teve sua deliberação bem no momento em que pensávamos em como começar nossa investigação. Uma entrada! Que pode um movimento de professores com interesses políticos para se começar a investigar “formação política do professor de matemática”?²⁴.

¹⁹ (LARROSA, 2002, p.20, grifo do autor)

²⁰ (LARROSA, 2009, p.52)

²¹ (ROLNIK, 1993, p.2)

²² (LARROSA, 2002, p.21)

²³ Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

²⁴ A princípio, aderir à greve não visava à produção de dados para esta pesquisa e sim, apenas a postura do narrador, como professor. O movimento dos professores surge como entrada, para a pesquisa.

Um acontecimento com potência de afetar minha formação, profissão e a Educação. Seria a primeira vez que participaria de uma mobilização de professores sendo um professor. Disparou lembranças, marcas da vivência na universidade, mais precisamente, a vivência no movimento estudantil. Seria semelhante? Já havia participado de uma greve como estudante, mas agora estaria como trabalhador. Há diferença? E isso está relacionado com a formação política? Que pode movimentos sociais para formação política do professor de matemática?

Sim, tive uma formação política! Aliás ela se movimenta em mim, sei que ela está aqui, em algum lugar, participando e sendo afetada pelas minhas marcas. Por que não a usar nesta investigação? Fazê-la dialogar com outras, produzir possibilidades, disparar discussões, uma entrada para este rizoma²⁵.

Costurar movimentos: universidade, debates, pesquisas, leituras, ser professor e ser um professor grevista²⁶. Essa costura contribui com aspectos que nos levam a produzir desdobramentos sobre a formação de professores, mais especificamente, na formação política do professor de matemática, dialogando com as marcas de uma formação política em um professor de matemática como mais um referencial para uma discussão.

Entre nuvens

Todas entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.

Suely Rolnik

Como costurar experiências? É possível? Se é possível, teria um remendo discreto ou acentuado? Poderia ser uma colcha de retalhos? Talvez o que procuramos seja algo que simplesmente - emende. Conecte. Fio condutor. Fio que atravessa todos os tecidos, unindo-os. Dar língua para afetos que pedem passagem²⁷. Dar voz ao que nos passa, ao que nos acontece, ao que nos atravessa.

“O relato é um dos modos privilegiados de como tratamos de dar sentido narrativo a isso que nos passa e o sujeito da experiência convertido no sujeito do relato, é o autor, o

²⁵ (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.13-21) “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e...". Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.”

²⁶ Vejo a necessidade de distinguir as marcas obtidas “como professor” das marcas obtidas “como professor grevista”, pois os acontecimentos nos afetam de formas diferentes quando comparamos as marcas em nosso corpo de cada experiência.

²⁷ (ROLNIK, 1989).

narrador é o personagem principal dessa trama de sentido e de sem-sentido que construímos como nossa vida e que, ao mesmo tempo, nos constrói. ”²⁸

Não sei se já percebeu, mas desde o começo venho conversando diretamente com você, leitor. Desde o começo tento dar um sentido narrativo a esta investigação. Uma conversa, aliás, um convite para uma conversa. Na medida em que seja possível dialogar com sua experiência ou quem sabe apenas servir como um disparador para produções ou quem sabe até fornecer uma leitura agradável, daquelas que mergulhamos no texto.

A narrativa será esse fio condutor. Por meio dela, pretendo convidá-lo para conversar e se possível quebrar esse hiato que separa narrador e leitor, leitor e narrador, narrador e narrador, leitor e leitor.

“Narrar é contar uma história²⁹”. Contar histórias, às vezes contamos para nós mesmos, outras contamos em direção a alguém. Contamos a mesma história de formas diferentes, em alguns casos até para a mesma pessoa. Isso acontece porque não somos o mesmo que a contou há um tempo. De certo, não somos o mesmo nem quando contamos a nossa própria experiência, porque o sujeito que narra é diferente do sujeito narrado.

“O homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra sua própria vida. Quando faz memória ou autobiografia, o sujeito narrador não coincide com o sujeito narrado, o sujeito da narrativa não é o mesmo personagem contado. Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é feito de papel, é um sujeito que corre tinta nas veias. O historiador que pretende estar falando do sujeito de carne e osso, falará na verdade do sujeito de papel e tinta que chega até ele mediante suas distintas formas de representação, embora estas formas de representação permitam a ele, pelo menos, garantir que o seu personagem realmente fez parte do passado. [...] embora faça parte do pacto de leitura entre o leitor e o autor do texto historiográfico acreditar que ali se fala do sujeito de carne e osso que um dia viveu no passado. ”³⁰

Nesse momento, não sei se me vejo no que narro, se o que está em tinta e papel aconteceu ou foi inventado. Não que isso dê margem para caracterizar a história como falsa, afinal, só porque é inventado quer dizer que não seja verdadeiro? O verdadeiro não é inventado? Estamos na mesma posição: leitores. Leitores que se inserem na história e confundem a imaginação com a realidade.

²⁸ (LARROSA, 2014, p.722, grifo do autor)

²⁹ (GARNICA, 2007, p.58)

³⁰ (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.254)

Todos os movimentos que deixaram marcas quando penso na formação política serão atravessados por uma narrativa, uma grande narrativa.

De antemão peço desculpas se as notas de rodapé fizerem perder o fluxo contínuo do texto, mas a intenção foi justamente não perder o fluxo e esteticamente, para mim, tal escolha daria mais sentido à narrativa, assim como a opção de colocar citações apenas entre aspas e não devidamente formatadas. Em alguns momentos, a narrativa virá na primeira pessoa do plural – representando eu, você, CRONÓPIOS³¹, qualquer um, ou simplesmente nós – e em outras aparecerá na primeira pessoa do singular, quando eu, Diego, quiser conversar diretamente com você. É claro que estou aqui a todo momento, seja como narrador ou leitor, e até mesmo quando for “nós” escrevendo terá bastante de mim. Então não tomemos esta investigação como algo genérico, pois por mais que às vezes pareça estar oculto, estou sempre de algum modo aqui, na mesma medida em que você que me lê também está.

“As narrativas são construções que, muitas vezes, evidenciam perspectivas “ocultas” do próprio narrador, podendo este se dar conta de algumas questões somente quando está no papel de leitor ou ouvinte de sua própria narração. Por isso a relevância de um olhar acerca das singularidades dos sujeitos narrados [...] esse olhar é fundamental para caracterizar um professor e não uma categoria, dificultando o desenvolvimento de perspectivas generalizantes.”³²

Você não me conhece

You don't know me. Bet you'll never get to know me.

Caetano Veloso

Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.

Michel Foucault

Já parou para olhar para si hoje? Quem és? E por que és o que és? Sempre foi assim? Sempre será?

Responder alguma dessas perguntas é como cravar uma sentença de morte. Como se voltássemos àquela velha máxima “de onde eu vim e para onde irei”. A resposta, uma vez obtida, dá um tom inóspito para a vida. Sendo assim, para quê perguntar? A pergunta busca e

³¹ Grupo de discussão dos pesquisadores interessados sobre a filosofia da diferença e sob a mesma orientação. Cronópios surge a partir do livro de Júlio Cortázar “Histórias de Cronópios e de Famas”

³² (SOUZA; SILVA, 2015, p.59, grifo meu)

abre possibilidades, mas a resposta, ao contrário, mata a pergunta, engessando-a em uma escolha.

Caetano diz “Você não me conhece e aposto que nunca vai me conhecer” e continuando em outro trecho “Não há nada que você possa me mostrar por detrás da parede”. Você não me conhece, mas será que não há nada que tenha a me mostrar por detrás da parede? Ou eu te mostrar algo por detrás da parede? Ou quem sabe por detrás de uma dissertação? Algo que dê pista de quem por ventura eu possa ser?

Aposto que nunca vai me conhecer. Aposto que eu nunca irei me conhecer. Mas posso tentar te mostrar o que está por detrás de mim ou, posso tentar te mostrar o que está através de mim ou, posso tentar te mostrar o que está em mim ou, simplesmente, tento te mostrar.

Será que é isso? Tentar mostrar por meio de uma narrativa algo que não sei o que é? Como? Parece-me que as marcas em meu corpo, aquilo que passou e deixou vestígio possa servir de pista, não para responder, mas para possibilitar caminhos. “[...] Nietzsche sabia muito bem que não se pode fixar um método seguro nem uma via direta para chegar à verdade sobre si mesmo: não há um caminho traçado de antemão que bastasse segui-lo, sem desviar-se, para chegar a ser o que se é.”³³

“Minha aposta seria pensar a formação sem ter uma ideia ‘prescrita’ de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização. Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado, disso a que os clássicos chamavam ‘humanidade’ ou ‘ser plenamente humano’. E creio que uma prática da leitura como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido poderia contribuir para esse pensamento aberto sobre a formação.”³⁴

Flanar, rumo ao desconhecido. Por exemplo, em uma novela geralmente são apresentados os personagens e intuitivamente projetamos um final para essa novela: “Aquele é o protagonista, ele terá um relacionamento com Fulano, mas terá que lutar contra Beltrano”. Mas por que há tantas pessoas que acompanham novelas? Desejo. Desejo de seguir o desconhecido, talvez com uma leve intenção de querer confirmar sua projeção. Sabe que o protagonista não participa sozinho da trama, junto com os coadjuvantes dão o devir da criação do romance. Mesmo que sua projeção se confirme, a intenção de acompanhar a novela é identificar que acontecimentos sucederam para que se efetivasse tal confirmação. Os

³³ (LARROSA, 2006, p.9)

³⁴ Idem, p.12

acontecimentos são desconhecidos e acontecimentos parecidos em novelas diferentes não as transformam em iguais.

Assim, essa investigação, essa trama, será assumida como um romance. Um *romance de formação*.

“[...] nesse modelo narrativo que tem seu modelo no *Wilhelm Meister*, de Goethe, e que se apresenta como um relato exemplar do processo pelo qual um indivíduo singular, em geral um homem jovem, de boa família, terminando os seus estudos, abandona sua própria casa junto com o destino que está previsto e viaja até si mesmo, até seu próprio ser, em um itinerário cheio de experiências, em uma viagem de formação que reproduz o modelo da escola da vida ou da escola do mundo. Essa viagem é, também ao mesmo tempo, uma viagem interior de autodescobrimento e de autorrealização.”³⁵

Considerar esta investigação um romance de formação é possibilitar um abraço triplo entre as narrativas, a formação e a pergunta de pesquisa, uma vez que nesta novela narrada já foram apresentados os personagens e feita uma breve sinopse da trama. “E, talvez nessa história em que um homem se narra a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos.”³⁶

Reunir as marcas e debruçar-se nelas, individualmente e em conjunto, conduzi-las para uma aventura que juntas possam gritar e escapar desse papel, desse exercício de escrita e leitura. “Mas essa aventura conduz até onde não estava previsto, à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devenir: uma permanente metamorfose. E essa metamorfose tem seu arranque e sua força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escrita.”³⁷

Nesse processo narrativo, esse romance de formação, as três metamorfoses que falava Zaratustra,³⁸ do camelo – que aceita a submissão – para o leão – que luta por sua liberdade de criação – e após, para a criança, – a inocência, o novo começar após o esquecimento – dialogam com as marcas, se fazem presentes nas narrativas no processo de constituição de um professor de matemática. Nelas, as metamorfoses se mostram como potência e a sua percepção possibilita caminhar com a pergunta desta investigação de forma espiral, alternando caoticamente entre elas, trabalhando nesse *entre* para disparar produções sobre a formação política *além* das narrativas. Flanar no entre procurando o fora faz produzir um processo não linear, na qual as metamorfoses não configuram algum tipo de superação, mas a

³⁵ (LARROSA, 2009, p.44, grifo meu)

³⁶ (LARROSA, 2006, p.21)

³⁷ (LARROSA, 2006, p.39)

³⁸ (NIETZSCHE, 2011)

dissolução do sujeito na escrita. Afinal, “a formação não é outra coisa senão o resultado de um determinado tipo de relação com um determinado tipo de palavra: uma relação constituinte, configuradora, aquela em que a palavra tem o poder de formar ou transformar a sensibilidade e o caráter do leitor, às vezes para tirar-lhe da indeterminação da infância, do espírito e da criança. E às vezes, também, para dar ao seu próprio espírito *uma nova infância.*”³⁹

Movimento estudantil

*... É preciso voltar aos passos que foram dados,
para repetir e para traçar caminhos novos ao
lado deles. É preciso recomeçar a viagem.
Sempre.*

(José Saramago)

Na escola básica não tive contato com nenhuma organização estudantil, nem na prática muito menos na teoria.

No ensino superior, por fatores econômicos, escolhi um câmpus da universidade que compreendia uma moradia estudantil. E lá foi meu primeiro contato com alguma organização estudantil.

Marcas são sempre gênese de um devir

(Suely Rolnik)

A princípio, a organização era em prol da convivência, afinal eram no mínimo oito estudantes morando sob o mesmo teto. Já era difícil conviver com os da minha família, mesmo existindo relações de afeto, ali não seria fácil. Hoje vejo que naquele momento, eu, educado de uma forma que acabava reproduzindo discursos machistas, racistas, homofóbicos e sendo completamente dependente dos meus pais, talvez teria como o maior problema a convivência com os demais.

Um pedaço da universidade num mesmo ambiente, ou melhor, um pedaço pobre da universidade num mesmo ambiente. Por que enfatizo a pobreza? Porque teoricamente é o que une tais estudantes num mesmo ambiente, primeiro fator implícito para conviver. Fator de resistência. Resistência em necessitar dividir um espaço para poder se graduar em meio a uma universidade elitista camuflada por um funil social, o vestibular. Sim, às vezes (na maioria em

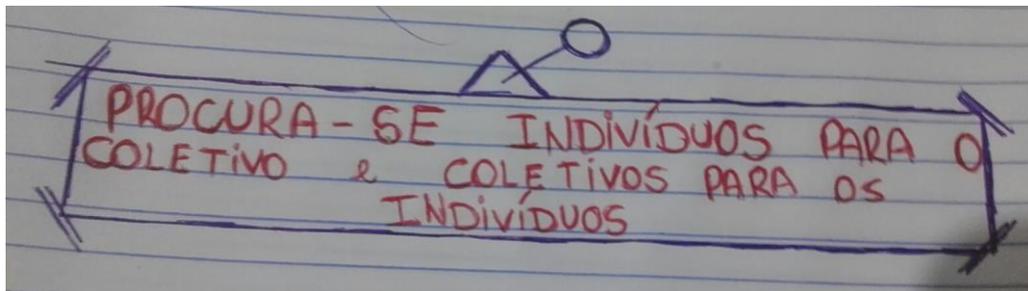
³⁹ (LARROSA, 2006, p. 46, grifo meu)

cursos de licenciatura), esse funil não filtra todas as camadas, e nessas ocasiões de escape é necessário agarrar firme a oportunidade. Entretanto, esta corda é de fácil deslize se não estiver amarrada à políticas de permanência estudantil, uma vez que o funil é apenas o acesso e o duro é continuar puxando a corda até o fim.

O diálogo é uma das regras implícitas na organização da moradia estudantil. Já que não há condições financeiras de achar outro lugar, o jeito é conseguir conviver. Surpreendentemente, percebi que casas que discutem e brigam tendem a ser mais organizadas em nível coletivo do que casas que reprimem seus "humores". É como se na *tensão*, produzisse uma forma de organização mais abrangente do que estando no *relaxamento*.

Como a moradia estudantil é muito mais que apenas uma casa (são doze), o diálogo se torna a base da autogestão dos estudantes. Autogestão em que decisões são tomadas em assembleias e há uma comissão de moradores eleita para conversar sobre as demandas estruturais com a direção da universidade, comissão que também intermedia a assembleia. Assim, além da organização de cada casa (limpeza, comida, convivência etc.) há a organização coletiva da moradia estudantil - importante para manter o espaço e seus indivíduos.

A manutenção do espaço é de extrema importância para os moradores, pois é por causa dele que existe a possibilidade de viver a universidade, logo, sua manutenção é tão fundamental quanto estudar. O estudo vincula-se com aquele território, em que um não existe sem o outro. Porém, o território não se aplica apenas ao terreno/moradia como necessidade, mas também a recursos financeiros. Você pode ter onde morar, mas se não tiver o que comer, ou não tiver dinheiro para xerox ou para condução, dificilmente conseguirá estudar. Logo, essa mesma organização que visa manter o espaço também visa manter seus indivíduos, lutando por bolsas de permanência estudantil. Uma sociedade entre indivíduo e coletivo.



Quando ingressei na universidade, havia a opção de se fazer uma entrevista com a assistente social para indicar o interesse por moradia estudantil, auxílio aluguel e/ou Bolsa de

Apoio Acadêmico e Extensão I (BAAE I)⁴⁰. Sem saber e na necessidade, acabei me inscrevendo em todos os subsídios, correndo o risco de, por exemplo, ser contemplado com auxílio aluguel e não com a moradia estudantil. Verifiquei pela primeira vez a necessidade da organização da moradia estudantil⁴¹ ao ser orientado por um morador (da comissão de moradia) de voltar na assistente social e excluir a possibilidade de auxílio aluguel. Se não fosse por esse sujeito, minha vida acadêmica poderia ter tomado um outro rumo ou nem ter tido um.

Sendo assim, há anos já davam a devida importância para a necessidade de ter estudantes que representassem as demandas da moradia estudantil em todas as instâncias deliberativas da universidade, inclusive na Comissão Permanente de Extensão Universitária (CPEU) - responsável pela seleção desses subsídios. A proporção⁴² nos colegiados era de 70% docentes, 15% técnicos administrativos e 15% estudantes. Essa porcentagem referente aos estudantes era preenchida por indicação em sua assembleia geral e, por questões éticas, não poderia ser um estudante que estivesse pleiteando o auxílio aluguel e a BAAE I.

A moradia estudantil de Rio Claro há muito tempo havia conquistado sua autonomia política, de modo que a seleção institucional vinha apenas como validação e não como filtro. Sem autonomia, os estudantes estariam numa situação difícil, pois a seleção institucional, geralmente, saía em meados de maio e as aulas começavam em torno de março. Ou seja, se os já moradores não pudessem acolher outros estudantes sem a interferência da instituição, onde eles ficariam durante esse período de espera? Poderia ser o corte da corda que alguém agarrava.

Naquele ano, não havia representante estudantil na CPEU, assim fomos surpreendidos quando a seleção da BAAE I saiu. Escuto dois veteranos conversando sobre o resultado:

— O que é isso? O Cláudio, da minha sala, havia me dito que entraria com o pedido para auxílio aluguel. E ele ganhou a BAAE? Como assim, ele tem condições de se manter na faculdade!

— A mesma coisa aconteceu com esta Jamilly, eu a conheço.

Em pouco tempo, diversos veteranos (não necessariamente da moradia estudantil) reclamavam da seleção alegando incoerência, pois nela, em sua grande parte, contemplava

⁴⁰ Note que venho falando sobre Permanência Estudantil e o próprio nome da Bolsa não contempla a permanência, e sim extensão, o que pode ser considerado uma visão deturpada/conveniente de extensão universitária.

⁴¹ Nesse momento cabe ressaltar que cheguei uma semana antes de começar as aulas e a moradia estudantil me acolheu (mesmo não tendo saído o resultado institucional), caso contrário não teria onde ficar. Isso só pôde ocorrer devido à conquista da autonomia da moradia estudantil em sua organização.

⁴² Artifício que sustenta a estrutura de poder da universidade.

estudantes com condições financeiras de se manterem na universidade e muitos que diziam precisar do auxílio estavam de fora. Eu havia sido selecionado e estava com medo de fazerem uma nova seleção e eu ficasse de fora.

Esse acontecimento impulsionou minha primeira experiência com manifestações. O movimento estudantil organizou um ato na universidade para denunciar o critério da seleção e mesmo com medo, eu fui participar. Não sei o porquê fiz isso, afinal eu tinha sido selecionado e uma nova seleção poderia me deixar de fora, talvez eu tenha sido movido por certo juízo moral ou simplesmente, movido pelo medo.

Na entrada principal, iniciamos a manifestação batendo panelas e soltando gritos de ordem. Seguramos o trânsito, deixando-o fluir de carro em carro, para tentar comunicar o máximo de pessoas sobre tal seleção. De lá, saímos em passeata até os blocos didáticos para também informar aos demais estudantes, em busca de mais adesões. Íamos de sala em sala, e nas que obtínhamos autorização do professor para dar o informe, relatávamos o ocorrido e convidávamos todos para seguir em nossa passeata até o prédio da administração. Vimos muitas expressões de desdém, de alunos e professores, mas também vimos alguns estudantes que se identificaram com a causa e se juntaram a nós. Fomos em direção à administração com nossos gritos e panelas, acompanhados pelos olhares de aprovação/reprovação. Felizmente, ao chegar lá estava havendo uma palestra com um convidado de fora da unidade. Situação propícia, pois fez com que a direção rapidamente nos atendesse esperando que os gritos parassem para que a palestra pudesse continuar. O Vice-Diretor do instituto, na época presidente da CPEU, nos deu a palavra e um porta-voz tomou a iniciativa:

— Que seleção é essa que contempla quem não precisa do auxílio e quem precisa fica de fora? Que critérios foram usados? Exigimos uma nova seleção com a presença de um estudante que conheça os demais!

— Tenham calma! Não precisam desse barulho todo, era só terem entrado com um recurso sobre o resultado. Comunicamos a todos os segmentos que haveria a seleção e que mandassem seus representantes, nenhum estudante se manifestou. Mas não há problema, se tiver algum aluno que não está concorrendo ao auxílio e quiser participar, acho que podemos refazer a seleção de uma forma mais justa, desde que vocês deixem a palestra continuar – disse o vice-diretor.

Saímos e dentro de uma semana houve outra seleção e com ela uma grande mudança dos selecionados. Permaneci selecionado e um amigo até brincou “Você é pobre mesmo, participa da lista de quem precisa e de quem não precisa!” No fundo, eu estava apenas aliviado, pois conseguiria ter um auxílio para me manter na cidade nova.

Não foi apenas nesta manifestação que houve a participação da moradia estudantil. Ela sempre tentava se fazer presente em todas que lutavam pela permanência estudantil ou pelos direitos dos trabalhadores. Sua presença não se dava apenas em número (massa), mas também nas propostas e nas argumentações. Isso se dava, também, porque naquele espaço, que teoricamente deveria servir apenas de moradia, havia inúmeros grupos de discussões sobre temas sociais com textos que serviam de base para as discussões. Além desses grupos, havia também um fórum local que usávamos para discutir o regimento interno da moradia estudantil e nele colocávamos em pauta a permanência estudantil, o acesso, a universidade, a pesquisa, o ensino e a extensão.

Coruja: sábio ou aprendiz?

Por que a coruja tem a fama de representar a sabedoria? Há quem diga que faz referência à mitologia grega, à Atenas, ou até mesmo à noite, quando surgem os pensamentos, as reflexões. Mas o que sabemos sobre as corujas?

Em meu primeiro ano tentei me aproximar como se fosse uma coruja que apenas observava,⁴³ um pouco aqui, um pouco ali.

Minha casa tinha uma organização individual em relação à comida, e mesmo sabendo que outras casas se organizavam coletivamente eu optava por comer no restaurante universitário. Eu sabia que havia doze casas com oito moradores em cada, porém insistia em permanecer apenas na minha. Sabia que todos os cursos estavam ali representados, uns mais e outros menos, mas eu acabava sempre optando por conversar com as mesmas pessoas, geralmente da minha casa que compreendia, coincidentemente, mais pessoas do curso de Matemática e Física. Mesmo sabendo que havia os Grupos de Discussões (GDs), eu optava por estudar apenas o conteúdo do meu curso, mas, mesmo assim, isso não significava que eu estava obtendo resultado nas disciplinas. Algo parecia errado.

As primeiras semanas do curso pareciam ter como objetivo adequar o estudante à universidade. Para a adequação no curso, além de haver uma certa revisão em cada disciplina, havia também um "curso de extensão" com assuntos referentes ao ensino médio para tentar nivelar os alunos⁴⁴. Mesmo com revisões e/ou nivelamentos, aquele aluno que se saía muito bem no ensino médio via suas primeiras "notas vermelhas". Algo parecia errado.

⁴³ Uma amiga bióloga me disse um dia que a coruja, devido aos seus grandes olhos, enxerga em forma de tubo, centralizando o foco na presa e aumentando sua percepção de profundidade.

⁴⁴ Quando escutei sobre a expressão "extensão universitária" fui procurar saber seu significado e tinha compreendido que se referia a projetos voltados para a sociedade, além dos muros da universidade. Sempre me

As notas baixas eram uma preocupação, mas também uma desculpa para não participar do movimento estudantil. Optava em estudar e o resultado acabava sempre vindo em notas baixas. Tinha certo receio do movimento estudantil pelo estereótipo que existia de quem participava – baderneiros, desocupados, etc.

Como a matemática não estava dando certo, quis sair dela e aprender alguma coisa, qualquer coisa. Comecei querendo aprender a cozinhar para saber passar por condições adversas em que estivesse sozinho. Pouco a pouco, comecei a querer aprender mais de meus amigos de casa: a limpar, lavar roupa, conversar, etc.

Percebi o que eu estava errando: Eu estava fazendo o papel de coruja de maneira equivocada. A coruja não apenas observa, ela também tem uma excelente audição, uma enorme capacidade de enxergar no escuro, voa, caça, se *movimenta*. Sua observação não é uma simples observação, ela pode girar sua cabeça em até 270°, o que coloca o objeto em foco em diversas perspectivas. Comecei a tentar voar, caçar, observar em outras perspectivas e enxergar mais além da escuridão.

Aprender coisas do cotidiano me fez ficar mais em casa. Estando mais presente em casa pude ser mais presente na moradia. Comecei a conhecer as pessoas que moravam no mesmo ambiente que eu. Conhecer além de uma saudação, mas de conversar e trocar ideias sobre tudo. Fui percebendo que o conhecimento de quem mora lá é de suma importância, tanto para a convivência quanto para a segurança. A interação fazia bem à moradia e me fazia bem, entrava em assuntos que nunca tinha ouvido falar, começava a dar mais atenção à assuntos que não me afetava. Senti que precisava de mais maturidade – ter mais responsabilidades, saber ouvir mais, atuar mais.

Enquanto isso, a matemática - que antes da graduação não precisava nem estudar para ir bem na prova - continuava a dar errado, ao ponto de eu ter que obter um dez na última prova para poder ser aprovado em uma disciplina. A diferença é que eu agora via um progresso no meu comportamento e esta visão me mostrava que o motivo do baixo rendimento é que eu não sabia estudar, tudo que eu achava ter aprendido, na verdade não tinha aprendido. Assim, começou um processo de desconstrução: o de esquecer os mecanismos que sabia sobre a matemática. Aliás, o esquecimento deveria acontecer não só na matemática.

questionei sobre o uso dessa expressão para assuntos voltados à universidade, não entendia se aquilo podia ser considerado extensão mesmo, ou simplesmente, deveria ter algo de extensão e incluíam tudo que fosse extraclasse.

Quando perguntava a algum amigo veterano da matemática "como você estuda?", obtinha respostas vazias na maioria das vezes e, na minoria, um método. Mas tal método não funcionava para mim. Foi nas conversas com pessoas de outros cursos que moravam na moradia que fui encontrando outras opções. Cada um estudava diferente, mas todos estudavam para aprender e não para decorar. Me pus a refletir e vi que nesses anos todos o meu aprendizado se deu apenas de forma mnemônica e mecânica. Antes tinha êxito em matemática, pois a que aprendi consistia na forma: o conteúdo é esse e estão aqui os exercícios para aplicá-lo. Só que no ensino universitário o porquê era mais importante do que os exercícios, tanto que na matemática universitária praticamente não fazemos exercícios; fazemos demonstrações.

Não sabia estudar matemática para aprender e decidi estudar outra coisa sem ser a matemática para ver se aprendia. Nas conversas com meus amigos da geografia e pedagogia fui apresentado a diversos teóricos famosos. Eu não conhecia nenhum. Minhas pesquisas individuais sobre eles também não resultavam em um entendimento de sua teoria. Comecei a participar dos GDs, assim como das assembleias, palestras, entre outras coisas que, não necessariamente, me remetiam às aulas de matemática.

Me sentia cada vez mais diferente. Assuntos que me chamavam atenção, já não mais chamava. Brincadeiras que fazia, agora via como reprodução de discursos preconceituosos. Questionei meus atos preconceituosos que me tornavam um opressor sem o meu consentimento; questionei minha educação; questionei minhas práticas e comecei, também, a questionar as aulas. Ficou claro o objetivo daquela professora que eu achava que não sabia ensinar simplesmente porque seu método de ensino era diferente do tradicional que tive. E por fim questionei a matemática e meu entendimento dela.

Maturação e a permanência estudantil

O questionamento das teorias sociais me trouxe o amadurecimento⁴⁵ que precisava para aprender a estudar. Agora a matemática vinha como desculpa para eu conhecer toda a universidade, dialogar com outros cursos, dialogar com os funcionários, dialogar com a comunidade e aprender o tanto que eles me mostravam.

Aos poucos fui me conhecendo e sabendo como estudar. Estudava menos do que antes, agora o suficiente para entender. Nesse processo árduo fui conseguindo aprovação nas

⁴⁵ Concordo que não necessariamente o questionamento seja o meio do amadurecimento, mas em meu caso foi.

disciplinas. Mas, para isso, também precisei de um impulso de uma professora. Em uma das reuniões com os bolsistas da BAAE, a professora se dirigiu a mim:

— Como está indo em geometria analítica?

— Ah! Se eu tirar dez nessa última prova eu sou aprovado sem precisar da prova substitutiva – respondi a ela.

— Então você vai fazer a prova substitutiva porque nesse tempo nunca vi um ingressante tirar um dez em geometria analítica.

— Eu te apresento um.

Apontei para meu colega Renato que estava na reunião e na última prova tinha acertado todas. Ela continuou:

— Mas olha o perfil do Renato e olha o seu. Não tem nem comparação!

Essa subestimação foi a força motriz que necessitava⁴⁶ e a partir daquele momento veio o êxito nas disciplinas.

Nesse período, fui contemplado com a bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET), acontecimento que veio para acrescentar ainda mais nessa transição de autoconhecimento e entendimento da universidade.

O PET, assim como a universidade, está sustentado pela base: pesquisa, ensino e extensão. Só que com ele pude sentir mais forte cada pilar de sustentação. Nele teria que ter um professor orientador para um projeto de pesquisa e participar de projetos que envolvessem diretamente os pilares.

“Pessoas interessadas geram pessoas interessantes”

O novo ano entra e com ele as potências dessa nova transição. Converso com o Prof. Romulo sob a possibilidade de me orientar num projeto de pesquisa sobre Teoria dos Números⁴⁷. Não conhecia o professor, cheguei a ele após indicações de veteranos. Até hoje não sei o motivo dele ter aceitado orientar alguém que não conhecia, alguém que simplesmente pediu sua orientação sem ter projeto algum. De toda forma, foi um acontecimento que me marcou.

⁴⁶ Deixando claro que minha reação foi de raiva e o orgulho queria mostrar a ela o contrário, porém do modo que a professora fez, se fosse uma pessoa (até mesmo eu se não tivesse curtindo tanto a universidade) com autoestima baixa seria o gatilho para uma desistência.

⁴⁷ Tema que me interessou durante a semana de estudos da matemática por causa da “matemática” apresentada pelo palestrante.

Nos encontros de orientação ia preparado para encher a lousa com informações do conteúdo⁴⁸. Romulo, como orientador, veio no momento certo da minha formação. Seu método de orientação não consistia em escrever na lousa e, sim, conversar. Conversas que sou grato até hoje. Nas conversas ele partia do que eu sabia e por meio de questionamentos, me fazia pensar "o que aconteceria se...." Para cada nova definição ou teorema, o questionamento persistia com suas colocações muito bem elaboradas. Dizia que a pesquisa era para mim e não para ele. Se eu quisesse prosseguir traria questões a ele, mas caso contrário não precisava ter encontro. Em suas palavras: "Pessoas interessadas geram pessoas interessantes" - para mim a recíproca também valia. Foi nesses encontros que achei o meu modo de estudar e por meio dele consegui ter êxito nas disciplinas e, conseqüentemente, me licenciar em matemática.

Extensão Universitária?

Ser bolsista do PET também me proporcionou a oportunidade de me apresentar como opção de representante na CPEU, já que não estaria pleiteando nenhuma bolsa de extensão. Um amigo da moradia estudantil, o Blanka, também se interessou e por ele ter mais tempo de universidade decidimos que seria melhor eu ficar como seu suplente para poder me familiarizar com o ambiente de um colegiado.

Conversamos com o presidente da CPEU e ele aceitou minha participação nas reuniões mesmo com a presença do titular. Sempre que havia reunião recebíamos um e-mail de convocação com a pauta anexa para conversarmos com nossos pares previamente. Já listávamos pessoas que conhecíamos que diziam precisar do auxílio para poder relatar, caso ficassem de fora da seleção. Seleção um tanto quanto questionável. A seleção dos bolsistas levava em consideração um formulário socioeconômico e uma entrevista com a assistente social.

— O formulário pontua o candidato de acordo com suas aquisições materiais: quantidade de televisões, quantidade de telefones celulares, etc. Como se hoje uma família pobre não conseguisse comprar uma televisão parcelando seu valor em mil vezes! Nem por isso ela deixa de ser pobre. Assim como essa pontuação da distância para o campus não tem efetividade conclusiva, pois alguém pode morar perto e precisar mais do auxílio do que alguém que mora mais longe. Ainda bem que o fator crucial da seleção é a entrevista com a

⁴⁸ Assim como fazia nos encontros da BAAE. Encontros que os professores do primeiro ano da matemática se revezavam para orientar os bolsistas.

assistente social, senão estaríamos perdidos com esses critérios – me explicou o Blanka como funcionava a seleção para a BAAE.

Para os estudantes, a BAAE I era uma bolsa de permanência estudantil; para alguns docentes, não. Em diversos momentos tentavam vinculá-la com o critério meritocrático, alegando que o estudante não poderia obter a bolsa (mesmo precisando) porque não tinha um bom rendimento acadêmico. Com isso os cursos que tinham altos índices de reprovação, como por exemplo a matemática, dificilmente teriam alunos contemplados. Como representante, presenciei um exemplo em que os membros da comissão estavam negando a bolsa à uma aluna do curso de Física, justamente por ela ter um baixo rendimento.

— Como podemos fornecer a bolsa para ela? Olha só as notas dela! Ela não nos ajuda a ajudá-la, não é correto dar a bolsa para ela, enquanto que outro com notas melhores fica sem.

— Não podemos selecionar alguém apenas olhando seu rendimento nas disciplinas. A BAAE I tem, sobretudo, um critério socioeconômico. Essa menina já é bolsista, ou seja, já foi selecionada, justamente pelo critério socioeconômico, eu duvido que a situação financeira tenha mudado de uma hora para outra. O ideal era ter bolsa para todos, mas se vocês têm algum tipo de receio, por que não perguntam ao orientador dela qual o comprometimento dela? – disse Blanka, rebatendo a professora.

O orientador teve um papel fundamental na mudança de opinião dos membros, pois encheu a aluna de elogios; por mais baixo que fosse seu rendimento, ficara evidente de que não era por falta de esforço. Mas quantas pessoas que precisavam foram negadas tomando como base um critério além do socioeconômico, a dizer, meritocrático?

“Queríamos saber se estavam vivos!”

Foi justamente nesse ano que aumentaram as burocracias para obtenção e manutenção da BAAE. Fato é que no meio do ano, sem aviso prévio, sem diálogo, cortaram a bolsa de 4 estudantes. Os estudantes nos procuraram para saber o que tinha acontecido, pois o cartão deles não estava sendo autorizado. Blanka rapidamente comunicou mais amigos, e de forma exponencial, o movimento estudantil já estava sabendo do corte e debatendo sobre ações.

Foi um dos poucos momentos em que eu vi o movimento estudantil começar a articular ações tão rápido. Em questão de minutos, já havia uma grande quantidade de estudantes dispostos a ocupar o prédio da administração do instituto como forma de reivindicação para pedir esclarecimentos e a suspensão dos cortes.

No início da manhã, ao invés de irmos para a aula, levamos nossos colchões para a administração, tendo em mente sair de lá só quando tivéssemos uma reunião com os diretores. Esse acontecimento foi o fator decisivo para o movimento estudantil explodir questionamentos a diversos pontos que não contemplavam os estudantes. Nas faixas elaboradas:

- POR UMA COMISSÃO PERMANENTE DE PERMANÊNCIA ESTUDANTIL;
- O CRITÉRIO É RENDA, SEM PRODUTIVISMO;
- POR ALUNOS DA PÓS NA MORADIA

Questionamos porque a BAAE ainda era considerada como extensão e não como uma política de permanência estudantil. Sendo uma política de permanência não era necessário haver avaliações de produção e deveria beneficiar, também, alunos de pós-graduação, mesmo que fosse apenas com a moradia estudantil.

Durante a ocupação, tiramos comissões para que houvesse uma organização do movimento. Havia comissão responsável para a comida, para a limpeza, para segurança do espaço público e para procurar textos que servissem de base na reunião com os diretores. À noite fizemos debates sobre permanência estudantil para nos preparar.

Após um dia de ocupação, com cerca de 200 estudantes dormindo na administração, os diretores aceitaram fazer uma reunião.

— O que significa essa movimentação toda? – o diretor do instituto abrindo a reunião com todos.

— Senhores diretores, pedimos esclarecimentos sobre os cortes de 4 bolsas BAAE I. Queremos que elas sejam reativadas. Foram cortadas sem nenhum aviso, deixando os estudantes constrangidos ao tentarem passar seu cartão e sem a mercadoria que estavam comprando no supermercado. – Blanka sendo facilitador entre os diretores e os estudantes.

— As bolsas foram cortadas porque os respectivos alunos não entregaram o relatório parcial de suas atividades de pesquisa. – Disse o vice-diretor, presidente da CPEU.

— A BAAE É PARA POBRE, NÃO PARA ACADEMIA. ELA NÃO DEVE SER PRODUTIVISTA – gritou um estudante.

O vice-diretor, com raiva, disse:

— O relatório não tem caráter produtivista, mas sim saber quem está vivo. Não vamos disponibilizar um auxílio sem ter um feedback.

— Então para saber se estamos vivos vocês cortam nosso dinheiro para morrermos de fome? – Disse Nilton, um dos estudantes que teve sua bolsa cortada.

— Tudo bem, já sabemos que vocês estão vivos. Era só isso que queríamos, confirmar que o subsídio estava sendo usado por alguém frequente na universidade. Sendo assim, serão reativadas tais bolsas, desde que vocês saiam do prédio ainda hoje. E numa próxima vez, não precisa de tudo isso para conseguirem falar conosco, é só chegar e conversar conosco, como pessoas civilizadas. – respondeu o diretor do instituto.

— Da próxima vez, para saber se a pessoa está viva convide-a para conversar, ao invés de cortar seu sustento – ironicamente disse Nilton.

Tiramos nossos colchões e limpamos o espaço antes de sairmos do prédio da administração. Não discutimos os demais pontos escritos na faixa, mas saímos com as bolsas reativadas.

Este movimento foi o primeiro que me proporcionou viver o método de luta "Ocupação". O contato midiático que tive com essa palavra me levava a entender de forma pejorativa, até então, que uma ocupação não passava de uma invasão. Com esse acontecimento, me dei conta que o espaço que ocupamos era nosso por direito, por ser um espaço da esfera pública. Assim, ocupar o que é nosso não é invasão, invadir é tomar como seu um espaço de outrem. Ocupar é preencher, não tomar para si, e, como fluidos, preenchemos aquele espaço, nos movimentando e movimentando-o de diferentes maneiras. Dormimos, comemos, limpamos, debatemos, conversamos, vivemos naquele prédio por dois dias. Aquele prédio público se tornou a casa daqueles estudantes e, como fazemos na nossa casa, mantivemos aquele ambiente habitável e organizado. As comissões foram necessárias, pois em um movimento horizontal e com muitas pessoas é difícil manter a organização, sendo que qualquer ação poderia ser usada para criminalizar nosso movimento. Ocupar é um dos atos mais democráticos com que tive contato. Além da organização estrutural, participar de um movimento desses é um modo de entender a semântica da palavra democracia.

Direção de moradia

Participar do PET, fazer iniciação científica, aprender a estudar, discutir sobre textos e empregar participação em coletivos estudantis foram movimentos que auxiliaram no processo de desconstrução dos juízos morais reproduzidos ao longo dos anos. Se estendeu, também, para o conhecimento matemático, e o ensino médio foi ficando para trás. À frente apenas o devir.

Desconstruir me levou a construir; na matemática, a desconstrução do estereótipo de ciência exata para o pensamento de uma ciência humana, construída por eles para eles.

Acabou o período de representação discente na CPEU, mas não queria ficar sem participar. Assim, me envolvi com outros moradores que tinham interesse em criar uma chapa para a direção de moradia.

Comecei o novo ano como integrante da direção de moradia com a expectativa de representá-la perante a instituição. Uma das primeiras ações articuladas por quase todos os anos é a recepção aos ingressantes. Reitero, novamente, que com a autonomia política conquistada recebíamos estudantes antes mesmo da seleção institucional. Assim, colocar bancadas da moradia estudantil no ato da matrícula era uma ação importante para divulgar aquele local para seu público-alvo, haja vista que antigamente não havia essa iniciativa e muitos estudantes apareciam por lá apenas após a seleção institucional – o que causava grandes complicações a eles que faziam o impossível para se manter até tal data⁴⁹. Além disso, nossa chapa teve a ideia de inserir um link na página institucional da universidade que continha as informações necessárias sobre a moradia estudantil e um chat no *facebook* para dúvidas. Mas para quê tudo isso, se quando não tinha, ainda assim a moradia estudantil era cheia? Hoje vejo que tal iniciativa foi uma medida que proporcionava duas ações: Divulgava a moradia estudantil para os estudantes pobres saberem sua existência e, em contrapartida, divulgava a moradia estudantil como um local bem organizado pelos estudantes⁵⁰.

Quando pesquisava sobre quais universidades eu poderia indicar como opção no vestibular não achava, na maioria, informações sobre políticas de permanência estudantil, fator que pode excluir a possível indicação do candidato – ter acesso a uma universidade é muito mais do que passar pelo funil do vestibular.

Participar da direção de moradia foi uma amostra do que é pertencer a um movimento representativo. Fazíamos reuniões semanais para pontuar as demandas estruturais a serem apresentadas para a instituição e, também, infelizmente, para fazer “papel de síndico” ao ter que resolver conflitos internos.

Tínhamos um diálogo muito frequente com a direção do instituto responsável pela moradia estudantil. Enviávamos sempre uma lista com pontos que precisavam de manutenção e novas propostas de melhorias, como por exemplo, conseguimos que o instituto fornecesse o gás encanado.

⁴⁹ Eu, por exemplo, só escolhi onde iria estudar por causa do local compreender uma moradia estudantil. No ato de minha matrícula não havia essa iniciativa, tive que procurar por outros meios para saber o que fazer para entrar na moradia, mas isso porque eu sabia que existia uma.

⁵⁰ Digo contrapartida porque esse fato fez com que surgissem muitas pessoas que tinham condições de pagar um aluguel, mas na pressa de arrumar um lugar para ficar acabavam indo temporariamente para moradia estudantil quando viam a divulgação. Esse temporariamente acabava sendo um tempo indeterminado, gerando tumultos e lotação. Pela forma de organização – acolher a quem dissesse que precisava de um lugar para ficar antes da seleção – era inevitável esse acontecimento.

O nosso papel também era mediar as assembleias internas da moradia. Tive que perder o medo de falar em uma assembleia, aprendi a fazer atas de reuniões e a lidar com as burocracias institucionais. Considerava uma organização representativa como algo além dos interesses individuais para que o coletivo se sobressaísse, caso contrário estaria mais próximo de uma organização ditatorial do que representativa. Percebi fortemente este aspecto ao confrontar conflitos internos entre os moradores.

Os problemas mais difíceis que tivemos de lidar foram os problemas de convivência e problemas com a manutenção do espaço. Os primeiros se davam desde coisas pequenas, como comida, até enormes, como casos de opressão. Uma das assembleias mais longas que presenciei (e que tive que fazer a ata) foi uma que teve como estopim um ato de machismo⁵¹, na qual convidamos o movimento feminista da universidade para participar com sua proximidade sobre esse tipo de opressão. Fiquei surpreso nesse dia, pois muitos que entendiam a direção de moradia como representação estudantil esperavam que fizéssemos alguma medida punitiva ao agressor desconhecido, como se fôssemos o Estado mesmo. O que podíamos fazer era pensar em medidas estruturais para prevenir casos semelhantes no futuro, medidas que visassem o respeito à diversidade, por exemplo, tentamos deixar o máximo possível de casas mistas, com ambos os gêneros, pois havia ainda casas homogêneas e todos concordavam que a vivência era fundamental para o respeito à diversidade.

Na manutenção do espaço, um dos problemas mais difíceis com que tivemos de lidar foram as manifestações artísticas nas paredes com a pichação. Um tema muito polêmico que atravessava desde julgamentos morais a critérios estruturais. Fizemos GDs e diversas assembleias para abordar o tema, mas nunca deixava de ser polêmico, porque ao mesmo tempo em que tínhamos contato com estudos que mostravam a relevância cultural e o movimento expressivo que abordavam o tema, também tínhamos, além dos julgamentos morais dos moradores, o julgamento moral institucional, já que naquele ano tínhamos conseguido a pintura de todas as casas e tais manifestações artísticas iam de encontro com essa pintura, cujo gasto visava a manutenção do espaço. Se pedíamos para apagar as pichações eramos tachados de ditadores do proletariado e se não pedíamos, os próprios moradores denunciavam para o instituto e nós seríamos responsabilizados. A representação aqui se mostra utópica, uma vez que dificilmente há unanimidade, ou seja, a imparcialidade, já dizia Paulo Freire, é impossível.

⁵¹ O celular de uma menina havia aparecido com o fundo de tela com a foto de um pênis de algum morador.

Centro Acadêmico

Participar de um movimento representativo é um desafio e, de certa forma, poderia ser mais difícil, uma vez que contávamos com a participação e ajuda dos moradores nos diálogos e nas tomadas de decisão. Caso contrário, talvez eu teria desistido na primeira semana. Ao invés disso, tomei desejo de fazer o mesmo, agora no meu curso.

Estava ansioso em querer representar meu curso e, quem sabe, provocar algumas mudanças. Ficamos um bom tempo sem centro acadêmico, quando ingressei no curso ele já não existia, ressurgindo no meu 3º ano. No entanto, como estava com a responsabilidade da direção de moradia, do PET e do curso em si, não participei desse movimento que retomou o centro acadêmico, mas todos os integrantes eram meus amigos e me convidaram para tal.

No ano seguinte me inscrevi para participar da chapa que iria dar continuação a essa retomada. Entenda, na moradia estudantil eu me sentia apenas mais um, mas no curso eu me sentia estereotipado, justamente por fazer parte do movimento estudantil, alguns até traçavam um perfil de polêmico para mim. Por que estou dizendo isso? Os alunos da matemática retomaram o centro acadêmico, pois sentiram a falta de tal representatividade, mas, mesmo assim, em uma votação que tinha apenas a minha chapa inscrita, de uns 100 alunos do curso (devido as evasões), 27 votaram a favor da chapa, 10 contrários a ela e o restante não votou. Com esses números, que legitimidade tem tal representação? Muitos preferiram ficar sem representação do que votar na chapa, mas, de acordo com o regimento, fomos eleitos. Me vem sempre à cabeça o comparativo com o voto nulo de uma eleição, a insatisfação que ele representa. Mas, ao mesmo tempo, me questiono sobre esse acontecimento, se tratando de um curso que há tempos não tinha representação discente. Será que é necessária tal representação? Por que a ter? Não querer ter por quê?

Pretendíamos escrever outro regimento, criar um hábito de reuniões entre os estudantes para discutir medidas adotadas pelos conselhos para representá-los nos colegiados e criar uma aproximação com a pós-graduação, visando juntar forças em nível discente. Entretanto, pegamos um período tempestuoso no centro acadêmico.

Além das dificuldades nas relações com os estudantes, também presenciamos dois acontecimentos impactantes, um envolvendo o curso e outro a universidade inteira – separação do departamento de Matemática em dois (Matemática e Educação Matemática) e greve dos estudantes.

A separação do departamento de matemática vinha sendo proposta desde o ano que antecedeu minha entrada no centro acadêmico, mas foi acontecendo durante o ano em curso. Tínhamos muito receio do que essa medida poderia acarretar. Pegamos o documento que tratava dessa separação para podermos entender melhor os motivos que levavam a tal. No documento explicitava diversos itens como justificativa, mas o ambiente para os estudantes sugeria apenas um: conflitos nas relações entre os docentes.

Para nós, por causa de intrigas pessoais, o curso de matemática poderia sair perdendo com a possível falta de diversidade após a divisão do departamento. Não sabíamos o que aconteceria com a grade curricular e nem quais professores pegariam determinadas disciplinas. Esperávamos sempre o pior e, por isso, tínhamos uma posição contrária à separação.

Lembro que além das conversas individuais com docentes, realizamos uma mesa redonda, mediada por nós, com dois professores de cada provável novo departamento. Era um receio que partia do tempo atual e ia até o futuro, nos ingressantes que poderiam pegar um curso desestruturado.

Todas as nossas medidas foram pensadas para difundir informações sobre a separação e tentávamos incluir os alunos nessa decisão – tentativa falha, uma vez que essa decisão não cabia a nós. A separação aconteceu no ano seguinte, em uma época em que eu não estava mais no centro acadêmico e nem na universidade. Hoje, superficialmente, vejo que pode ter sido uma medida necessária para manter o convívio entre os docentes e, pensando no curso, parece que as disciplinas estão distribuídas para cada departamento – o que, por um lado, vem de modo positivo, pois o que eu percebia era certa hegemonia de professores nas disciplinas do primeiro ano que tendiam para certa área da matemática.

Greve dos estudantes

A greve dos estudantes foi, para mim, um acontecimento histórico. Nunca tinha participado de nenhuma greve e agora tínhamos muitos motivos para iniciar uma, havia uma pauta muito longa, pois compreendia reivindicações estaduais e locais.

A nível estadual, erámos contrários à implementação do Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista (PIMESP)⁵² e localmente havia falta de docentes em diversos cursos - quando não faltavam, em sua maioria, era porque disponibilizavam a vaga para alunos de doutorado. Muitos doutorandos acabavam por aceitar um contrato precário de trabalho pensando na experiência profissional de trabalhar numa universidade, ou, até mesmo, para ser considerado como estágio de docência.

Havia também a necessidade de implementar recursos para acessibilidade plena na estrutura universitária; uso do restaurante universitário para o período noturno e também que houvesse cardápio vegetariano; melhoria na iluminação de todo o terreno da universidade; construção de mais blocos da moradia estudantil (há tempos que compreendia mais pessoas do que o número de camas disponíveis) e aumento do número de bolsas para permanência estudantil, uma vez que o que tinha não estava suportando a demanda.

Antes de deflagrar a greve, fizemos um dia de paralisação para discutir sobre as demandas locais e estaduais. Foi um dia bem produtivo, as paralisações foram aprovadas por todos os cursos e nos grupos de discussão participavam discentes, docentes e técnicos administrativos. Ironicamente, ao parar as atividades foi que eu senti movimentar a universidade. Professores que sucumbiam a uma grade curricular davam, agora, aulas públicas sobre temas que tinham proximidade e desejos de promover discussão. Enxerguei naquele ambiente um local para pensar, para agir, um local vívido, um plano de imanência. O que o impedia de ser sempre assim?

Após a paralisação, cada curso ficou de fazer uma assembleia para balanço das discussões e para verificar a possibilidade de uma greve, uma vez que em outros campi já existia tal movimento. Na matemática, tivemos uma assembleia esvaziadíssima, tendo os presentes participado também da paralisação. Com quórum insuficiente, não achamos viável decidir sobre a adesão da greve, entretanto nós do centro acadêmico, enquanto entidade estudantil, demonstramos nosso apoio à deflagração da greve. Sabe aquilo de não haver imparcialidade? Não podíamos falar em nome de todos os alunos, mas podíamos representá-los na greve como entidade estudantil.

⁵² Com a conquista das cotas raciais nas universidades estaduais os reitores foram pressionados para implantar algum programa que abrangesse o acesso desse público na universidade, o PIMESP foi a proposta (meritocrática) do Estado de São Paulo que, em linhas gerais, sugeria levar o cotista para um ambiente de ensino à distância, em que após o término de 2 anos teria um certificado de tecnólogo e se obtivesse determinado rendimento (então) poderia ingressar na universidade. Para maiores informações técnicas sobre o programa veja <http://redeemancipa.org.br/pimesp-o-que-e/>, acessado em 28/11/2017.

Na assembleia geral do campus, depois da contextualização da pauta, cada centro acadêmico colocou o posicionamento de cada curso deliberado em suas assembleias e, em seguida, cerca de 500 estudantes votaram a favor da greve, a partir do dia seguinte. Naquele momento, achamos melhor diluir os centros acadêmicos para não centralizar o movimento nessas entidades. Todos agora fazíamos parte do comando de greve. Uma relação de força é amoral, na qual uma força quer dominar a outra, isso é o que constitui o poder. Sendo assim, não cabe julgar a representatividade, uma vez que numa guerra de forças se usa as armas disponíveis.

A assembleia foi em uma quinta-feira à noite. Na sexta-feira de manhã já estávamos indo de sala em sala avisar aos demais alunos e aos professores de que em assembleia tínhamos decidido pela greve dos estudantes. Começava ali os conflitos, a disputa do poder, a guerra em tempos de paz.

A grande maioria dos alunos e professores nem deram atenção para a deliberação.

— Sou a favor das pautas, mas sou contra que tenha uma greve, não quero me prejudicar no curso. — Disse uma aluna ao ser informada pela deliberação.

— Mas você estava presente na assembleia para propor uma outra alternativa? Porque os presentes, depois de muita discussão, tiveram essa decisão. É até meio absurdo dizer que é a favor da pauta, mas não propor um método para efetivá-la. É querer, mas não fazer. — o comando de greve respondia.

De um lado, pessoas querendo fazer valer a decisão de uma assembleia e de outras pessoas que querem continuar normalmente seu cotidiano. Não tem jeito, é disputa de poder, relação de forças, cada um querendo dominar com seu desejo.

Nesse primeiro dia de greve, basicamente, geraram-se diversos conflitos que acabavam, na maioria das vezes, na suspensão da aula, com o docente justificando que não tinha condições de continuá-la devido ao barulho dos grevistas no lado de fora.

Joguem a coruja aos leões

O fim de semana nas redes sociais foi caótico. Inúmeras reclamações dos alunos da matemática direcionadas a nós do centro acadêmico. Apontavam que não votaram para ter greve e que queriam ter aula. Queriam explicações sobre o nosso posicionamento da greve.

Fizemos uma reunião urgente *online* e decidimos convidar todos do curso de matemática para conversar na segunda-feira de manhã.

Eu estava receoso, pois, como presidente do centro acadêmico, ficou sob minha responsabilidade ser o porta-voz e explicar todo o contexto da greve. Conversei com amigos de outros cursos para que me dessem dicas, pois esperava o pior. Alguns amigos foram solidários comigo e disseram que estariam presentes nessa conversa esperando me dar um pouco mais de confiança.

Na segunda-feira, às 8h, o departamento de matemática estava lotado! Alunos de todos os anos – alguns fazia tempo que nem via pela universidade – e alguns docentes preenchiam o vão do departamento. Olhares que nos mediam, olhares de desaprovação e alguns de motivação. Todos ficaram em silêncio quando comecei a falar. Espantosamente consegui falar. Tentei rodear os olhos em todos, mas me apegava aos olhares acolhedores. Contextualizei todo o panorama, desde a paralisação à assembleia, e dei liberdade para que qualquer intervenção ocorresse.

Alguns alunos questionavam, mas seus questionamentos baseavam-se no argumento de que não estavam presentes nesses atos. Não estavam presentes porque não se fizeram presentes, este é um enorme problema de muitos, não participam das discussões que os envolvem diretamente e depois deslegitimam tais atos, apoiando-se nesse argumento. Continuei falando sobre o nosso posicionamento, cuja postura condizia em não decidir pelo curso de matemática, devido a uma adesão minúscula na assembleia do curso, mas, enquanto entidade estudantil, o centro acadêmico da matemática, considerando justos todos os pontos reivindicados pela pauta, apoiaria a greve. Coloquei ponto por ponto, explicando cada um e abrindo sempre para intervenções e, assim, concluí minha fala.

Durante o discurso, percebi muitas pessoas concordando com ele, alguns inclusive mudando de opinião. Fiquei surpreso e feliz em ter conseguido falar de forma clara e sem ficar nervoso. No final, convidei todos a construir a greve conosco, pois unindo forças a greve acabaria mais rápido. A resposta da maioria das pessoas foi virar as costas e sair do departamento em silêncio, mas alguns vieram tirar dúvidas sobre como se juntar à greve e quais retaliações poderíamos levar – isso eu também queria saber.

Não há docência sem discência?

Os conflitos continuaram com muitas tensões e muito desgaste. Barrar aula é o lado mais negativo de uma greve estudantil, o bom seria se não precisasse disso, aliás, se não precisasse de uma greve. Esse é o ponto, na visão de muitas pessoas quem adere à greve adora fazer greve. Não! Fazer greve é cansativo e desgastante, fisicamente e emocionalmente. Numa greve estudantil não deixamos de ser estudantes, queremos ter aulas e por isso a barramos. Parece contraditório, mas em uma greve rompemos com nossa rotina; um momento de escape que suspende o tempo e mesmo para quem não adere, a greve, por si, promove reflexões acerca dos impactos dessa paralisação. A greve demonstra uma insatisfação e, para os estudantes, a rotina é a de aula, então ela não pode acontecer.

Podemos questionar a efetividade de uma greve estudantil comparando-a com a greve de trabalhadores, que por sua vez, conseguem parar a produção, por conseguinte, conseguem gerar prejuízos. O que parar aula produz? Ou sendo mais abrangente, quando um professor entra em greve, qual o prejuízo? Qual a potência da greve na Educação? De todo modo, não podemos deslegitimar esse método histórico de luta. Uma greve não surge do nada, é construída pela base e passa por muitas discussões antes de se efetivar.

Cravar a greve em barrar aula não era produtivo. Conseguíamos barrar as aulas, mas depois de haver muito desgaste que iam de agressões verbais às agressões físicas. Mas se caso não barrássemos, os estudantes grevistas ficariam com falta e sem o conteúdo, sem contar que greve sem suspensão do tempo, não é greve.

Além do declínio da saúde mental provocada pelo desgaste, muitos professores combinavam aulas escondidas em seus departamentos – eu mesmo presenciei isso na matemática. Estava no último ano, prestes a receber meu diploma, dependendo apenas de ser aprovado nas disciplinas, e, por ser grevista, era colocado de lado em algumas disciplinas. Perdia aulas de disciplinas – diga-se de passagem historicamente difíceis de obter aprovação – porque elas aconteciam secretamente.

O que é o ato de ser professor? E o ato de ser aluno? Pensava numa sala de aula como algo coletivo e não individual. Até que ponto é válido o que Paulo Freire dizia “não há docência sem discência?” Um professor que dá sua aula⁵³ porque tem que cumprir o

⁵³ Os professores não estavam em greve, portanto é compreensível que tenham que exercer sua função como trabalhadores que são. Entretanto, havia professores que apoiavam o movimento dos alunos e, mesmo não

calendário e um aluno que vai à aula com medo de se prejudicar, ambos desconsiderando o movimento de greve, parece-me um reflexo das relações de poder presentes na hierarquia educacional, ou, simplesmente, a falta de sensibilidade dos dois lados no diálogo.



Figura 3: Empatia. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Mesmo que possa não parecer, não é a minha intenção engradecer o movimento de greve, e nem generalizar tudo, assim como há professores que se sensibilizaram e ajudaram a construir para que acabasse rápido, há alunos que utilizavam da greve como desculpas para ir viajar. Não pretendo atingir unanimidade de opinião, isso não existe, a diversidade está aí para nos mostrar as múltiplas possibilidades. O que não entendo é o comodismo. Quando a pessoa diz que é contra o movimento de greve e coloca argumentos que sustentam sua posição, por mais que eu possa discordar, até entenderei; agora, dizer que concorda com as pautas e quer mudanças, mas não quer estar em ação para que essas mudanças aconteçam e nem legitima quem está na ação, disso eu não entendo. Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática na tensão entre o discurso e o comodismo?

Coletivo de indivíduos ou indivíduo com um coletivo?

Lembra que eu disse que não sabia quais repressões poderiam acontecer? Já passamos pelos conflitos pessoais, pela perda de aulas que aconteciam secretamente e o ápice do meu medo, um professor do departamento de matemática chama uma amiga e a mim em sua sala para conversar.

O professor tinha participado recentemente de um conflito enorme com estudantes, inclusive com agressões verbais, caso de polícia. Parece que ele queria levar adiante o conflito, estava a busca de nomes para empregar processos administrativos. A proposta de nos chamar para sua sala sugeriu, para nós, um provável desconto de sua raiva, personificando o

estando em greve, se recusavam a lecionar no período da greve estudantil para preservar o direito de reposição das aulas.

movimento em duas pessoas, dois estudantes de matemática declaradamente ativos no comando de greve.

Ao conversar com nossos pares, muitos aconselharam a nem comparecer a esse convite e outros acharam por bem irmos para não demonstrar algum tipo de culpa, afinal não éramos os agentes de tais agressões. Achamos por bem conversar com professores do departamento que se mostravam mais sensíveis e que, geralmente, se pautavam em argumentos. Um professor, recém contratado, com o qual eu ainda não tinha tido contato, mas dava aulas para minha amiga, nos recebeu em sua sala.

Contextualizamos os acontecimentos para ele, e gentilmente, começou a nos orientar sobre o que poderíamos fazer:

— Tenham cuidado! Historicamente esse professor tem um temperamento rude com os alunos e ele já está com raiva. Seria uma boa se vocês conversarem com ele calmamente e, se possível, gravem a conversa para se protegerem, em todo caso.

Sáímos de sua sala mais calmos e fomos em direção ao ponto de encontro com o outro professor. Como esperávamos, ele queria saber os nomes, e como somos da matemática, segundo ele, o contato conosco seria mais fácil. Ele deu a entender que queria mesmo levar adiante, mas que não estávamos envolvidos nesses processos, de nós ele só queria nomes – os quais não fornecemos.



Fazíamos programações diárias de eventos de debates ou eventos artísticos, movimentos culturais, fora isso, localmente o que conseguíamos ter era só o desgaste devido aos conflitos, mas estadualmente o movimento estava forte.

Diversos campi em greve, alguns fazendo paralisações e outros partindo para ocupação de seus institutos. Decidimos seguir esses últimos exemplos e ocupamos as salas de aula de um bloco didático. Essa medida nos proporcionou mais objetividade, porque com as

salas de aula ocupadas, de certa forma, não precisaríamos mais barrar aulas – apesar de sabermos que algumas delas aconteceriam porque não chegamos a ocupar todas as salas possíveis, e também, havia as tais aulas secretas nos departamentos.

A ocupação possibilitava focar em negociar com a diretoria dos institutos a nossa pauta, mas isso não quer dizer que deixamos de tentar barrar as aulas. Todavia, já estávamos saturados de conflitos; barrar aula, agora, consistia apenas em colocar uma caixa de som tocando música com um volume alto. Algumas classes conseguiam continuar com a aula, ignorando o som, e outras a suspendiam. Nessas suspensões, dependendo do professor, era considerado aula dada com o conteúdo a ser avaliado mais tarde.

Do mesmo modo, nos organizamos em comissões para gerir a ocupação: comissão de limpeza, de alimentação, de segurança, de comunicação, cultural e também tínhamos a comissão de ética que buscava evitar conflitos e discutir sobre as ações do movimento. As comissões eram necessárias para manter o movimento organizado e para manter o patrimônio público. A história nos mostra acontecimentos que pessoas contrárias ao movimento se infiltravam para prejudicá-lo, depredando o patrimônio ou as ferramentas do movimento.

Tentávamos deixar as comissões rotativas, para não centralizar muito o trabalho em alguém e para que todos ajudassem na construção. Digo tentávamos, porque é muito difícil organizar qualquer movimento. Se o relacionamento na minha casa, com oito pessoas, já era complicado, imagine um movimento que compreendia estudantes de todos os cursos? Ainda temos que trabalhar muito a autogestão para que possamos organizar um movimento desses, e para muitos ali, como eu, aquilo era um fato totalmente novo. Eu me lembro de ter participado das comissões de limpeza, comida e comunicação. Foi na comunicação que percebi uma contribuição mais material vinda de mim. Fazíamos cartazes, panfletos, cartas à comunidade, tentávamos o diálogo com o bairro e enviávamos e-mails às diretorias dos institutos.

Os diretores sempre jogavam a responsabilidade para a reitoria que, por sua vez, jogava a responsabilidade para os diretores, nos deixando nesse ping-pong. Essa hierarquia, estrutura de poder, parece também ser utilizada para descentralizar a responsabilidade e ocultar os responsáveis.

Deflagramos a greve um mês antes das férias do meio do ano, talvez isso tenha sido falta de estratégia, porque quando ela chegou perdemos mobilização. Alguns se renderam ao “descanso” e os que permaneceram, meio que não tinha tantas ações para fazer, foi um período que, praticamente, interrompeu a mobilização. Interrompeu fisicamente, porque nas

redes sociais o desgaste continuava enorme com “debates” feitos no grupo da universidade. Enfatizo *debate* porque o que parecia acontecer era apenas a promoção de discursos de ódio camuflados de liberdade de expressão.



Figura 4: Raiva. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Com o retorno das aulas também houve o retorno da mobilização. Mobilização, agora, também contra os grevistas.

Os debates virtuais disseminaram muita raiva contra o movimento grevista e acabou em unir os alunos que tinham uma visão contrária à greve. Tais alunos tinham como propósito deslegitimar quaisquer ações do comando de greve, fossem elas positivas ou negativas. Essas ações principiaram o enfraquecimento do movimento grevista, uma vez que os diretores começaram a alegar que não era um movimento que representava os alunos.

Localmente estávamos arrasados, mas não demonstrávamos porque ainda havia força no movimento estadual. A união entre os campi e o apoio das demais universidades estaduais estava bem produtora – ao ponto de conseguirmos organizar uma ocupação da reitoria. Veja, na Unicamp, por exemplo, parece ser mais fácil acontecer ocupações da reitoria devido à localidade, mas para nós da Unesp, que estamos distribuídos pelo estado todo e nossa reitoria é na cidade de São Paulo, é necessário haver uma organização muito forte para que essa ocupação aconteça. Um exemplo de que esta organização estadual estava concisa é que conseguimos recriar o Diretório Central dos Estudantes (DCE) para negociar com a reitoria, que há muito tempo não existia na Unesp. Assim, tentávamos segurar a barra localmente para dar sustentação às negociações que aconteciam estadualmente. Paralelamente, também éramos motivados pelas mobilizações que aconteciam na sociedade contra o aumento da tarifa nos transportes⁵⁴.

⁵⁴ Os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público. De acordo com o IBOPE e a Folha de S. Paulo, foram as maiores mobilizações no país desde



Figura 5: Uni-vos! Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Quem conhece a máquina sabe como travá-la

Por mais que as aulas estivessem acontecendo naturalmente, o status de greve era importante para manter as negociações estaduais. Sendo assim, postergamos ao máximo fazer uma assembleia de manutenção da greve. Mas não houve saída. Com a força escassa que estava o movimento local, tivemos que marcar uma assembleia para votar a manutenção da greve. É claro que o comando de greve queria a continuação da greve, mas se ela passasse em assembleia e fosse aprovada novamente, após três meses, teria uma nova força motriz. Entenda, o movimento grevista estava bem difamado, só quem participava e olhava de perto tinha uma imagem diferente.

Chamamos a assembleia sabendo que ela findaria com a greve, mas e se pudessemos sair com o contrário? Para isso, pensamos numa manobra: “e se vencermos pelo cansaço?” Muitos estudantes não estão acostumados com assembleias longas, – aliás, esse é um dos argumentos que eles dão para não participar – então a proposta era esta, deixá-la longa para vencermos pelo cansaço⁵⁵. Sendo assim, começamos, primeiramente, em não assumir a mesa da assembleia. Ora, era um desejo dos demais alunos essa assembleia, nada mais coerente e oportuno que deixássemos eles assumirem a mesa de mediação. Quem entende do funcionamento da máquina sabe como travá-la. E quem não sabe?

as manifestações pelo impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello em 1992, e chegaram a contar com até 84% de simpatia da população.

⁵⁵ Note que nesse momento pouco importávamos com o diálogo, o que queríamos era a manutenção do status da greve.



Figura 6: O país é nosso. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Demorou bastante até que percebessem que comporiam a mesa, todos, simplesmente, chegavam e esperavam; até que alguns alunos entenderam o motivo da demora. Quando começou a assembleia, usamos outro recurso: enchemos as falas de inscrições de grevistas. Cada um fazia uma contextualização da greve, balanço e leitura das moções de apoio dos outros câmpus. Aos poucos, a assembleia se esvaziava, ao som do descontentamento dos alunos. Outra provocação, estamos acostumados em participar de uma democracia só para votar, era isso que eles queriam, votar! E era isso que queríamos postergar.

Participar de uma democracia é muito mais além de uma votação, há um processo enorme que a antecede, mas somos educados que a democracia se faz apenas ao apertar botões numa urna e todos querem seu direito de exercê-la. Depois de muito tempo e do coro que começou a incitar a votação, percebendo que não tínhamos mais o que fazer, usamos o último recurso disponível para continuar dando sustentação para as negociações estaduais: propomos o fim da greve! Não o fim da mobilização, que deveria continuar com a ocupação do instituto. Sairíamos da greve e das salas de aulas ocupadas, e em contrapartida, iríamos para o instituto focar a disputa de poder com a administração, não mais com os estudantes e professores. Os estudantes pouco se importavam se estaríamos ocupando o instituto, o que eles queriam era voltar a ter suas aulas normalmente. E, assim, se findou a assembleia, com o fim do status da greve, mas com a continuação do movimento por meio da ocupação do instituto.

Fomos ocupar o instituto no mesmo instante. Já tínhamos feito a estratégia antes, porque ocupar não é tão fácil assim e nem tão aceito. Ocupar é um movimento de resistência, começando em como entrar no espaço. Entrou um como quem não queria nada, entrou outro, depois outro, e quando já havia um número expressivo dentro do instituto, subitamente adentraram os demais trazendo seus colchões. E permanecer é tão difícil quanto entrar, já que dormir com o colchão no chão frio do inverno não é nada fácil.

No fundo do âmago, não queríamos voltar às aulas, ainda mais para as aulas de matemática que continuaram normalmente em todo o período de greve. Voltar e ter que conviver com a rejeição por ter sido grevista não é algo que motive a volta. Não teve jeito, já teria prova de uma disciplina e eu nem sabia qual conteúdo seria avaliado. Juntei-me com os amigos do PET e com os amigos que também fizeram greve para estudarmos. Fiz a avaliação e voltei para a ocupação com um sentimento cruel de hipocrisia.

Após voltar, cheguei à conclusão de que era mais fácil perceber o apoio dos funcionários do que dos próprios alunos, mesmo também havendo confronto com os funcionários. Alguns até nos filmavam enquanto dormíamos para divulgar nas redes sociais com o objetivo de depreciar o movimento.



Figura 7: A opinião é minha. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Qual o protocolo de uma ocupação?

Mantivemos as comissões e pressionávamos cada vez mais nas negociações, porém, não obtínhamos resultados. Decidimos, então, parar o coração da administração, o protocolo. De lá saem todos os trâmites burocráticos que mantêm a universidade, desde a efetivação de diploma até os documentos de pagamento. Ação que não durou muito.

Tentamos utilizar tudo que podíamos para dar suporte ao movimento estadual. Entretanto, como resposta da reitoria, tivemos reintegrações de posse em todos os institutos, incluindo o prédio da própria reitoria.

Eis que em uma tarde tranquila de domingo (sem funcionários), chega a promotora de justiça seguida por viaturas da Polícia Militar (PM) e pelos carros dos diretores. Entregaramos o documento de reintegração de posse e nele colocaram quatro alunos como sendo líderes do movimento. Como assim? Em nenhum momento tivemos liderança, já que todas as ações eram decididas em plenárias abertas do comando de greve, mas a ação não foi surpresa.

Personificar movimentos parece ser um recurso usual de repressão. Escolhas arbitrárias? Nem tanto, pegaram os alunos que mantinham o diálogo a nível estadual e alunos que tinham um histórico de mobilizações. Os alunos foram sindicados e acusados por danos ao patrimônio público, devendo cada um pagar uma multa de dez mil reais. Uma hora ou outra aconteceria isso, pensávamos que conseguiríamos enfrentar, mas do modo que ocorreu não tivemos forças para resistir à reintegração. Desocupamos de forma pacífica e entramos numa desmotivação profunda.

Só pensávamos agora nos alunos sindicados. Como auxiliá-los? Contamos com a ajuda de professores e de seu sindicato para fornecimento de auxílio jurídico.

A reintegração de posse da reitoria foi mais violenta com os estudantes resistindo em sair. Somente após o confronto agressivo com a tropa de choque da PM aconteceu a saída dos estudantes do prédio da reitoria. Da mesma forma, personificaram o movimento em alguns alunos, sindicando-os e punindo-os com dois meses sem usufruir da estrutura universitária, incluindo não participar das aulas.

Todo movimento tem um fim?

Acabou a mobilização e só sobrou a angústia com o que aconteceria conosco. Será que recebemos repressão em troca de nada? Não, de certa forma, em nível estadual tivemos um movimento vitorioso. Conseguimos, além de articular a luta estadual com o ressurgimento do DCE, barrar o PIMESP e também implementar a Comissão Permanente de Permanência Estudantil – primeiro colegiado paritário da Unesp com a responsabilidade de cuidar das políticas de permanência estudantil. A nível local, ainda temos um câmpus sem acessibilidade plena, sem restaurante universitário disponível para o período noturno, com contratação precária de docentes e sem a construção de novos blocos da moradia estudantil.

Quanto a mim, tive que voltar com o sentimento de derrota e suportar os olhares fulminantes de depreciação vindo de todos os lados. De estudante à *a-luno* – sem luz. A greve proporcionou grandes impactos na minha formação, mas apenas ela não foi o suficiente para me impedir de terminar o curso e trilhar um novo caminho, agora como professor da rede pública de ensino do estado de São Paulo.

Que pôde o movimento estudantil para minha formação política como professor de matemática? Que afetos minhas escolhas durante a graduação tiveram na prática docente? O movimento tem um fim?

O espírito amadurecido percorre o deserto com o peso do seu estar no mundo. A perfeita representação do camelo – ruminante e decadente. Carregado de vivências e sem anseios de mudanças, o espírito permanece submisso à sua representação na sociedade. Um ser cansado e solitário num caminho desértico. Resignação e obediência.

Tu deves...

(Helena Sut)

Movimento da greve dos professores



Figura 8: Boletim Informativo n°16 de 2015

Assembleia: Como se fosse a primeira

No dia 13 de março de 2015, os professores, em assembleia, deflagraram greve, unidos por causas que dizem respeito à classe como um todo, como: reajuste zero para a categoria, escolas sucateadas, corte de verbas, fechamento de classes, superlotação das salas de aula, não aplicação da jornada do piso, duzentena (período correspondente a 200 dias que o

professor categoria O⁵⁶ é obrigado a passar sem vínculo para não adquirir estabilidade com o Estado) e desemprego para os professores da categoria O e tantas outras⁵⁷.

Nesse dia, fui pela primeira vez na assembleia dos professores como professor, mesmo estando há um ano na profissão. Fiquei admirado com tal grandiosidade! Estava acostumado com as assembleias esvaziadas organizadas pelo movimento estudantil e fui surpreendido com a grande quantidade de pessoas [cogitaram cerca de 15 mil professores].

Percebi uma diferença nítida da organização da assembleia pelo sindicato e da organizada pelo Movimento Estudantil (ME). No sindicato, quase não há discussão em uma assembleia. A assembleia é estruturada da seguinte forma: Antes de começar a sessão, os representantes regionais se reúnem com a diretoria (podem comparecer outros, mas sem direito a voz) para discutir como será abordada a pauta e quais serão os inscritos para falas. De lá saem os nortes que serão levados à votação para a assembleia. Na assembleia a presidenta faz a abertura e depois disponibiliza o microfone para falas; reparei que a maioria das inscrições são de pessoas ligadas a correntes políticas inseridas no sindicato.

Um show de motivação. Se nas assembleias do ME a fala seguia um tom linear, agora em cada término de oração havia uma entonação à espera de aplausos. Falas que remetiam às pautas de reivindicação e outras que criticavam a postura da direção majoritária.⁵⁸

No geral, as falas tinham algo em comum: descontentamento com o Governo Estadual. Divergiam em alguns pontos procedimentais, mas para mim, naquele momento, nada de tão especial. Propuseram o início da greve e continuar a assembleia em uma passeata em direção à secretaria de educação. Ambas foram votadas e aprovadas. Eu estava com uma mistura de sensações, se por um lado estava eufórico por aquele momento histórico, por outro lado estava perplexo, não tinha caído a ficha que naquele momento eu já estava em greve. Sentia um conforto em estar rodeado de pessoas que, para mim, estavam dispostas a fazer sacrifícios em busca de uma educação pública de qualidade. Várias gerações num único lugar: na rua. Gritando e andando, andando com gritos de ordens. Foi de arrepiar.

⁵⁶ No Estado de São Paulo há uma *separação* dos professores em categorias: Categoria A abrange os professores efetivos (que foram aprovados em concurso); Categoria F abrange os professores que não foram aprovados em concurso, entretanto criaram vínculo estável com o Estado; Categoria O abrange os professores contratados. Por uma questão econômica: é muito mais barato para a Administração Estadual contratar um professor por um prazo determinado limitado ao ano letivo, sem o registro na Carteira de Trabalho e sem o recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, do que manter regularmente um professor efetivo na função.

⁵⁷ Para saber as reivindicações na íntegra veja Boletim n° 16 de 2015 em <http://www.apeoesp.org.br/busca/greve/9/> acessado em 11/12/17.

⁵⁸ A direção da APEOESP é composta por membros da chapa eleita – majoritária – e por membros das chapas de oposição – minoritária.

Participar de uma greve é facultativo?

Discuti o fim de semana inteiro com meus familiares sobre a decisão de greve. Entrei em conflito diário comigo mesmo sobre aderir ou não. No sábado quis aderir. No domingo, após conversar com um professor mais experiente, hoje diretor, resolvi não aderir. Na segunda quis, na terça não; e na quarta, que era o momento de discussão sobre a adesão no ATPC (Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo) na escola, eu quis. E quis mais ainda ao ver que também havia professores que queriam. Não seria um exército de um soldado só nessa escola, ainda mais estando em estágio probatório⁵⁹. Uma professora me perguntou:

— Você estava indeciso até agora. O que aconteceu para se decidir, de uma hora para outra?

As marcas do movimento estudantil encarnaram e dispararam um calor intenso em meu corpo fazendo vir à mente a sensação de sucumbência ao imaginar estar em sala de aula sabendo que outros abdicaram de seu ato trabalhista, principalmente de seu salário, para lutar por melhoria na educação, enquanto eu estaria lá, estando sem estar-estando. Qual seria a diferença dessa posição com aquelas dos amigos estudantes que queriam aula?

Sem saber, essa professora, ao discursar, fez referência a minha fala na tentativa de mobilizar mais companheiros – fato que me constrangeu, afinal que potência tem a fala de um novato na profissão? Por fim, seis professores resolveram aderir à greve, sendo três deles professores de matemática.⁶⁰

Tal fato me pôs a repensar a imagem que eu tinha da “matemática” ou dos matemáticos em movimentos sociais. A imagem se quebrou cada vez mais durante o movimento de greve, no qual, coincidentemente, a interação com professores de outras escolas, acabava, na maioria das vezes, sendo com professores de matemática. Já reparou que quando você compra um carro, começa a ver vários modelos dele pela rua? Vemos porque procuramos, vemos porque aquele modelo agora significa algo para nós, o que antes era indiferente, agora é algo comum.

Agora, se a assembleia já havia deliberado greve, por que confabulamos tanto se iríamos aderir ou não? Se a greve no ME tinha como empecilho não parar a produção por não se tratar de um trabalho, por que na greve de professores, uma profissão, há tanta resistência? Sempre pensei que greves abrangessem toda a categoria, afinal não é essa a intenção? Todos

⁵⁹ Período de três anos que determina se o servidor público possui aptidão e capacidade para o desempenho do cargo de provimento efetivo no qual ingressou por força de concurso público.

⁶⁰ Ressalto esse dado porque na universidade uma greve de estudantes compreendia uma exceção de alguns alunos da matemática e, agora naquele instante, os matemáticos eram metade dos professores que aderiram.

pararem para reivindicar melhorias nas condições de trabalho? E se houver negociação, o ganho não seria para todos? Então porque resistimos tanto a resistir e tratamos um movimento trabalhista como facultativo? Que pode um movimento grevista para a profissão de professor do Governo do Estado de São Paulo que, por si só, *divide-os* em categorias de forma que já não há os mesmos direitos, conseqüentemente, os mesmos ganhos?

Greve: Suspensão do trabalho ou trabalho adicional?

Aderir é fácil, o duro é participar.

Na semana seguinte à decisão já havia um movimento de professores procurando articular atividades em prol da greve. Inicialmente, procuramos a subsede da APEOESP com a intenção de nos juntar a mais professores de outras escolas e para que aquele espaço servisse de mediação para as reuniões.

De acordo com o levantamento dos dados feito pela secretária, naquele instante, cerca de 12 professores tinham protocolado o requerimento da adesão ao movimento grevista e outros apenas foram à subsede para sondar o encaminhamento do movimento com o objetivo de aderir posteriormente. No meu caso, por estar em estágio probatório, tive um requerimento específico para “prevenir” futuras retaliações ao cargo:

...vem, respeitosamente, à presença de Vossa Senhoria, no exercício regular do direito previsto no artigo 5º, incisos XXXIII e XXXIV da CF/88 e artigo 239 da Lei 10.261/68, informar que está exercendo seu regular direito de adesão ao movimento grevista dos professores da rede, conforme comunicado previamente à Secretaria da Educação por meio do Sindicato representativo da categoria, motivo da sua ausência ao trabalho a partir de 18/03/2015. É claro que o direito dos servidores públicos à greve está assegurado pelo artigo 37, VII da Constituição Federal e deverá ser exercido observando as disposições da Lei 7.783/1989, conforme decidiu o Supremo Tribunal Federal no Mandado de Injunção n.º 712-PA. Assim, a sua ausência ao trabalho em razão da participação na greve não pode gerar

penalidades, sobretudo a rescisão do seu contrato de trabalho, tampouco podem ser admitidas quaisquer formas de constrangimento do requerente, pelo mesmo motivo, isso nos termos do artigo 6º, § 2º e parágrafo único do artigo 7º da Lei 7.783/89, com as modificações introduzidas pelo STF. O fato do requerente encontrar-se em estágio probatório também não pode ser utilizado como forma de coagi-lo a não aderir ao movimento grevista, sob pena de afrontar o §2º do artigo 6º da Lei 7.783/89. Por isso, serve o presente para comunicar que as ausências ao trabalho se dão em razão da greve e requerer seja respeitado o exercício desse direito, abstendo-se essa autoridade da imposição de qualquer constrangimento ou penalidade ao requerente em razão disso.⁶¹

O preenchimento deste requerimento me fez recordar uma professora que na época da greve dos estudantes havia perguntado se nós tínhamos protocolado a greve no cartório. Como assim? Protocolar greve de estudantes? Para quê?

Se tem um dispositivo que opera como aparelho de Estado (na Educação) que perpetua o controle, a normatização, a normalização e, de certa forma, a captura do movimento, este é a burocracia. Papel, papéis, folhas com tinta sem vidas, folhas em branco. Regimentos. O que rege. Que rege um movimento? Um movimento se rege?

Entre burocracias e retaliações, se mantém a máxima de personificar coletivos para que o controle e a ordem subjuguem o movimento. Assim como no ME, constituímos um comando de greve visando contornar essa personificação.

A primeira ação tirada pelo comando de greve foi de listar as escolas existentes na região. Uma vez tendo a lista, facilitaria o itinerário de visitas às escolas para promover a greve e conseguir adesão e apoio.

Nas visitas, havia muita *tensão* – desde a autorização da entrada pela direção à conversa com os docentes. Um simples olhar de reação já nos dizia o quão produtiva seria a conversa. Escolas diferentes, pessoas diferentes, mesmas profissões, comportamentos semelhantes.

⁶¹ Fragmento do requerimento protocolado na unidade escolar comunicando a adesão da greve. Grifos meus.



Figura 9: Professores e professores. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Éramos bem recebidos em algumas escolas, havendo uma ampla interação do comando com os professores ou mesmo diretores, e às vezes tirávamos até proposta de paralisação em dias determinados. Em outras, nitidamente não queriam nossa presença. Às vezes, diretores e outros colegas faziam pouco caso de nossas falas, ficavam dispersos e distraídos como se não ligassem para o assunto. Agora, como professor, o sentimento vivido no ME encarnava novamente, ainda mais quando na busca por olhares acolhedores encontro com um rosto conhecido de uma graduanda do curso de matemática expressando o mesmo olhar que me deu quando eu ainda era do centro acadêmico. Frustração.

Independentemente de adesões, o caminhar entre as escolas constituía um corpo para o comando de greve cada vez mais sintonizado, sintonizados com o movimento, frequência produzindo vibrações.

Antes, cada professor grevista ia militar na sua escola, na sua disciplina, no seu bairro; agora já não tínhamos um território definido. Como nômades, íamos de uma escola para outra, de uma cidade à outra, da sala de aula para as praças, para as ruas. Gastávamos mais dinheiro nessas locomoções do que naquelas do cotidiano, e acabávamos em nos desgastar mais do que estando em sala de aula. Mas ainda assim, para muitos, éramos vagabundos que não queriam trabalhar. “Errantes que perambulavam sem o que fazer pelas escolas” - prefiro flunar, flanávamos pelas escolas à espreita do acontecimento.

Pisa ligeiro

Quando íamos para São Paulo às sextas-feiras, nas assembleias, comunicavam o aumento do número de professores grevistas. Em números, chegava a 75% dos professores da rede estadual, sendo que em algumas regiões havia escolas fechadas e em outras havia paralisações contínuas às sextas – feiras.

Nas assembleias, tínhamos as devolutivas do sindicato perante as pautas de reivindicação. No caminhão de som surge:

—VITÓRIA AO MOVIMENTO! EM CAMPINAS, ESSA SEMANA A JUSTIÇA DETERMINA O DESMEMBRAMENTO DE SALAS SUPERLOTADAS! – Comemora a presidenta Bebel.

Na profissão, praticamente há um consenso entre os professores de que a quantidade de alunos interfere nas condições de trabalho, sendo que uma quantidade exagerada acaba em produzir um ambiente insalubre. Há quem defenda que a quantidade não deveria passar de 25 alunos por sala, um número que diverge opiniões, mas ninguém rebate o fato de ser precário um ambiente que contemple mais de 40 alunos por sala e, em Campinas, havia relatos de escolas chegando a ter até 70 alunos.

Vitórias (parciais) além de promover confiança aos que estão em greve, também divulgam resultados para os demais. Muitos justificavam não participar da greve alegando que não daria resultados mediante ao comportamento intolerante do Estado conhecido pela classe, mas quando se divulgava vitórias pontuais, o argumento perdia força e com isso, aos poucos, aumentava o número de professores em greve.

As assembleias começavam a obter um número maior de professores, girando em torno de 60 mil, e em Rio Claro chegamos ao ápice de 65 grevistas. Os professores começavam a ir às assembleias mais animados, dispostos a criarem músicas, palavras de ordem, cartazes e vídeos que pudessem nos servir de instrumentos de denúncia.

pisa ligeiro!

pisa ligeiro!

quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro!

Quem não pode com a formiga?

*Não atíça o formigueiro!*⁶²

Não existe greve

⁶² Na época, eu já tinha visto o uso dessa canção/grito no ME, mas me impressionei com os professores também a usando. Posteriormente um amigo professor me mostrou que esse grito vinha de uma letra de um forró “Pisa Maneiro” interpretado por Jacinto Silva e composto por Dilson Dória e Juvenal Lopes.

Desde o início, o governador do Estado de São Paulo, Alckmin, negava a existência da greve. Pior do que não acreditar é negar a existência, pois a negação era compartilhada pela mídia que dava a entender que não era greve, apenas havia aumentado o número de faltas dos docentes, por conseguinte, a sociedade desconhecia a greve e/ou seus motivos.

— Professores em greve, na prática, não é igual aos metroviários em greve, aos motoristas em greve, aos garis em greve. Parece que nada está acontecendo! – Disse-me minha mãe num suspiro.

Por que será? Por mais que eu queria mostrar o contrário a ela, mostrar a importância de cada profissão na sociedade.... Não consegui. Não consegui porque talvez no fundo eu a entenda. O discurso que percebo nos pais de alunos, em amigos, na família é bem parecido, quase até um senso comum, todos consideram a profissão de professor uma das mais importante, senão a mais importante. Eu discordo, pois para que uma sociedade seja mais justa e funcione em prol do coletivo deve-se dar a devida importância para toda profissão. Mas, claramente, o valor atribuído socialmente difere nas profissões. Isso também aparece quando o governador nega a existência de uma greve, afinal do mesmo jeito que existe o senso comum também existe esse valor social atribuído à profissão, na qual há quem veja o professor apenas como “cuidador” dos filhos enquanto os pais vão trabalhar e esse cuidador é facilmente substituível.



Figura 10: Salário depende da profissão? Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

A falta do reconhecimento da greve gerava no comando de greve diversas angústias, pois não sabíamos se haveria corte de ponto; se teríamos que quebrar o bloco para não dar abandono de cargo; enfim, necessitávamos de orientações jurídicas.

Uma mobilização contemplando um bairro já é difícil, uma que contempla o estado inteiro então... Ter o maior sindicato da América Latina não é a melhor das opções, tanta estrutura se perde na divisão em subseções, por fim, no cotidiano o apoio que se tem é da subseção do sindicato que se remete a sede central, mais um aparelho de Estado. Há subseções

que promovem cursos funcionais visando a formação dos professores enquanto trabalhador ⁶³, mas na nossa subsele não tínhamos tal oportunidade.

O único recurso que tínhamos de (in) formação do sindicato era via *facebook*. Estava imerso na comunidade da APEOESP, na qual diversos professores conversavam sobre a greve, sobre as dúvidas e angústias. Desde o ME venho percebendo que a rede social pode ser uma ferramenta útil na difusão de informações a fim de articular ações em prol da mobilização, entretanto, junto a ela, também surgiu o *cyberativismo* que, deturpado por alguns, fica apenas no ambiente virtual. Que podem os recursos virtuais para a articulação de um movimento?

Greve de professores temporários / terceirizados

Além de dúvidas e desabafos surgiam, também nas redes, propostas. Como já disse, a estrutura da assembleia dos professores, ao mesmo tempo que, sugere espaço aberto para propostas de professores da base – sem necessariamente participar de alguma corrente sindical – disponibiliza o microfone já com as inscrições feitas antes da assembleia. Sendo assim, membros das correntes sindicais que participavam do grupo virtual viam as propostas feitas e compartilhavam com os demais membros da direção.

Em São Paulo começamos a diversificar os locais da assembleia. Teve um dia que marcamos no Morumbi com a pretensão de caminhar até o Palácio dos Bandeirantes, berço do governador. Lá a quantidade de pessoas foi tão grande que mostramos à mídia, que até então não noticiava, que existia sim um descontentamento e os professores estavam em greve! A partir disso, o governador mudou seu discurso, havia agora uma greve, mas de professores temporários⁶⁴.

Em Rio Claro, conseguimos um espaço na câmara dos deputados. Levamos faixas e uma grande quantidade de professores para ocupar aquele ambiente. Aproveitamos o tempo de fala disponibilizado para pedir aos deputados e vereadores uma moção de apoio à greve, visando agilizar o início das negociações, haja vista que o governador e o seu secretário de Educação se recusavam em atender os professores. Essa foi minha primeira presença num plenário da câmara e depois disso tive mais interesse em assistir às plenárias televisionadas

⁶³ Importante notar que faço questão de evidenciar o fator TRABALHO. Por mais que professor remeta ao ensino, aqui objetivamos desfocar um pouco desse aspecto e procuramos abordar mais o professor, como trabalhador, assim como um gari não remete à limpeza, mas a um trabalhador.

⁶⁴ Devido à grande divulgação da duzentena feita pelo movimento, enfatizando que os professores ficariam sem seus salários se caso acabasse o contrato e também ficariam sem poder atribuir aulas eventuais para não criar vínculo empregatício com o Estado.

por aqueles canais que nunca havia dado tanta importância: TV Câmara, TV Senado, TV opinião...

Essa mudança ocorreu ao mesmo tempo em que estava sendo discutido o PL 4330 - da terceirização. Pude ver ao vivo a votação na TV Senado sobre o projeto de lei. Fiquei estarrecido com a quantidade de deputados servindo ao interesse de empresários e não da população, por mais natural que fosse. Lembrei das conversas com as senhoras faxineiras da Unesp sobre as condições precárias que se sujeitavam à empresa e a universidade não tinha nenhuma responsabilidade por serem terceirizadas.

Por fim, o PL foi aprovado e seria levado a instâncias superiores. Praticamente um "soco no estômago", se levarmos em consideração que uma das pautas era o fim da duzentena para os professores contratados (sem concurso), em outras palavras, terceirizados. Lembro na graduação a professora de políticas educacionais trabalhando conosco um texto sobre a terceirização e na época tive a impressão de que, teoricamente, a intenção de terceirizar um serviço vinha com o objetivo de descentralizar serviços para a empresa, de forma que ela mantivesse o foco em sua atividade-fim. A princípio nada de tão absurdo, uma vez que teria suas atividades-meio terceirizadas, ou seja, simplesmente outra empresa prestaria o serviço. O problema não está em usar serviços de terceiros, mas sim que esse serviço venha com condições precárias e com a terceirização há um desvio da responsabilidade do empregador perante o serviço prestado, nesse tênis de mesa de responsabilidade as condições continuam precárias.

Agora a assembleia é outra

O calendário proposto pelo sindicato consistia agora em pressionar as instâncias legislativas municipais para discutirem a situação da greve dos docentes.

Nesse período calhou de haver uma audiência na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) bem no momento em que tive uns contratempos e tinha que estar em SP. Já que não poderia participar das atividades elaboradas pelo comando de greve em Rio Claro, aproveitei para ir nessa audiência com os demais professores do estado, estaria num ambiente sem os conhecidos companheiros, mas envolto por outros que poderiam me fornecer outros aspectos para fortalecer o movimento.

Informe-me erroneamente sobre o horário da audiência e acabei por chegar um tanto quanto cedo. Tal adiantamento foi um erro feliz, porque alguns professores do interior tinham acabado de chegar. Por que não? Fui conversar com eles e me apresentar.

Nessa interação escutei muito sobre a estrutura das chapas no sindicato e sobre métodos de luta. Discutíamos quais eram os efeitos que a greve dos professores poderia causar na sociedade, voltávamos àquele mesmo discurso sobre o valor social do trabalho, mas na prática a repercussão era mínima.

Dentre os professores que tive contato nessa conversa, uma me chamou a atenção pela coincidência. Uma professora me viu com a camiseta dos tempos do centro acadêmico e veio puxar conversa sobre o PPGEM, pois ela tinha interesse em fazer algum projeto na área de etnomatemática⁶⁵. Confesso que me deu um certo alívio de estar num ambiente parecido com o que conhecia, além disso, na conversa com a professora pude refletir um pouco sobre minha prática como professor de matemática em greve.

Aos poucos foram chegando mais professores e eu, sem saber onde ir, seguia o fluxo. Nossa audiência foi remanejada para outro auditório, com um espaço maior para comportar aquele grande número de professores presentes. Com o espaço lotado, a audiência começou com os deputados que eram favoráveis às causas do professorado explanando suas moções de apoio. Dentre as moções de apoio, identifiquei apenas os (as) deputados (as) do PT, PC do B e PSOL. Um deles, Carlos Gianazzi, do PSOL, era professor e eu já tinha tido contato com seus projetos em prol da educação, sempre o vejo carregando as intenções do professorado ao sistema legislativo, e às vezes até disponibilizando sua fala para algum professor.

A audiência foi longa e para cada moção havia um grito de ordem que ecoava na ALESP. Por fim, a presidenta da APEOESP fez seu balanço da audiência propondo que os professores só saíssem de lá quando houvesse um encaminhamento ao palácio dos bandeirantes para que existisse uma reunião e, conseqüentemente, uma negociação. Tal encaminhamento devia vir com todo apoio dos deputados, já que naquele espaço saíram todas as medidas que ocasionaram a precarização da profissão de professor. A galeria foi à loucura, iríamos ocupar a ALESP, e tínhamos garra e coro para isso!

N-Ã-O T-E-M ARREGOOO! N-Ã-O T-E-M ARREGOOO!

ÔÔÔÔÔÔÔÔ Ô PROFESSOR CHEGOU Ô! AHA UHU ESSA CASA É NOSSA!

Acabou a audiência e estava na hora de começar a plenária. Parte dos professores ficaram no espaço em que ocorreu a audiência para assistir em um telão e a outra grande parte

⁶⁵ Novamente, vemos quando queremos ver ou apenas coincidência? Professora de matemática em greve com interesse na PPGEM e com a intenção de trabalhar com etnomatemática e eu, um mero orientando de um pesquisador da área.

foi ao plenário. Os policiais militares que lá estavam não deixavam os professores entrarem e isso gerou um pequeno confronto. Foi necessário que o deputado Gianazzi pedisse ao presidente da assembleia que liberasse a entrada dos professores, argumentando que aquele espaço é, e sempre foi, um espaço do povo, sendo uma afronta a atitude de barrá-los. Com isso, os professores puderam entrar no auditório do plenário e participar incisivamente da assembleia. Gritávamos, esbravejávamos, virávamos de costas à mesa como forma de repúdio às falas proferidas pelos deputados da bancada do PSDB, DEM e PTB⁶⁶, em sua grande parte. Em seus discursos, (exposto pelo deputado Campos Machado e aplaudido pelos demais), sustentavam o argumento de cancelar aquela assembleia e chamar a polícia militar para repreender os professores que, segundo ele, não passavam de vagabundos que não queriam trabalhar. Por fim, foi posta em votação a continuidade da assembleia e deliberaram seu cancelamento, alegando ser impossível poder trabalhar com tal balbúrdia. Ironicamente, os deputados abdicaram de trabalhar por vaidade e estavam chamando os professores de vagabundos.

Foi o fim da assembleia, não o fim do dia. Os professores se recusaram a sair do auditório. Fizemos realmente daquele espaço um espaço do povo. Eu fiquei, porém, a necessidade de ir ao banheiro me fez sair do auditório. Ao voltar, os oficiais da polícia não estavam mais deixando entrar e nem sair. Esperei à porta para ver o desfecho da ação direta, mas, após um tempo, me sentindo impotente e com fome decidi sair da ALESP para não correr o risco de perder o ônibus para ir para casa.

Ao chegar em casa, soube que a diretoria da APEOESP tinha arrumado marmitas aos professores - isso me deixou em parte deprimido, pois sendo assim poderia ter ficado e somado ao movimento.

No dia seguinte, os professores saíram espontaneamente da ALESP após o presidente, Fernando Capez, se comprometer em intermediar a negociação com o governador e marcar uma outra audiência com os professores na próxima semana. Essa ação nos rendeu, finalmente, o rompimento da mídia, que foi “imposta” a cobrir a greve dos professores, enfatizando que há greve sim, e não é de temporários ou efetivos, é dos professores!

⁶⁶ Ressalto que ali na ocasião eram os partidos, cujo deputados faziam pouco caso do movimento dos professores, em alguns momentos até por meio de insultos. Os partidos aqui citados apenas explanam o acontecimento e não há a intenção de generalizar.

Em paralelo à greve, foi discutida a redução da maioria penal e votada/aprovada em algumas instâncias. Enquanto lutávamos por melhorias na educação/escola outras pessoas lutavam para tirar o jovem dela; como se o sistema penitenciário desse subsídio maior do que a escola para incluir os jovens na sociedade. Ainda por cima, vemos empresas se colocando à disposição para cuidar do sistema carcerário, propagando uma eventual privatização que poderia ocorrer. Aliás, mais privatizações... Será então que, realmente, reduzir a maioria penal tem como objetivo reeducar os jovens?

Negociação: o fazer política?

Na semana seguinte dois grandes espaços aconteceram: Outra audiência pública e reunião de negociação com o secretário da educação.

Nesta outra audiência não pude comparecer, porém consegui assistir parte da plenária pela internet ao vivo. Havia perdido um tempo grande da plenária, mas, felizmente, consegui ver o momento em que os professores assumiram as bancadas dos deputados, tomando para si seus lugares por direito num Estado democrático. Pude ver um amigo professor da subsele de Itaquera – perto da casa dos meus pais em SP – no microfone denunciando os ataques que vinham acontecendo na educação no estado de SP. Havia conversado com ele na semana anterior sobre a possibilidade de fazer conexões entre as subsele para promover palestras formativas aos professores e após seu discurso, a gravação percorreu as redes sociais e repercutindo midiaticamente as reivindicações dos professores em greve.

“

Uma boa tarde aos deputados e deputadas, ao presidente Fernando Capez e um forte abraço aos guerreiros e guerreiras do magistério no 40º dia dessa greve que tenho certeza que será vitoriosa!

Quero iniciar fazendo um convite, porque ficar falando das mazelas da escola pública é chover no molhado daquilo que há tempos repetimos. Convido cada um dos deputados, cada um dos parlamentares dessa casa para não ir apenas de 4 em 4 anos pedir nossos votos, mas visitar cada escola pública do estado de SP, para, assim, saber a real situação e ver o abandono que está a educação de SP, com a falta de estrutura e digo até a falta de vergonha!

Infelizmente o que temos assistido é uma situação que beira ao caos, abandono de um lado e caos do outro. E esta casa tem conosco, senhor presidente, uma dívida histórica, porque foi nessa casa que se aprovou a 1093 e 1094, responsável pela precarização das realizações de trabalho, responsável pela contratação precária de professores categoria O, responsável pela duzentena, que deixa quase 20 mil professores desempregados. E só quem viveu como desempregado sabe o que é voltar para casa sem ter dinheiro para colocar um pão se quer na mesa e dividir com seus filhos. Na subsede de Itaquera há tempos que fazemos vaquinhas para comprar remédios para professor que está impedido de trabalhar, enquanto há salas superlotadas. Esse ano o estopim estava em cerca de 70 alunos numa única sala em algumas escolas, sendo que uma diretoria de ensino teve o disparate de autorizar uma sala com 102 alunos na lista de frequência.

Aí vem a pergunta: Quem consegue aqui trabalhar em uma sala lotada? É impossível! Esse é o tratamento dado a nós profissionais do magistério aqui nesse estado e isso não é de hoje. Dessa casa também saiu a 1041 que hoje faz com que professores doentes trabalhem, já que estão impossibilitados de se afastarem de suas atividades. Tais leis são entulhos que aqui foram aprovados.

Para que tenhamos uma dimensão: hoje quando, ao passar pela perícia, o médico está preocupado se o documento está em ordem, ao invés de verificar a saúde do professor, verificar se ele tem alguma doença, adquirida depois de engolir anos e anos de giz, por exemplo, porque, afinal, é apenas isso que há nas escolas, pó de giz. Muitos professores que eram readaptados estão tendo sua licença revogada fazendo com que eles tenham que voltar para a sala de aula

Quando eu disse que ia chover mais no molhado nas denúncias e fazer um convite para os parlamentares irem à nossas escolas estou falando sério, pois não entramos em greve porque nós desejamos, ninguém quer brincar de fazer greve, muito menos fazemos greve porque não queremos trabalhar, como muitos aqui já nos chamaram de vagabundos. É o contrário! É por querer trabalhar que entramos em greve, por querer dar um futuro melhor aos nossos alunos, é por dias melhores, em defesa do futuro! Porque não vamos aceitar, também, a aprovação do PL 4330, da terceirização, do congresso nacional, estamos indignados com o corte de verbas, também, da união, mas não aceitaremos que aqui em SP o governador corte mais de 1 bilhão do orçamento da educação e fique fazendo propaganda dizendo “Olha nós pagamos o maior bônus da história de São Paulo pelo mérito”

Há anos apresentamos a proposta de transformar o bônus em salário, porque não queremos esmolas, queremos salários!

Também é importante dizer nessa casa que disseram que a lei da mordaza foi revogada. Mentira! Na prática ainda temos colegas nossos que por pronunciamento, por decisões, por críticas, ainda hoje são chamados nas comissões de sindicância nas diretorias de ensino.

Queremos agregar mais uma dívida a esta casa, já que ela diz que está do nosso lado: não manter nenhum trabalho enquanto o governador do estado não atender nossas reivindicações.

Essa é a real providencia que devemos tomar!

Muito obrigado companheiros e companheiras. ATÉ A VITÓRIA! NÃO TEM

”

ARREGO!

Na reunião de negociação, o secretário simplesmente fez pouco caso da greve e não veio com proposta alguma! Os professores resolveram caminhar até a Marginal Tietê e fazer um ato, mas a tropa de choque da polícia militar interveio. Voltamos para a Praça da República e em um ato de explosão de suas angústias, alguns professores entraram em confronto com os oficiais da PM, tentando entrar na Secretaria de Educação. Mas foram logo contidos.

Depois de uma semana de intensos ataques contra a greve, incluindo o desrespeito do Secretário de Educação em não apresentar qualquer proposta, eis que surge uma boa notícia para aliviar nossas emoções: a Justiça de SP considerou a nossa greve legal e nos deu uma liminar provisória para frequentar as escolas com os comandos de greve nos intervalos. Nada de tão novo, para os grevistas a greve era legal desde o início e já frequentávamos as escolas, só que agora, perante a sociedade, “não estaríamos sujeitos” a confrontar justificativas sobre a legalidade.

O ápice de um confronto de interesse se dá a partir do momento que se procuram artifícios “legais” para deslegitimar o que se confronta. O período de greve, por mais constitucional que seja, é uma ruptura dos atos legais trabalhistas, nas quais ações outras são criadas e não há lei que consiga reger tal mobilização, mas não é por isso que os atos não são legítimos. Se as relações de poder já se dão nas esferas que contemplam indivíduos oriundos

de uma mesma classe, imagine como se dão nas esferas distintas? Luta entre legal e legítimo, negociação de interesses distintos num conflito do desejo com a abnegação, da independência com o imposto.

Transcendendo assembleias

O comando de greve de Rio Claro estava em um momento que procurava evitar confrontos diretos com professores que não haviam aderido, fato que geralmente acontecia nas visitas às escolas. Com isso, nosso foco passou a buscar o apoio da população. Começamos fazendo uma agenda de atividades que abrangeria, basicamente, panfletagens, assembleias e carreatas. Dentre estas, a que vejo que ocasionou maior repercussão foi a carreata. Os atos e assembleia se tornavam cada vez mais vazios e não atraíam novas pessoas, nem promovia um apoio declarado da população. Já a carreata intrigou a população: quantos carros buzinando em apoio aos professores! Fizemos, ao todo, três carreatas. As duas primeiras fizeram um trajeto visando passar por todas as escolas de Rio Claro; a terceira foi mais *ousada*: paramos o centro na hora do *rush*. A população parava, olhava, comentava, uns apoiavam e outros esculachavam... Depois das carreatas foi difícil haver pessoas em Rio Claro que ainda não soubessem da existência da greve dos professores. Independentemente de favores ou contras, a ênfase na *existência* tem um papel importante num movimento que depende (infelizmente) da repercussão na mídia, como se fosse aquele ditado: “Falem bem ou falem mal, mas falem!”

Em assembleia, havíamos tirado a proposta “Caça ao Alckmin”. O governador ainda negava a existência da greve, por mais legal que ela fosse, ele insistia em dizer que apenas tinha aumentado o número de faltosos e que as aulas estavam normais. Sendo assim, nós resolvemos comparecer em todo lugar que ele tinha em sua agenda de governador, quem sabe ele não mudaria sua opinião. Em todas as cidades que ele fosse comparecer, estaríamos lá. Nós de Rio Claro, aproveitamos um evento que ele estaria presente na cidade de Saltinho, perto de Piracicaba. Enquanto ele discursava, esbravejávamos várias palavras de ordem e denunciávamos os ataques do governo com faixas. A ênfase da mídia foi mais nos manifestantes que lá estavam do que no próprio discurso do governador, que por sua vez, deve ter repudiado tanto aquela ação que fez questão de voltar a palavra a nós grevistas:

— Senhores, os que aqui estão me interrompendo de forma desrespeitosa nada mais são do que militantes do PT, pois os professores mesmo estão em suas salas exercendo sua

função de educar nossos filhos. Essa tal greve que estão divulgando se resume em jogo político do PT e não representa a classe dos professores.

Opa, o discurso mudou! O que antes era “Não tem greve”, passou para “É greve dos temporários”, depois “Aumentou apenas a porcentagem de faltas dos docentes” e agora é “uma greve partidária do PT”. Essa bipolarização partidária é um escudo para falta de argumentos. Hoje, quando se é confrontado com posturas adversas às suas, as pessoas se resumem em rotular o indivíduo em determinado partido, desconsiderando os argumentos e usando a velha estratégia *ad hominem*.

Da sala de aula ao caixaõ

O momento não era dos melhores.

Depois de tanta notícia para nos abalar, veio mais uma: um professor chamado Daniel, do ABC paulista, morreu de parada cardíaca após uma de nossas assembleias. O professor tinha a faixa de 23 anos e diante de tanto estresse, não aguentou. Acabara de morrer em luta, um professor que acreditava na melhoria da educação.

Além disso, disponibilizaram a folha de pagamento e nela constavam descontos referentes à greve. Não entendia essa medida, se uma greve é considerada legal, por que haver descontos?

Parece ser inevitável em um movimento grevista não haver algum tipo de retaliação, ainda mais quando esse movimento não abrange todos da categoria. Quantos professores não estariam passando por desgastes emocionais/físicos devido à greve? Quantos ainda morreriam? Quantos não teriam dinheiro para sustentar suas famílias? A condição insalubre se estende além do ambiente escolar enquanto que para alguns, são meros vagabundos. Que corpo produz um movimento grevista?

Da sala de aula à vendas

Sem dinheiro, além das manifestações que reuniam alunos e professores, começamos a pensar em um fundo de greve para pagar as contas básicas dos professores grevistas.

Profissionais de outras áreas já me disseram que o fundo de greve é pensado pelo sindicato mesmo antes de entrarem em greve, mas no nosso caso não tínhamos essa informação. Assim, para levantar o fundo, pensamos em passar um livro de doações na câmara, na Unesp, e em outros lugares. Estruturamos, também, ações coletivas que pudessem

nos render lucros: venda de coxinhas e pães de queijo, bazar com roupas e venda de palhas italianas.

Surpreendentemente, essas ações que visavam diretamente recursos financeiros tiveram, na mídia, mais repercussão em prol da greve. Talvez o fato de mostrar professores vendendo roupas e doces proporcionou uma certa empatia da sociedade para o movimento grevista. Professores migrando de seu ofício parece que é mais impactante, para a mídia, do que quando eles lutam pelo seu ofício, não que esta migração signifique que os professores não estavam lutando pelo seu ofício, mas de forma mais direta, a luta era para financiar, financiar os professores para continuar em greve.

Greve ordenada?

A judicialização da greve continuava.

O sindicato ganhava liminar sobre o corte de ponto e o governador conseguia, por meios corporativistas, revogá-la. Saiu uma notícia de que 17 desembargadores do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) deram liminar para que cessasse o corte de ponto, devendo o governo pagar uma multa diária de 10 mil se não acatasse. Porém, no mesmo dia em que saiu essa liminar, o (des) governador foi pessoalmente à Brasília ressuscitar seu amigo presidente do Supremo Tribunal de Justiça (STJ), ministro Francisco Falcão. De acordo com a assessoria do STJ, o ministro concluiu que a greve configurava “lesão à ordem e à economia pública”. Por isso, "suspendeu a execução da liminar, tendo em vista a longa duração da greve e a falta de êxito nas tentativas de conciliação entre governo e membros do movimento grevista".

O que é lesionar a ordem? Transformar no caos? Se algo já está caótico, qual a ordem disso? Que pode um movimento grevista ordenado?

Lesionar a economia pública se torna um argumento incoerente, haja vista que se baseia no pagamento de professores que vinham substituindo os grevistas (o que é inconstitucional em uma greve legal) para dizer que os cofres públicos estavam sangrando com a greve. Ironia, em um (país, estado?) que bombas de corrupção explodem a todo instante em todas as esferas, o que sangra os cofres públicos são as greves dos trabalhadores.



Figura 11: Valorização ou valoração? Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Professores? Tiro, pancada e bomba

Um movimento é assim, não há o que esperar. Por si, é algo caótico. Numa greve, há ações que oscilam o desejo e, se por um lado pode fortalecer o coletivo, por outro lado o põe em teste.

Sangue. Desespero. Aflição. O que foi este acontecimento? No estado do Paraná houve praticamente uma guerra civil entre professores e a polícia militar. Digo guerra civil porque o ambiente era de guerra mesmo. Os professores cessaram sua greve após confiar nas palavras de seu governador, Beto Richa, durante as negociações, mas tiveram que voltar imediatamente ao verem que ele não cumpriu sua promessa e estava prestes a colocar em votação um projeto de lei que mudaria a previdência dos professores.

Diante disso, os professores foram se manifestar e receberam como resposta um grande ataque da tropa de choque, que por sua vez, mostrou seu treinamento voltado totalmente para a guerra. Imagens chocantes, professores feridos, policiais se recusando a participar da “chacina” e sendo presos. Sem contexto, há quem se confundiria com os anos de chumbo.

A mídia não teve outra posição a não ser repudiar a truculência feita, senão era até capaz de ela própria ser o alvo, mesmo que o repúdio expressasse outra mensagem nas entrelinhas. Tal situação repercutiu em nível nacional e exemplificou o que, em intensidade menor, ocorria em várias regiões. Em Rio Claro, um professor, ao voltar da greve para a sala de aula (devido ao corte do ponto), também sofreu com a violência; ele até apareceu no jornal por ter sido agredido por um estudante que jogou um paralelepípedo em sua direção, quebrando o seu nariz. *Violência*. Que pode a violência? O sangue jorrado na rua ecoa na sala de aula?

Salário

Em SP, assim como nos outros estados, ficamos aterrorizados com tal ataque. Demos nosso apoio aos professores do PR e ficamos receosos de acontecer o mesmo conosco. Assembleias semanalmente, caça ao Alckmin, ocupações, fechamento de rodovias, carreatas, presenças nas audiências públicas, atos fechando as ruas de SP, enfim, estávamos fazendo tudo ao nosso alcance e poderíamos ser violentados a qualquer instante, assim como no PR.

Na assembleia que sucedeu a guerra civil estávamos com receio do que poderia acontecer conosco e ao mesmo tempo não tinha visto tantos professores, talvez tenha sido a assembleia com mais adesão, ainda mais se considerarmos que após o corte de ponto muitos professores saíram da greve e voltaram para suas aulas.

Naquela semana tinham colocado como proposta cada um levar 1 kg de sal para colocar na frente da secretaria da educação. Interpretaram de diversas formas essa proposta: O sal antigamente era usado para pagamento (daí a palavra salário); jogar sal nas terras as deixavam improdutivas ou até mesmo usaram a analogia que o sal define as lesmas – as violenta. Entretanto, no final, o sal serviu como arma contra a tropa de choque.

Os professores estavam receosos sim, mas interiormente esperavam que existisse algum confronto com a tropa de choque, inclusive quem não era a favor da ação direta proposta pelas correntes anarquistas. Praticamente, o confronto era esperado.

Chegamos na Secretaria da Educação (normalmente era o término de nossas passeatas) e nos deparamos com um isolamento de grade em torno do prédio, algo que nunca havia acontecido. Além desse isolamento, havia um cordão de oficiais da tropa de choque cercando o prédio. Quem esperava por confronto ficou abismado com tal isolamento. Pela primeira vez, os professores que iam à manifestação e participavam da passeata não foram embora ao chegar na Secretaria de Educação. Parecia para mim que todo mundo esperava algo acontecer. Eu não era diferente, estava esperando um confronto que sensibilizasse a população com o mesmo efeito que teve no PR⁶⁷. Os professores incitavam a tropa de choque – sem sucesso. Também pela primeira vez, vi a diretoria da APEOESP sugerir aos professores para que fossem aos seus respectivos ônibus – sem sucesso. Estávamos à espreita do acontecimento e sentíamos cada vez mais que ele se aproximava. Até que num lapso de tempo, os professores expuseram suas angústias retraídas e começaram a jogar o pacote de sal ininterrompidamente na tropa de choque. O primeiro oficial acertado já apunhou sua arma em mira, mas, antes que

⁶⁷ Infelizmente, parece que precisa acontecer tragédias para que haja uma comoção da sociedade e, conseqüentemente, apoio.

algo acontecesse, seus companheiros o interromperam e o tranquilizaram. Foi inédito ver a tropa de choque não revidar com bombas de gás lacrimogênio, bombas de efeitos moral e/ou balas de borracha; apenas se defenderam dos pacotes de sal com seus escudos. Parece que tinham tido ordens expressas de não confrontar. Aliás, para que a tropa de choque ataque, necessariamente, deve haver uma ordem superior.

O governador foi astuto. Ciente da repercussão do ataque aos professores no PR, deve ter dado ordens claras para não haver confronto, haja vista o comportamento inesperado da tropa de choque. A estratégia do governo de SP é clara: considerar que o movimento não existe. Em todo momento essa é a postura e qualquer ação que vá de encontro a ela pode colocar toda a estratégia por água abaixo, inclusive revidar em professores que nitidamente estão incitando o confronto. Que pode uma greve sem confronto?

Quando um não quer, dois não brigam?

Os professores queriam que a mídia noticiasse e, ironicamente, havia 3 repórteres da rede Globo em frente à secretaria da educação

O sentimento de repulsa pela mídia – que em nenhum momento divulgou a greve de forma fiel ao movimento, colocando-a sempre de acordo com a percepção do governador – possuiu o grupo de professores. Acabamos por personificar a rede Globo nos três repórteres e começamos a gritar palavras de ordem que remetiam à ideia de que a Globo apoiou a ditadura, sendo uma mídia golpista e fascista. Os repórteres se sentiram acuados e deram a intenção de se retirarem. Uma intenção sem sucesso num momento de fúria dos professores. A proporção de professores que repudiavam a e(o)missora ficava cada vez maior e, por conseguinte, aumentava o cerco em cima dos repórteres. Com medo, saíram correndo e foram perseguidos por um grupo de professores até conseguirem entrar no carro para irem embora.

— Não aguento mais essa mídia tendenciosa que faz pouco caso dos professores. Sei que os repórteres são trabalhadores que nem nós, mas eles fazem parte dela, contribuem para a manipulação. – escutei uma professora conversando com um colega.

O dia estava cheio de tensão e os nervos já estavam aflorados nos professores.

Na assembleia daquele dia também houve um descontentamento. Nesse caso, da base dos professores com a diretoria do sindicato. Havia duas propostas de trajeto: o usual, que era descer a consolação no sentido da Secretaria da Educação, e outro, que era parar a Marginal Pinheiros. Quem não estava no caminhão de som teve a impressão de que a votação foi bem dividida, não sendo possível identificar um contraste ou consenso na votação. Para a diretoria

que estava no caminhão, era nítido o contraste para a primeira opção. Diante de uma situação assim, talvez a melhor opção seria refazer a votação deixando clara a intenção de cada proposta, mas a direção majoritária preferiu agir de forma autoritária e assumiu a decisão, independentemente da opinião da maioria. Essa atitude, além de dividir a passeata, deu início à fúria de alguns – furiosos com o governador, furiosos com a mídia, furiosos com as condições de trabalho e furiosos com o sindicato (mesmo essa fúria existindo há tempos).

— Cara, se estou com alguma coisa, é com raiva! Vejo o Estado nos oprimindo de cima para baixo e a classe dos professores desunida. Aí vem o sindicato e promove mais desunião. Tá difícil de acreditar na força desse movimento e prefiro manter esse sentimento de raiva do que deixar ele virar desmotivação! – desabafava para mim um colega do comando de greve.

Quando os professores se dissiparam, encontrei o vice-presidente da APEOESP andando pela praça e fui questioná-lo sobre o ocorrido na assembleia.

— Fábio, que aconteceu na assembleia? Para quem estava lá embaixo a impressão não foi de contraste.

— Para nós lá em cima estava claro. A questão é que a oposição está querendo tumultuar e rachar o movimento. Os membros da direção que fazem parte da oposição já sabiam que o trajeto seria o de sempre, eles já haviam perdido essa proposta na reunião. Daí eles jogam para a base com a intenção de tumultuar. Veja, fazer uma passeata requer organização. Antes de sair andando por aí, temos que comunicar a PM e a CET⁶⁸, além de pagá-los para tal! É..., temos que pagá-los. Se desviamos o trajeto temos que pagar multa e já fomos multados várias vezes, já gira em torno de milhões. Daí o dinheiro do associado que poderia estar servindo ao movimento vai para pagar multa. Eu entendo a crítica dos professores, de certa forma o movimento está pacífico mesmo, mas tudo que os professores fazem quem responde é o sindicato, então eu acho que é melhor deixar a confusão para quando for necessária a confusão. O que pudermos evitar, iremos evitar!

A conversa se encaminhou de forma produtiva e me fez perceber um certo anseio de reconciliação por parte da diretoria, já que ela havia sido denunciada por traição na greve de professores em 2013⁶⁹. Findada a conversa, tive mais clareza de alguns trâmites que cercam o

⁶⁸ Companhia de Engenharia de Tráfego

⁶⁹ Os professores que participaram dessa greve dizem que houve uma votação de manutenção da greve, na qual grande maioria dos professores votaram pela manutenção, entretanto a direção do sindicato com uma manobra disse que a votação não foi para manter a greve, mas sim, voltar para a sala de aula – o que gerou um enorme tumulto e descontentamento dos professores que estavam na assembleia. Não houve efetivação de alguma demanda da greve.

movimento e entendi certas decisões do sindicato, entretanto, também ficou claro o uso de manobras pelo sindicato, visando contornar o desejo da base.

Que pode manobras num movimento grevista?



Figura 12: Massas. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

O secretário se manifesta

Um dia aconteceria, e aconteceu.

Depois de 2 meses de greve e um mês com o corte de ponto, houve uma reunião com o secretário da educação. Uma comissão da APEOESP se reuniu com o secretário Hermann para discutir as pautas.

Aos treze dias decorrente do mês de maio de dois mil e quinze, no prédio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo reuniram-se o senhor secretário da Educação desta reunião, e uma comissão de professores pertencentes ao Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) para discutirem a pauta única sobre as reivindicações da atual greve dos professores. O senhor secretário abriu a reunião dando boas-vindas aos professores e salientou que estava à disposição para negociar, a fim de findar o movimento grevista que está dando prejuízos ao Estado. A presidente da APEOESP Maria Isabel Azevedo Noronha questiona a abertura da reunião alegando que se o senhor secretário estivesse mesmo à disposição dos professores, já teria feitos propostas para a carta de reivindicação protocolada desde o dia treze de março do ano corrente, podendo, também, impedir que houvesse o corte de ponto, uma vez que a greve tinha sido considerada legal. O senhor secretário apresentou aos membros da reunião um documento contendo as propostas do Governo do Estado de SP para as reivindicações prescritas na carta supracitada pela presidente. As propostas foram apresentadas em uma leitura compartilhada, na qual o senhor secretário elencou os seguintes pontos: a) Reajuste Salarial: No mês de junho será encaminhada à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) um projeto de lei

que contempla uma política salarial para os quatro próximos anos, tendo vigência a partir do primeiro dia do mês de julho. Os representantes do sindicato replicam que neste ponto não há explícito um índice para o reajuste, sobretudo para o ano corrente, na qual devem apresentar em assembleia aos demais professores para que possam deliberar. A presidente solicitou que o senhor secretário apresentasse um documento oficial contendo esse encaminhamento para a ALESP. b) Professores categoria O: Referente aos professores em regime de contratação temporária será encaminhado à ALESP um projeto de lei em trinta dias que contempla uma contratação de três anos ininterruptos, com intervalo de 180 dias até que o professor possa celebrar um novo contrato. c) Direito ao hospital do servidor público para o professor categoria O será encaminhado no mesmo projeto de lei. d) Número de alunos por sala: O senhor secretário afirma desconhecer os números que apontam classes que excedem o limite de alunos, todavia, propõe a constituição de um Grupo de Trabalho, com participação da APEOESP, para localizar e determinar o desmembramento de salas que excedam o limite de alunos. Os representantes da APEOESP colocam que esse Grupo de Trabalho discuta também uma solução estrutural para o problema, definindo uma política para que, gradualmente, se reduza o número máximo de alunos por sala de aula, visando o número vinte e cinco alunos por salas. e) Professores Coordenadores Pedagógicos (PCP): o senhor secretário anunciou que a partir do ano seguinte será assegurado ao menos um PCP em cada unidade escolar. Os representantes apontam que tal medida deve ocorrer ainda no ano vigente, de acordo com a reivindicação. O senhor secretário prometeu em analisar a questão e depois encaminhar um documento à APEOESP. O senhor secretário novamente se põe à disposição e sem ter mais questionamentos dá por encerrado a reunião, na qual, eu, Diego Marques Mesquita, lavro esta ata.

Para mim e muitos professores, não houve ganhos satisfatórios, apenas uma tentativa de cozimento do movimento e, em assembleia, os professores rejeitaram tais propostas, já que queríamos reajuste salarial imediato, pelo menos seguindo a inflação (o ideal seria um aumento de 75% para equiparar com a média salarial das profissões que exigem formação superior), fim da duzentena e medidas pontuais, como o desmembramento de salas, para melhores condições de trabalho.

Contraproposta

A assembleia para informar sobre a reunião foi além dos informes.

Primeiro rejeitamos a manobra empregada pela Secretaria de Educação com suas propostas e depois tiramos um novo trajeto para a passeata: Iríamos pegar a Avenida 23 de maio (uma grande artéria de SP) em direção à Secretaria da Fazenda passando pelo TJSP, ambos no centro de São Paulo, com o intuito de denunciar o corte do pagamento e mostrar que queríamos nosso salário.

Nas passeatas, eu costumava ficar perto da galera do Levante Popular da Juventude, pois era um espaço que, para mim, além de denunciar para a população a situação de greve, também motivava o professorado com recursos musicais. Enquanto o caminhão de som do sindicato ia seguindo a passeata com músicas e falas de alguns professores, a região com a galera do Levante ia cantando e dançando músicas autorais para o movimento. Já tínhamos *hits*, gritos de ordem característicos com jograis informativos e havia uma comissão de frente composta por professores que interpretavam as músicas com coreografias. Ficava contagiado com a alegria que aqueles professores extravasavam em formato artístico suas angústias. Mesmo sem salários, mesmo sem negociação, mesmo com descasos ao movimento, esses (as) guerreiros (as) estavam dispostos (as) a contribuir com alegria. Era sensacional olhar para trás e ver uma multidão de gente dançando e denunciando ao mesmo tempo – um sopro de encorajamento para que prosseguíssemos de cabeça erguida até a vitória!

Mais duas ações fizeram com que essa passeata fosse revigorante.

A primeira foi a iniciativa de um pequeno grupo em fechar a outra via que dava acesso ao aeroporto e até então estavam circulando carros normalmente. Ação repentina, mas de tão incisiva que foi, já não era mais um pequeno grupo fechando a via, e sim diversos professores correndo para impedir o trânsito. Ficamos lá, agravando o congestionamento, denunciando os ataques contra a educação e recebendo várias buzinas por cerca de meia hora. Novamente, percebi que havia ordens explícitas para que não tivesse confronto com a PM. Por muito menos, os professores já haviam sofrido com violência e agora os oficiais apenas olhavam e deixavam. Pois bem,

“Desculpem-nos população, mas estamos tentando mudar a educação!”⁷⁰

Necessitávamos do apoio da população, porque justamente quem mais sofre com manifestações são os manifestantes e os trabalhadores no geral, e infelizmente, os representantes do Estado que são os responsáveis pelos ataques estão no conforto de suas casas, enquanto os trabalhadores sofrem.

⁷⁰ Dizia uma faixa confeccionada às pressas durante a passeata.

Seguimos em passeata para encontrar o outro grupo que seguiu em frente. Passamos em frente ao TJSP e quando estávamos perto do término do trajeto na Secretaria da Fazenda, houve a informação de que ali ao lado, no Largo São Francisco, na faculdade de Direito da USP, estava acontecendo um evento em que o Alckmin iria comparecer. Assim veio a segunda ação que tornou esta passeata memorável: mudamos nosso trajeto e seguimos para a faculdade. A faculdade tem duas entradas, assim nos dividimos em dois grupos para abranger as duas entradas. Eu fui com meus colegas de Rio Claro para entrada dos fundos. Chegamos à entrada esbravejando todos os gritos que pudéssemos dizer e fomos agradavelmente recebidos pelos universitários que em suas janelas diziam para entrarmos na faculdade. O portão estava fechado. Demorou uns 5 minutos para que alguns guerreiros começassem a pular o muro da entrada. A princípio, a iniciativa teve uma repercussão negativa, mas isso não quis dizer que pararam de pular. Quando olhei para trás, entre a multidão, reconheci pela primeira vez a presidenta do sindicato, ela estava olhando aquela ação e sorrindo consigo. Vê-la sorrindo, mesmo sabendo que teria consequências para o sindicato, me deu um certo alívio e uma força motriz que me fez ter a coragem de pular aquele muro. Me aproximei. Antes de pensar em como pular, verifiquei que já tinha dois professores fazendo suporte para os demais que queriam pular. E num impulso já estava em cima do muro olhando aquela multidão – agora aplaudindo a iniciativa. Uma vez dentro, não hesitei e já fui explorar a faculdade com os demais. Adrenalina a mil, gritos que surgiam e ecoavam no espaço cheio de faixas e intervenções. O pátio estava preenchido pelo professorado. Olhava ao redor e a emoção tomava conta, era expressada por lágrimas, sorrisos e esperança. Começamos a subir as escadas à procura daquele que estava fazendo um descaso com nossa classe, quase literalmente era caça ao Alckmin. Por onde passava, eu sentia o eco que os gritos faziam; o fluxo seguia em direção a um auditório. Adentramos bradando gritos de ordem, soltando naquele espaço todas nossas angústias e abalando as estruturas. Olhava, agora, alguns advogados desprezando aquela ação e outros totalmente empolgados. Acontecia ali o evento, tendo naquele momento uma sessão solene para o, já falecido, professor da casa, Goffredo Telles Junior. Dois presentes na sessão pediram a fala para contextualizar o evento para os professores e disseram que Goffredo estaria feliz com aquela intervenção, pois ele empregou sua vida à democracia e lutando contra a ditadura militar. Paramos por um minuto para ouvir o que eles tinham a falar e eles propuseram a ida ao pátio, cujo espaço abrangia aquela quantidade de pessoas. Fomos toando cânticos que sacudiam a estrutura daquele prédio até o pátio. Lá, paramos novamente para deixar o rapaz falar. Ao percebermos que sua fala estava desconexa com nosso objetivo, voltamos a gritar e dançar. Notamos que ao mesmo tempo e

no mesmo espaço acontecia nossa festa e a festa deles, e não era nossa intenção parar o evento, queríamos o Alckmin, mas pelo visto ele não estava.

Professores de SP decidem manter greve e invadem evento com Haddad

Paralisação começou em 13 de março; eles pedem aumento de 75,33%. Eles queriam encontrar Geraldo Alckmin na faculdade de direito da USP.

Os professores da rede estadual de São Paulo decidiram, em assembleia na tarde desta sexta-feira (15), manter a greve iniciada em 13 de março deste ano. Eles se concentraram no vão livre do Masp, na Avenida Paulista, e foram até a Sé, no Centro. No início da noite, um grupo de manifestantes invadiu um evento na Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco, onde acreditavam que estaria o governador Geraldo Alckmin (PSDB).

Eles entraram em uma sala onde ocorria solenidade em comemoração ao centenário de nascimento do professor emérito Goffredo da Silva Telles Júnior. No local, estava o prefeito Fernando Haddad (PT), que saiu do recinto assim que os professores entraram. O Palácio dos Bandeirantes informou que o governador não teve eventos públicos nesta noite.

Os manifestantes impediram discursos durante a solenidade. O professor Flávio Flores da Cunha Bierrenbach foi interrompido, mas reagiu bem ao episódio. "O Largo de São Francisco é um palco habitual de manifestações, então foi bem-vinda, foi muito bom", afirmou. Bierrenbach diz que Goffredo foi seu paraninfo, seu amigo, e lutou contra a ditadura.

A Polícia Militar diz que cerca de 1,8 mil professores participaram da manifestação dos professores, que começou na Avenida Paulista à tarde. O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) fala em 45 mil manifestantes.

Em assembleia, eles votaram pela continuidade da greve e depois seguiram pelas avenidas Paulista, no sentido Paraíso, Brigadeiro Luís Antônio e 23 de Maio. O trajeto aprovado era que eles passariam em frente ao Tribunal de Justiça e à Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, os dois na região da Sé.

Quando chegaram à Praça da Sé e seguiam em direção à sede da Secretaria da Fazenda, um grupo decidiu se dividir e seguir até o Largo São Francisco porque tinham recebido a informação de que o governador estaria em um evento lá, o que não se confirmou.

71

“A justiça tarda, mas não falha”?

⁷¹ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/professores-estaduais-decidem-manter-greve-e-fazem-passeata-em-sp.html>

Antigamente, quando escutava a palavra "justiça", identificava instantaneamente seu radical "justo". Tal radical me remetia ao "o que é certo". O judiciário era conhecido popularmente como justiça, logo deveria deliberar "o que é certo". Mas, certo para quem? O momento da greve me proporcionou retificar essa visão positivista que tinha e comecei a ver o judiciário como um sistema regido pelas relações de poderes.



Figura 13: Just-iça. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

O certo parece que não é algo universal, ele tende a ser algo que depende da perspectiva, algo que depende do interesse de alguém, e no sistema judiciário, gera embates e entraves. A perspectiva vem perfumada com aromas políticos partidários, a tempo em que um desembargador delibera algo e outro derruba, em um ato cíclico.

O governador já havia recorrido ao STJ para barrar a decisão dos desembargadores, agora foi a vez de recorrer do mandado de segurança feito pelo sindicato ao Supremo Tribunal Federal (STF). Nesse sistema em que se pode recorrer "milhões de vezes", o requerimento acaba não tendo uma decisão. Esquecem que a discussão não está apenas no âmbito das ideias, mas também no aspecto material. Estamos falando de trabalhadores com quase 3 meses de greve sem salários que a cada decisão de estorno dos descontos rugia-se a esperança e se despedaçava depois que se recorria.

Que pode ao judicializar uma greve? Que pode ao judicializar um ato político? Sinto que um ato político se dá num plano material, enquanto que a judicialização do mesmo se dá num plano ideal, tal que as linhas de forças parecem estar dispostas de forma reversa, por mais emaranhadas que estejam.

Professor grevista também em sala de aula

A luta estava em querer resistir sempre por mais uma semana.

O sindicato, agora, proporcionava o pagamento das contas básicas de água e luz para ajudar os professores em seus gastos. Entretanto, dificilmente uma pessoa terá apenas esses

gastos. No comando de greve de Rio Claro havia muitos professores com empréstimos, financiamentos e dívidas afins, que estavam prestes a desistirem da greve para tentar garantir o salário dos demais meses. Vários amigos já tinham retornado por esse motivo. As assembleias estavam cada vez mais esvaziadas com os professores desistindo. Não é para menos, em uma greve em que o diálogo só acontecia para a mídia é difícil acreditar na contemplação das pautas e, enquanto isso, a falta do salário pesava no cotidiano.

O comando de greve de Rio Claro pensou em mais uma ação para que nossa volta se retardasse ao máximo: Uma festa para arrecadar fundos e também prestigiar as pessoas que ajudaram tanto nesse processo. A festa foi maravilhosa, teve comida, bebida, dança, música, faixas, intervenções artísticas e muitas pessoas. Professores em greve não pagavam entrada e os demais contribuía com R\$ 5,00. Até então não tinha pensado em uma festa como um ato político. Não havia negociação, estávamos sem salários e exaustos, mas a festa operou como uma ruptura no tempo e espaço, promoveu um escape de todas aquelas angústias e também um espaço para levantar a autoestima, por ter, em um mesmo ambiente, muitas pessoas (não necessariamente professores) que apoiavam o movimento grevista. Foi sensacional ver o alívio nas expressões dos meus colegas. Alívio em ter pensamentos condizentes com suas práticas e discursos, alívio por ter militado por sua profissão, mesmo não tendo ganho, mas sabiam que precisavam de se movimentar se quisessem mudanças nas condições de trabalho.

Que pode uma greve na formação do professor de matemática? Que pode uma festa num movimento grevista? Que pode a constituição de um corpo de professores grevistas para as escolas? E para a diretoria de ensino? E para a subsele? E para a região? E para...

Entra junho e os pés pisam no chão, no chão da sala de aula. Sim, desisti! Não aguentei. Frustrado, volto à escola, mesmo sem a categoria decidir pelo fim da greve em assembleia – uma assembleia já esvaziada.

Voltar e ver olhares julgadores e irônicos continua sendo uma das piores sensações. A ironia consiste em cobrar o ganho de um movimento de greve que durou 3 meses. Ao contrário do ME, em que mantive certa raiva dos alunos que não aderiram à greve, entendia os professores que não se mobilizaram, mas os julgamentos e ironias promovidos por alguns davam um certo tom de individualismo.



Figura 14: Juntos somos mais fortes. Fonte: www.quino.com.ar

Os olhos marejados foram consequências de dias de lutas para uns e férias para outros – sim, há quem dizia que estávamos de férias. Os alunos foram receptivos e me fizeram pensar que entraria em greve novamente por eles e por uma educação pública de qualidade em uma futura ocasião.

Volto à sala de aula numa segunda-feira, a categoria determina o fim da greve na sexta-feira da mesma semana e, em questão de dias sai a decisão de que teria o estorno dos descontos dos dias parados. Ganho para a categoria! Não, espera... Nada proposital, não é? Se tal decisão fosse dada no momento ativo da greve seria o equalizador de pressão, o respiro que os professores precisariam para não que não tivesse a evasão da greve aos poucos.

A greve de 2015 dos professores da rede estadual de São Paulo acabou sem ganhos à primeira vista, afinal as pautas não foram contempladas da forma que queríamos, por exemplo, teve a mudança da duzentena, seguindo a proposta que o secretário tinha dado.

Os professores, mesmo sem combinarem entre si, voltaram às salas de aula denunciando todo o tratamento que levaram do governo; fizeram rodas de debates; conversas e quebraram o que a grande mídia noticiara sobre o movimento. Houve alunos que demonstraram apoio ao movimento e houve aqueles que se manifestaram em silêncio (talvez pela relação de poder professor – aluno).

Repor as aulas é uma consequência inevitável e de certa forma positiva. Não dá margem para aqueles que argumentam que numa greve os alunos perdem aulas e que os professores são um bando de desocupados que simplesmente não querem lecionar; além de, também, ter as faltas retiradas e o estorno dos descontos. Agora a luta se dava em como seria a reposição – infelizmente mais ataques.

Os professores que foram substituídos por professores eventuais (que às vezes nem da área eram) foram obrigados a repor tais aulas apenas como eventual. Uma medida feita para que o Estado não pagasse duas vezes a mesma aula, mas por isso que denunciávamos desde o início que pela constitucionalidade do direito à greve não poderia ter acontecido as substituições. O professor coordenador da minha escola tentou ao máximo não colocar substitutos para mim, com isso tive poucas aulas substituídas e assim pude repor todas no mês de julho, porém muitos amigos continuaram com as faltas e os descontos, pois foram substituídos em várias aulas e seus horários não admitiam ser professor eventual em outros períodos.

A escola já não é mais a mesma de antes da greve. Não existem mais sorrisinhos da direção, agora existe apenas perseguição. Não és mais professor, és professor-grevista. Na medida em que todo evento que tiver, até mesmo um simples campeonato, receberás indireta de sua postura política, mas não abaixarás a cabeça! Estarás blindado fisicamente e psicologicamente para saber resistir a tais perseguições. Saiba que também não poderás contar com a direção em intervenções em sala de aula, pois a mesma utilizará tua postura política contra ti. Aquelas conversas bonitas em ATPC deixarão sua beleza apenas nas palavras, pois na realidade, quando quiseres trabalhar o pensamento crítico, por exemplo, numa tentativa de interdisciplinaridade com a matemática e sociologia, não poderás, porque serás acusado de aliciamento de menores. Verás a direção reproduzindo os mesmos discursos que lutavas contra na greve e saberás se acalmar para debater com ideias, mesmo no final do debate podendo ser assediado moralmente devido à "hierarquia" imposta nas relações de poder

• • •

Outubro de 2015, dia letivo normal, eram 20h30. Estou no intervalo refletindo sobre o acontecido na última aula.

Bate o sinal, são 19h45, está na hora de entrar para a segunda aula. Saio das salas dos professores e vou em direção à sala de aula. No trajeto o coordenador me pede um instante para perguntar se eu gostaria de participar de um jogo comemorativo do dia das crianças

com os alunos. A conversa não leva nem cinco minutos e me direciono à sala de aula.

Ao adentrar percebo vários alunos em pé segurando suas mochilas. Estranho o fato e questiono tal situação. Uma aluna me responde:

— Sôr, é a mesma brincadeira de sempre! Eles tão assim desde a primeira aula e nem consegui me concentrar nas atividades.

Alguns alunos, há tempos, brincavam de esconder pertences de seus colegas e eu já havia alertado inúmeras vezes de que uma hora isso acabaria mal. Quis dar um basta dessa vez e pedi para o inspetor chamar a direção para conversarmos com a sala.

Enquanto o inspetor foi chamar o diretor fiquei conversando com os alunos que aquela brincadeira, por mais besta que fosse, estava prejudicando o ambiente de sala de aula, sem contar que um dia poderia sumir algum objeto e as consequências seriam mais graves.

O inspetor retorna e pergunta o que eu quero com a direção. Ressalto que é a presença dela na sala de aula. E continuo a conversa com os alunos. Novamente o inspetor retorna e diz que o diretor me quer ver em sua sala.

Intrigado pelo fato do diretor não ter vindo à sala de aula, pedi para o inspetor que ficasse de responsável pela sala enquanto eu iria verificar o motivo da solicitação de minha presença.

Bato à porta e entro, não sento, pois na minha cabeça a conversa seria rápida, afinal estou em horário de aula. Ele me questiona sobre o motivo da solicitação e eu o deixo a par do acontecido, justificando a necessidade de sua presença. Sou surpreendido com ele me interrompendo:

— Não vou à sua sala porque daqui de minha sala consegui ver que você chegou atrasado na sala de aula, logo é justificável que os alunos estivessem ansiosos.

— Se o senhor acha que tenho culpa, poderia ter me orientado após ir à sala, mas preferiu negar minha solicitação e me tirar da aula...

— E outra, não vou à sala porque estou te observando. Você é um professor de matemática e não de outras matérias, muito menos psicólogo. Você tem que falar de matemática na sala de aula e só! Não tem nada de conversar com os alunos sobre a greve e nem sobre política. Matemática não tem nada a ver com política, matemática não tem nada a ver com greve! Então, professor, faça o que está de acordo com sua função e nada mais, porque, caso não saiba, existe algo que se chama aliciamento de menor! - Fui interrompido novamente pelo diretor.

Em outros momentos, poderia estar tremendo de nervoso num momento desses, após uma fala dessas. Algo aconteceu de diferente e me fez não agir dessa forma. Interiormente falava “Não baixe a cabeça, você não fez nada errado! Não baixe a cabeça!” e argumentei:

— Caso o senhor não saiba, um dos documentos que norteia a educação do estado de SP é o PCN⁷² e nele consta “os temas transversais”, mas o senhor é diretor, deve saber, por isso não vou ficar discutindo sobre isso, uma vez que também tenho ciência do que faço em sala de aula. Não quer atender minha solicitação? Ótimo, não tem problema! Apenas ratifico que nesta escola a direção se omite e quando uma bomba explodir outras instâncias serão procuradas. Com licença que estou em período de aula.

⁷² Parâmetros Curriculares Nacionais.

Saio da sala. Agora sim começo a tremer. Durante o trajeto à sala de aula fico pensando no que falar com os alunos. Afinal, de certa forma, eu tinha pedido a presença da direção e o que houve foi uma negligência que poderia ser interpretada de outra forma para os alunos e a relação professor-aluno-sala-de-aula poderia ser comprometida.

Por fim, contornei a situação, aliás, não sei o que deu em mim para pedir a presença da direção, pois estava acostumado a confrontar os conflitos que aconteciam na sala de aula e deixá-los lá. Não sei o que deu em mim.



Figura 15: Transversalidade. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Dezembro de 2015, não há alunos na escola. Período pré-férias e dia chuvoso, são 20h15. Acabo de voltar para a sala de aula, estou nervoso.

A diretora acabara de insinuar que eu estava desrespeitando-a. Colegas estavam presentes e comprovam que foi uma insinuação absurda. Penso em fazer um Boletim de Ocorrência, mas ao mesmo tempo, o medo de perseguição pede respiração.

Duas colegas professoras e eu estávamos num debate produtivo acerca de temas políticos e educacionais. A discussão estava sadia sem nenhuma ofensa ou qualquer tipo de fanatismo ideológico, até chegar a

diretora. Ela chega alegando que, mesmo não tendo aluno, deveríamos ficar na sala de aula, caso a supervisão aparecesse. Até esse ponto sem problemas, estava acostumado com bur(r)ocracias sem nexos. O problema é que ela continuou:

— Não quero debates desses temas na escola para não dar problema.

— Não haverá problema, estamos conversando civilizadamente, como deveriam ser todos os diálogos. Não há nada de pessoal nessa conversa e, na verdade, na escola deveria ter mais ambientes como este, por ser um local público deveria ser a esfera do debate. - Disse uma professora contrária ao movimento de greve.

— A escola é pública, mas não é sem lei. - Rebateu a diretora.

— Mas em nenhum momento dissemos que um espaço público é sem lei! - Esclareci.

Voltando-se para mim ela vociferou:

— A escola é do Estado (pública do Estado - enfatizei) e temos regras a seguir, como o estatuto do funcionário público que apresenta o respeito aos superiores e você não está fazendo isso. Tome cuidado! Discussões que giram “fora do ambiente escolar” já originaram muitos conflitos e muitas perdas. E não devemos questionar o governador, pois é ele quem paga nossos salários, ainda mais quando se está em estágio probatório e sou eu quem o avalia. Escola não é ambiente de política! Vão para as salas e finjam ensinar!



Figura 16: Escolas e escolas. Fonte: <http://tirasbeck.blogspot.com.br>

Abril de 2016, período letivo, ATPC.

Após acabar a pauta da reunião, a coordenadora puxa um diário de classe da mochila e explica:

— Professores, o diretor me pediu que eu repasse a vocês esses diários que devem ser refeitos. Ele estava checando os diários para arquivá-los e estes aqui, para ele, apresentam algum registro errado. Na verdade, muitos dos diários escolhidos são de professores que fizeram a greve e por consequência registraram o período no diário. Por exemplo este [puxa o meu diário e o abre]. O professor registrou o período de greve, mas, para o diretor, não está de acordo com o que deveria ser.

Eu havia registrado de acordo com o que os professores mais experientes me orientaram, seguindo exemplos de anos anteriores. Encerrei o período, referente à greve, com um risco de ponta a ponta contendo o rótulo “GREVE”. Afinal, se o diário de classe servia como registro do ano letivo, então que o usasse com esse propósito.

Senti-me afrontado com o pedido de refazimento do diário, já que ele estava retratando o que aconteceu. Em contrapartida, fiquei tranquilo com a exposição de meu diário, enquanto que os demais professores acharam a ação uma clara configuração de assédio moral.

Fui pedir esclarecimentos à coordenadora porque não víamos motivo para o refazimento. Segundo ela – que também não tinha entendido tal pedido – o motivo era a estética, porque o rótulo “GREVE” estava demasiado grande no diário e o diretor não queria tal destaque.

Pois bem... Me recusei a refazer! Deixei claro para a coordenadora que se caso essa atitude fosse prejudicá-la de alguma

forma, eu não teria problema algum em me responsabilizar e queria que ela repasse a minha negativa à direção.

Assim foi feito. E enquanto os amigos professores refaziam seus diários, eu continuava a me negar. A coordenadora retardou ao máximo em repassar a negativa e eu agia como se nada tivesse acontecido.

Após uns meses, a coordenadora foi me comunicar que o diretor estava me esperando em sua sala.

Alguns amigos já haviam me alertado que eu não deveria conversar sozinho com a direção, diziam que eu tinha que chamar alguém como testemunha. Apesar dos conselhos, acabava sempre em fazer o contrário.

Bati à porta e fui convidado a entrar. O diretor foi direto e me perguntou qual o motivo da minha recusa em refazer o diário.

— Não refaço porque não vejo no que errei. O diário escolar serve para registrar o ocorrido durante o ano letivo e, apesar de na prática o enxergarmos como mais uma burocracia, foi isso que fiz ao registrar o período de greve. Além de não ver erro, me negar em refazê-lo também é um ato político, uma vez que faço questão de deixar registrado que fiz greve naquele período. - Respondi.

— Você pode registrar o período em greve, o problema foi o jeito que você fez. Algo rude escrever tão grande a palavra “GREVE”. Me nego em arquivar um diário na minha escola nesses moldes. Se quisesse escrever, colocasse em letras minúsculas.

— Ah... Então o argumento é apenas estético? Uma questão de gosto? Enquanto muitos professores deixam claro que não registram o diário por ser algo supérfluo, alegando que se trata apenas de preenchimento de papel, o senhor quer que eu refaça meu diário por uma questão de gosto? Por que seu ego ficaria frágil em saber que arquivou meu diário? Me desculpe, mas não irei refazer.

— Você sabe que sou seu superior imediato, não sabe? Sabe que está em estágio probatório, não sabe? Sabe que sou eu quem te avalio, não sabe? E você está recusando a seguir minha orientação! - Disse o diretor mudando o tom de voz.

— *O que sei é que o senhor exerce uma função e eu outra, mas ambos temos como chefe o governador de SP. Não vejo hierarquia, vejo funções diferentes. Enfim, faça essa orientação por escrito que eu a respondo por escrito também, porque não adianta ficarmos com essa briga de ego. Então, por favor, me oriente por escrito para que eu possa respondê-lo.*

Estou a esperar até hoje a orientação.

• • •

Os alunos serão teu refúgio. No início estarás desanimado e devastado, mas eles te motivarão, afinal tu precisas muito mais deles do que eles de ti. Fornecerás cada vez mais aulas espetaculares. Saberás dialogar com teus alunos em quaisquer assuntos e terás o bom senso de saber quando abrir esse diálogo sobre questões conflituosas como: Racismo, homofobia, machismo, religião, ou qualquer tipo de opressões – isso ainda numa aula de matemática. Perceberás que tais diálogos promovem uma maior atenção para o conteúdo programático do currículo e se sentirá mais realizado em saber que alguém está dando valor ao seu trabalho.

Movimentos podem ter pausas, mas têm fim?

Sentir-se realizado também é uma consequência da greve. A oscilação da autoestima vai ao fundo do poço quando tens que voltar à sala de aula, teoricamente, sem nenhum ganho real; e atinge o ápice ao ver os alunos se organizando para barrar a R(D)e(s)organização Escolar para 2016⁷³.

Em tempo de SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), o que tomou o assunto em todas as mídias foram as ocupações das escolas organizadas pelos estudantes. Começou com a movimentação de uma escola em Diadema/SP e se arrastou pelo estado de SP, alcançando um número de 211 escolas ocupadas (segundo a APEOESP). A realização não é individual, é coletiva. Os alunos mostraram um sistema de autogestão firme e combativo e uma nova proposta de educação – muito melhor por sinal.

⁷³ Proposta do Governo do Estado de São Paulo em, basicamente, transformar as escolas em ciclo único, acarretando o remanejamento de alunos em outras escolas e com isso o fechamento e municipalização de escolas.

Ocuparam as escolas, viveram nelas e por elas se colocaram em risco. Mesmo sabendo que não teriam férias, mesmo com ameaças de retenção ou até mesmo de depredação do espaço público, puseram-se em movimento. Utilizaram a escola para terem aulas doadas por professores que apoiavam o movimento; terem oficinas artísticas; debates; shows; e tantas outras atividades que colocaram em xeque o jargão: "Qual escola que queremos?" Pois bem, não é essa de um currículo engessado, mas esta que os alunos fizeram: Alunos numa organização autogestora com uma multiplicidade de eventos em educação, lazer e entretenimento. Uma movimentação que, para alguns, foi consequência da greve (talvez seja até egoísmo considerar como consequência, além de escamotear o protagonismo dos estudantes), mas que deveria ter um relato inteiro para mostrar sua beleza e força.

Alunos-professores que ensinaram professores-alunos a se manifestarem. Vimos uma manifestação diferente – o movimento estudantil existe e resiste.

Um movimento que quebrou o bloqueio da grande mídia e colocou o dilema: "Reprimir ou não estudantes?" O governador de São Paulo não "dá ponto sem nó" e sabia que se houvesse repressão o movimento ficaria mais forte, mas se encontrava numa encruzilhada, pois mesmo não fazendo nada, subestimando⁷⁴ e ignorando o movimento (como fez com a greve), ele continuaria a crescer. Tentou se utilizar de manobras em seu discurso, alegando que iria suspender até o final do ano a reorganização. Mas como suspender algo que só teria início no ano seguinte? Os alunos espertamente identificaram as manobras e não retrocederam, permaneceram até a vitória. Ela veio com o anúncio da revogação da reorganização, juntamente com a demissão do secretário da Educação, com a proposta de iniciar diálogos nas escolas para pensar meios de como aconteceria tal reorganização.

Não aconteceu. Não aconteceu devido a força do movimento estudantil. Muitas escolas deixaram de fechar, por mais que saibamos que esta reorganização está sendo feita aos poucos na surdina, tendo em vista os números de salas que foram fechadas em diversas escolas.

Em todo momento fiz questão de colocar entre aspas o fato de não obtermos ganho real com a greve. Fiz isso para deixar claro que houve sim. Por mais desacreditados que ficamos, conseguimos mobilizar um grande número de professores pelos mesmos ideais, e particularmente em Rio Claro, conseguimos movimentar uma cidade que há muito não se movimentava pela educação. Não havia diálogo entre os professores e muito menos havia

⁷⁴ Em sua fala, as ocupações durariam até o fim de semana com a saída dos jovens para ir passear.

movimentação na subsede do sindicato. Denunciamos à população os ataques autoritários que a educação pública vinha recebendo e obtivemos o apoio de uma grande parcela da população; e por fim tivemos a honra de presenciar o movimento estudantil sendo novamente a linha de frente, proporcionando micro revoluções que explodiam uma a uma e desencadeava uma ex(im)plosão de esperanças e determinação.

Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática em sua profissão? Que pode a greve em uma profissão? A greve é o método de mobilização mais adequado para os professores? Lutar pela melhoria na profissão docente é o mesmo que lutar por uma educação de qualidade? Que escolhas um movimento de greve permite a um professor? Talvez esse território tenha feito o papel de deserto para que ocorressem as transformações do espírito, ou talvez tenha sido apenas um momento passageiro, ou, quem sabe, tenha se tornado uma marca no corpo de um professor de matemática.

Só os tolos respondem uma pergunta com outra (s) pergunta (s)?

“Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta.”

(Guimarães Rosa)

No exercício de encarnar as marcas, de dar língua a elas, passeamos numa jornada sem caminho pré-definido – uma jornada sem direções prévias. A princípio, tentamos percorrer a partir de um disparo, porém percebemos que esse disparo não se dá por si só; carrega consigo uma multiplicidade. Dentre os gatilhos que iam disparando as marcas, vieram alguns um tanto quanto *esquecidos*, talvez devido ao tempo, longínquo para nós – mas, se um acontecimento te marca, te marca. Afinal, “[...] uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento. Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás, muito de nossas escolhas são determinadas por esta atração)”⁷⁵

No passeio pela profissão, pela universidade, pelo movimento estudantil, não é que esbarrei com uma criança?! Uma criança assistindo ao programa *Chaves* e repetindo as mesmas palavras que o personagem *Seu Madruga*: “Somente os idiotas respondem uma pergunta com outra pergunta!” Ou então quando imitava o *Zequinha*, personagem do Castelo Rá-tim-bum: “Por quê? Por quê? Por quê?” Somente para chegar na tão famosa resposta: “Porque sim, Zequinha!”

E como criança gosta de passear...

Produzindo com essas marcas, podemos dialogar com uma determinada compreensão desses acontecimentos: o fato de esperarmos sempre uma resposta, e de preferência, que ela

⁷⁵ (ROLNIK, 1993, p.2)

seja objetiva. Até o momento em que a esgotássemos com outras perguntas – no limite: o *Porque sim*.

Esse limitante é utilizado não como o limite definido no cálculo infinitesimal, mas como um *basta*. No cálculo infinitesimal⁷⁶, em palavras, na medida em que pegamos um raio muito próximo de um determinado ponto do domínio da função tendemos a trabalhar com a imagem desse ponto pela função. Entretanto, trabalha-se com o *Limite*, pois podemos ficar tão próximos quanto quisermos do ponto e mesmo assim não o tomar. Logo, intuitivamente, consideramos que no infinito estaríamos trabalhando com esse ponto. O *Porque sim* é apenas uma resposta qualquer, uma tentativa de supressão da pergunta.

“Mas, onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta”.

Suprimir uma pergunta é algo que faz perder sua força – a força da reflexão, o movimento do pensar, trabalhar nas imediações do problema, sem necessitar trabalhar exatamente com o problema. A reflexão se dá no *limite*, a produção ocorre no *limite*, não é no começo – a pergunta – e nem no final – a resposta – mas no *entre*. “Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”.⁷⁷

Nesta investigação, não nos interessa esgotar a pergunta de pesquisa, mas como uma criança, como Zequinha, fazer mais e mais perguntas a fim de produzir reflexões, na qual a diferença venha como possibilidade de invenção. Operar com esta pergunta no *limite*, operar com esta pergunta no *entre* e, assim, rastrear transversalmente as potencialidades dessa pergunta dentro deste romance de formação.

Operar no *entre* é produzir perguntas em cima de perguntas, sem pretender analisar ou interpretar; é inventar sentidos nos acontecimentos; não é simplesmente relatar o acontecimento (como é feito em um divã), mas embaralhar os códigos e pôr-se em um novo acontecimento, como um *esquizofrênico*⁷⁸. “Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código ao outro, que ele embaralha todos os códigos, num deslizamento rápido, conforme as questões que lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, não invocando a mesma genealogia, não registrando da mesma maneira o mesmo acontecimento”⁷⁹.

Quando refletimos sobre uma pergunta produzimos sentidos, produzimos outras perguntas, isso, ainda, enquanto refletimos sobre ela dentro de um contexto (um parágrafo, um acontecimento). No mesmo contexto, se voltarmos a refletir sobre a pergunta podemos inventar outros sentidos, não necessariamente os mesmos oriundos da primeira reflexão. Mas,

⁷⁶ $\forall \varepsilon > 0, \exists \delta > 0; 0 < |x - a| < \delta \Rightarrow |f(x) - L| < \varepsilon, x \in D(f)$

⁷⁷ (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

⁷⁸ “Antes de ser a afecção do esquizofrênico artificializado, personificado no autismo, a esquizofrenia é o processo da produção do desejo e das máquinas desejanter.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.41, grifo meu) Os autores diferenciam o termo esquizofrênico, ou simplesmente *esquizo*, para não haver confusão com a doença esquizofrenia. O esquizofrênico, em palavras, é considerado como os fluxos decodificados do desejo, em que todos os códigos são misturados e esquizo é como se fosse o movimento em que ocorre esse acontecimento, numa produção de uma nova terra, de uma desterritorialização.

⁷⁹ (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.28)

embaralhando os códigos, que produções possibilita operar com perguntas de perguntas fora de um contexto, de um território? Aliás, território há para esta investigação, mas almejamos algo para além dele. Desejamos pensar em perguntas, num deslizamento rápido, de forma que elas possam produzir uma nova terra, diferente daquela na qual ela foi disparada.

Muitas perguntas deram corpo para essa narrativa, algumas delas, além de produzirem sentido também dispararam o fluxo narrativo. Algumas podem ter passado despercebidas e outras podem ter produzido afetos, mas como elas dialogam com a pergunta desta investigação?

Embaralhando perguntas

Cadê a matemática do colégio?

As minorias conseguem permanecer na universidade?

Quem entende do funcionamento da máquina sabe como travá-la? E quem não sabe?

Como a Educação Matemática pode mobilizar o tema?

Mas há como afirmar que existem forças políticas que agem na Educação Matemática e na formação docente?

A todo momento estamos em formação, somos afetados e afetamos, mas quais são os desdobramentos desses afetos para o professor de matemática? E para a sociedade? Como o professor de matemática afeta a sociedade? Como a Educação Matemática afeta a sociedade?

Mas, não se distanciando totalmente do raciocínio lógico dedutivo, se assumirmos que a vida do professor é atravessada por uma dimensão política, o que podemos produzir com isso?

Não que isso dê margem para caracterizar a história como falsa, afinal, só porque é inventado quer dizer que não seja verdadeiro?

...é o ato de ser professor? E o ato de ser aluno? Uma sala de aula: ato coletivo ou individual? Até que ponto é válido o que Paulo Freire dizia "não há docência sem discência?"

Mas, qual seria, então, a diferença de uma pesquisa em formação política para uma pesquisa em formação docente?

Será que esse discurso parte da premissa que ao passar no vestibular todos começam do mesmo ponto de partida?

Será que são fornecidos espaços ao professor de matemática, em sua formação, para que ele conheça e reflita sobre os aspectos subjacentes ao conteúdo matemático que se relacionam com os conflitos sociais? Se sim, quais seriam esses espaços? E se eles existem, como o professor de matemática os confronta? Que pode a formação política do professor de matemática para a sua formação docente?

Que pode um movimento de professores com interesses políticos para se começar a investigar "formação política do professor de matemática"?

Que pode movimentos sociais para formação política do professor de matemática?

Que os recursos virtuais para a articulação de um movimento?

Mas você estava presente na assembleia para propor uma outra alternativa?

O que parar aula produz? Ou sendo mais abrangente, quando um professor entra em greve, qual o prejuízo? Qual a potência da greve na Educação?

Quando um não quer, dois não brigam?

Será que receberemos repressão em troca de nada?

Que pode num manobras movimento grevista?

Chamamos a assembleia sabendo que ela findaria com a greve, mas e se pudéssemos sair com o contrário? Para isso, pensamos numa manobra: “e se vencermos pelo cansaço?”

Que pôde o movimento estudantil para minha formação política como professor de matemática? Que afetos minhas escolhas durante a graduação tiveram na prática docente? O movimento tem um fim?

Participar de uma greve é facultativo?

Agora, se a assembleia já havia deliberado greve, por que confabulamos tanto se iríamos aderir ou não? Se a greve no ME tinha como empecilho não parar a produção por não se tratar de um trabalho, por que na greve de professores, uma profissão, há tanta resistência? Sempre pensei que greves abrangessem toda a categoria, afinal não é essa a intenção?

Você estava indeciso até agora. O que aconteceu para se decidir, de uma hora para outra?

Afinal que potência tem a fala de um novato na profissão?

Que pode um movimento grevista para a profissão de professor do governo do estado de São Paulo que, por si só, divide-os em categorias de forma que já não há os mesmos direitos, consequentemente, os mesmos ganhos?

Que corpo professor produz um movimento grevista?

Que rege um movimento? Um movimento se rege?

Que pode uma greve sem confronto?

Greve ordenada?

Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática em sua profissão?

Que pode a formação política para/(d) o professor de matemática na tensão entre o discurso e o comodismo?

Greve:
Suspensão do trabalho ou trabalho adicional?

Que escolhas um movimento de greve permite a um professor?

Lutar pela melhoria na profissão docente é o mesmo que lutar por uma educação de qualidade?

Será então que, realmente, reduzir a maioria penal tem como objetivo reeducar os jovens?

O que é lesionar a ordem? Transformar no caos? Se algo já está caótico, qual a ordem disso? Que pode um movimento grevista ordenado?

Que pode a constituição de um corpo de professores grevistas para as escolas? E para a diretoria de ensino? E para a subsede? E para a região? E para...

Negociação: o fazer política?

Que pode uma greve? Que pode ao judicializar um ato político?

Que pode a greve para uma profissão? A greve ainda é o método de mobilização mais adequado?

O judiciário era conhecido popularmente como justiça, logo deveria deliberar "o que é certo". Mas, certo para quem?

Que pode a violência? O sangue jorrado na rua ecoa na sala de aula?

Mas' certo para quem?

"Que escola queremos?"

Quem não pode com a formiga?

Movimentos podem ter pausas, mas têm fim?

Será que é possível haver essa neutralidade em uma sala de aula? Um professor é capaz de se despir ideologicamente ao entrar em uma sala de aula? Será que é correto considerar o aluno uma folha em branco na qual é fácil se rabiscar convicções? O que seria uma educação moral "coerente" em uma sociedade com tanta diversidade cultural? Até que ponto a "escola sem partido" não tem partido?

Epí (Pró) logo

Escola Sem Partido: uma realidade inventada ou uma distopia real?⁸⁰

Em um piscar de olhos, algo se passou. Abro os olhos e me vejo 25 anos mais maduro.

Tenho uma fisionomia diferente, já não há mais barba. Estou com um penteado uniforme e traço um terno. Levo algum tempo para me reconhecer. Afinal, desde a infância a barba fazia parte de minha identidade e... terno? Sempre odiei, sendo adepto de bermuda e chinelo. Ainda assim, de alguma forma sei que sou eu, ainda que não seja completamente eu. Vejo uma espécie de *alter ego* materializado por conta de alguma peripécia científica nessas mais de duas décadas esquecidas.

Bastante confuso, passo a tentar buscar pela última lembrança antes desse fatídico pesadelo. Alguma recordação que viesse ao menos acompanhada de barba. Vi-me, então, desolado, na sala de professores, com a coordenadora pedagógica e a diretora da escola anunciando a aprovação do Projeto "Escola Sem Partido", que passaria, a partir daquele momento a ser chamado "Programa Escola Sem Partido".

Tenho calafrios ao ver aquele *alter ego* futuro ali em minha frente. Sou apenas um passado que vê seu futuro a alguma distância. De repente, dou-me conta que não sou apenas eu quem o vê. Minha presença também é percebida por esse *alter ego*, que tenta me ignorar. Faz pouco caso, parecendo que fazia questão de me esquecer, ou o que é pior, esquecer quem ele próprio um dia já foi.

Os acontecimentos seguintes continuaram se dando fragmentados de forma não linear, em cenas em que estava em uma sala de aula vendo meu *outro mais velho* lecionando. No início, pensei o quanto saber como eu estaria lecionando após 25 anos de profissão poderia disparar várias reflexões para ajudar em minha formação; no entanto, o que vi me deixou tão estupefato e arrepiado que qualquer ideia de formação se dissipou.

Não estava sozinho na aula, a sala estava cheia, bem mais cheia do que eu estava acostumado, em uma disposição que me deixava inquieto. Comecei a contar e desisti ao chegar na casa do milhar e perceber que ainda não estava na metade. A estrutura era de auditório com um telão, que transmitia minha aula ao vivo. Meus alunos me viam por lá. Aliás, só me viam por lá. Por que não olhavam diretamente para mim?

⁸⁰ Inspirado no conto "O outro" de Jorge Luis Borges (tradução de Lígia Morrone Averbuck). Disponível em <<http://casadapalavras.blogspot.com.br/2011/10/o-outro-de-jorge-luis-borges-traducao.html>>. Acessado pela última vez em 19/01/18.

Deu um calafrio ao ver um policial rondando pelo corredor antes de *meu eu mais velho* fechar a porta. Por que sua presença?

A abrangência da transmissão superava os muros da escola, superava as paredes da sala de aula. Notei que havia pais de alunos *assistindo* à transmissão pelo site da Secretaria de Educação enquanto trabalhavam ou estavam em suas casas. Sei disso, porque no telão, em um *layout* separado no canto, estava aparecendo as reações dos pais que interagiam sobre a aula: [👍] – caso estivessem curtindo meu método de aula; [!] – caso quisessem avisar ao filho que aquele era um assunto importante (talvez fosse por isso que os alunos não estavam me olhando diretamente – esperando o responsável dizer o que era importante saber); [?] – quando queriam que o filho pedisse para eu repetir a explicação por achar que o aluno não tinha entendido; [\$] – para que eu cessasse a minha fala ou mudasse, pois ela estaria fazendo referência a uma determinada ideologia.

Apesar dos milhares de alunos, apenas identifiquei a reação de dez pais pelo telão. Era arrepiante ver que os símbolos que vinham do *chat* dos pais apareciam mediante um efeito de transição que os aumentava e fazia com que percorressem todo o telão.

Muitos alunos não prestavam atenção em mim, nem no telão. Questionei-me se tais alunos tinham seus pais acompanhando e se havia algum símbolo dos pais para falar de seus próprios filhos, mas não encontrei nada a esse respeito. Perguntei-me também a razão de eu não estar chamando a atenção deles. Parecia que não estava me preocupando se aprendiam ou não. Enquanto estava com o microfone, não olhava para os alunos, mas para o telão para ver as reações dos pais.

Não, aquele *alter ego* não poderia ser eu, não poderia ser o futuro do *Cotô*, que participou ativamente de movimentos estudantis, de greves, de discussões com outros professores, seja na escola, seja em sindicatos. Não, aquela era uma versão docilizada de mim mesmo quando muito era apenas *Mesquita*.

Eu só consegui perceber a estrutura estriada que se dava na aula após uma observação atenta que se deu durante o primeiro quinto do tempo total. Pude entender o significado dos símbolos que apareciam no telão depois de verificar a repetição no comportamento de *Mesquita* ao se deparar com o aparecimento de tais símbolos.

Minha suspeita sobre o significado das reações fez sentido ao analisar uma situação em que *Mesquita* abordava o tema “Fracções”. Vi muita dificuldade em meus alunos quando ensinava tal tema, por mais básico que fosse, por mais recursos que utilizasse, por mais pizzas que cortasse. Desse modo, não duvido que, no final do ano, muitos já tivessem se esquecido

dos conceitos fundamentais. Em minha época de Cotô, utilizava sempre que podia recurso mnemônicos para tratar o tema, numa tentativa de assimilação de alguns conceitos via frases correlacionadas e, por isso, ao perceber que Mesquita iria abordar o assunto, prestei mais atenção para verificar se, após todos esses anos, teria arrumado uma metodologia mais efetiva.

— Senhores, trataremos hoje com a continuação do tema de frações. Na aula passada já havíamos visto sobre a definição de uma fração – como parte de um todo [\\$], digo, como um quociente, na qual comparamos dois objetos. [👍] [!] – disse Mesquita ao se corrigir vendo as reações no telão.

Achei bem estranho ele ter se corrigido, (aliás, já achei estranho desde o momento que Mesquita chamou os alunos de senhores. Um tratamento formal que parecia até ser em direção aos pais e não aos alunos) afinal, que mal faria falar que a fração representa a parte de um todo? Apesar da linguagem usada posteriormente também não estar errada, para mim, tratava-se de uma linguagem um tanto quanto formal em vista do que foi dito anteriormente.

Mesquita continuando com sua aula:

— Também vimos como somar e subtrair, já que os dois casos são semelhantes, frações com o mesmo denominador. Nesta aula, focaremos nas frações cujos denominadores são números diferentes. Para isso, vejamos primeiro a definição de fração equivalente... [?]

Mesquita fornece uma pausa em sua fala ao verificar que um aluno tinha levantado a mão. Sobre o aluno, notei ser um daqueles que os pais estavam acompanhando a aula, um perfil diferente daquele que estava acostumado na escola pública – um tanto quanto engomado. O aluno questionou:

— Professor Mesquita, meu pai me disse que somamos frações utilizando a definição, uma regra que não precisa dessas tais frações equivalentes. Não quero aprender frações equivalentes, pois ele disse que isso não está na definição de soma.

— Correto! [👍] Não é necessário o uso de frações equivalentes para somar ou subtrair frações. Entretanto, seu uso pode ser uma ferramenta importante em problemas que envolvem múltiplos, sem contar que usar apenas a definição pode aparentar que o conceito de fração é apenas uma regra descontextualizada. Alguns alunos podem não entender apenas usando ela. [\\$] De toda forma, a soma de duas ou mais frações resulta em uma nova fração, na qual o denominador é o produto dos denominadores das parcelas e o numerador é a soma dos produtos do numerador com o denominador de cada fração.

Fiquei indignado ao ver aquela situação. Como assim? Estou ensinando frações usando só a definição? Isso é uma aula do ensino fundamental da escola pública ou uma aula da universidade? Aliás, até na universidade vi sobre as classes de equivalência. Por causa de **um** aluno (um pai), deixei de apresentar as frações equivalentes! Por quê? Os alunos adoravam quando eu brincava com eles dizendo que “É somando com os iguais que temos resultados”. Eles concordavam de imediato e quase sempre saíam algumas reflexões sociais. Era demais!

A aula continuou. E a cada fala, a cada mudança na fala por causa das reações, ficava cada vez mais com raiva. O que era para ter sido uma oportunidade ímpar de se ver no futuro com possíveis métodos sensacionais de aula, acabou sendo uma aula sem cor, sem brilho, apenas o mínimo e nada mais além.

Fiquei pensando em interferir durante toda a aula, mas receava de que essa intervenção pudesse prejudicar Mesquita. Afinal, havia um policial rondando a aula, sempre parecendo muito atento ao que Mesquita dizia. Sendo assim, esperei a aula acabar para colocar Mesquita contra parede. Afinal, ele também era eu, o que me dava algum direito de dizer-lhe que era inadmissível ver o que fazia.

No término, esperei os alunos saírem e fui conversar.

— Sabia que você viria. Quando te vi na plateia já soube que viria. Era inevitável. Nunca pensei que te enfrentaria assim, cara a cara, depois de todos esses anos. — disse Mesquita desolado.

— O que aconteceu com você durante esses anos? Quase não me reconheço em você, tanto pela aparência — cara, você tá sem barba e com o cabelo penteado para o lado usando gel, sem falar que está usando terno — quanto pela sua aula. Que aula foi essa? Você não tem mais contato visual com os alunos? Pensava que depois de tanto tempo minha aula seria um show e que em poucas palavras eu já iria fazer acontecer. É o que sempre pensei que aconteceria quando eu tivesse mais experiência na profissão. Mas o que vi foi totalmente o oposto, o que eu abominava em alguns professores: um professor sem esperança na educação!

— Pensa que ainda não faço minhas autoavaliações? Minhas reflexões antes de dormir? Nos últimos anos tenho ido semanalmente ao psicólogo. Sim, sei! Sei que você acha que psicólogo é recomendado a todos, mas você não entende! Se me vê aqui agora é porque ainda penso em aposentar. Mesmo com a reforma da previdência, pelas minhas contas, daqui 20 anos eu conseguirei me aposentar. Já passei da metade do caminho, desistir agora é desistir de todos esses anos trabalhados.

— Não me diz que você caiu na máxima da aposentadoria? Empurrando como pode os dias até o momento de se aposentar? Ainda mais com esta idade prevista, é se aposentar e morrer, se não morrer antes.

— Não havia outro caminho. Com as reformas da previdência e trabalhista ficou cada vez mais complicado para qualquer trabalhador. Os poucos que restam de nós, professores da escola pública, são submetidos ou a lecionar à distância para milhares de pessoas ou lecionar como leciono – para um auditório cheio e em condições mais precárias do que aquelas que você já não suportava. E isso antes de implementarem aquele programa lá que você lutava contra quando ainda era apenas um projeto, o Escola Sem Partido. Tal programa foi ganhando cada vez mais força pela onda conservadora, até que atingiu o ápice quando um presidente declarado de extrema direita tomou posse e ressuscitou o Projeto de Lei. É claro que houve resistência, fiz parte dela também. Mas chega um momento... um momento em que você percebe que já havia morrido tantos e mesmo assim a sociedade fazia pouco caso, não mudando o seu cotidiano... Você percebe que de uma forma ou outra as pessoas já estavam intolerantes e pensavam só em si. O Escola sem Partido só veio para ratificar mais esses comportamentos. Afinal, esse programa não chegou nem aos pés do projeto da previdência e do projeto da reforma trabalhista. Sim, eu sei! Estes projetos foram fulminantes e mesmo com resistência foram implantados. Creio que ficamos desolados, sem forças...

— Mas sempre há resistência! Você não pode considerar a resistência apenas como um empecilho, fácil de se livrar. A resistência está numa ideia, numa atitude, numa escolha, numa ação, num movimento! Toda ideia opressora promove resistência, mesmo que, inicialmente, pequena, mas com força para crescer.

— Você não entende! Ainda é jovem...

— Não acredito que você também está reproduzindo esse jargão: “Você ainda é muito jovem! Tem muito o que aprender”. Não admito!

— Me desculpe. Acabei esquecendo que você odiava quando te rebatiam assim. Te castravam, não é? Ao invés de debater os seus argumentos, colocavam em cheque seu tempo de vivência. Mas, realmente, as coisas mudaram. Quando o programa ganhou força, houve muita resistência, mas os que resistiram foram os primeiros a serem denunciados como empregadores da manipulação ideológica nas salas de aula. Abriam processos administrativos contra nós. Eu que era da matemática, pensei que não sentiria tanto o impacto que nem meus amigos da sociologia, história, geografia e filosofia, mas foi um grande engano. Ninguém escapou, em nenhuma disciplina. Quando não era perseguido pela postura combativa, era denunciado por qualquer frase que, para eles, tinha uma conotação coletiva ou

que visava uma crítica social. A sociedade foi se acostumando a reclamar cada vez mais, isso eles aceitavam – a reclamação. O que não aceitavam eram o incentivo da mudança, da tomada de consciência. O pior foi justamente isso, muitos professores que sempre reclamavam na sala dos professores não se importaram, pois podiam continuar a reclamar. Eu sofria censura por pessoas de dentro e de fora da escola. Me afastaram, quase perdi meu cargo, aliás, quase desisti da profissão.

— Como assim? Você aceitou tudo isso calado? E ninguém somou com você?

— Claro que não enfrentei isso sozinho. Não aguentaria! Muitos dos seus amigos o apoiaram, inclusive aqueles com ideias opostas às suas, mas sabiam do seu trabalho. Entretanto, um a um foi sofrendo as mesmas retaliações. No começo, até que resistimos bem, mas o problema é que estávamos espaçados geograficamente, ao ponto de ter escolas inteiras em que não havia um professor que resistia. Lembro até hoje dos piquetes que você fez, das barricadas, das ocupações no planalto, dos bancos que você quebrou... Lembro de tudo isso, você estava a todo vapor. Mas a estratégia, que até então vinha dando resultados, fez efeito novamente. As mudanças iam acontecendo aos poucos, na calada da noite... Um pouquinho ali, um pouquinho aqui... até estarmos imersos à podridão. Daí o que fazer? Sabe aquilo que você questionava sobre movimentos terem pausas? Às vezes elas são muito extensas e quando se presta atenção... já é tarde!

— Não estou conseguindo lidar direito com isso. Sempre preferi a morte, a aceitar ser submisso.

— Sim, muitos amigos teus também. E olha onde estão... realmente suas preferências foram levadas em consideração. Agora, para mim, estar na escola pública não é mais uma questão ideológica, é uma questão de sobrevivência. Ainda bem que saquei isso antes que fosse tarde. Preferi sobreviver.

— A luta sempre foi um modo de sobreviver. Você se esqueceu de onde veio também? Luto pela sobrevivência desde que nasci, mas nunca me submeti a nada que tivesse como raiz a opressão.

— Por isso mesmo, a sobrevivência era sua máxima. Você só fez o que sabia fazer... sobreviveu!

Houve um breve silêncio. Fiquei nitidamente abalado com tudo o que escutara e Mesquita, percebendo tal comportamento, continuou:

— Não fique assim. Você só fez o que todos fazem: sobreviveu. Você sempre soube que tudo acabava nisso. Talvez fosse por isso que você sempre quis que todos tivessem as mesmas oportunidades com uma sociedade menos desigual e mais justa, para que as pessoas

parassem de sobreviver e vivessem! Mas não tem jeito, as pessoas já se mostravam individualistas no seu tempo e agora a palavra “coletivo” quase não existe. Você sabe que nunca manipulou seus alunos. Por mais que quisesse que eles entendessem que “somar com os iguais é que dá resultado”, nunca assediou moralmente um aluno com uma visão diferente. Sempre queria debater – e como você gostava de parar as aulas para discutir certos assuntos, ainda mais quando se tratavam de qualquer tipo de opressão, lembra? Também lembro, já nem sei quanto tempo que não faço mais isso. Mas, quando o aluno se mostrava intransigente você não o constrangia e se caso ele quisesse continuar a conversar, você conversava, senão ficava na esperança de que aos poucos aquele aluno pudesse refletir melhor sobre suas atitudes que reprimia outros por qualquer categoria ou distinção que fosse. Você pode achar que perdi tudo isso, mas está aqui ainda, entretanto, se antes já era difícil fazer a diferença com poucos, agora estando sozinho é praticamente impossível. Sempre achei que se chegássemos ao fundo do poço, iríamos entender que a subida só se daria com a união de todos os trabalhadores, mas o que fui vendo é que, desde que você possa satisfazer seus desejos efêmeros, está tudo bem. Antes, a esperança vinha da educação, por meio dela fazer a transformação social, mas hoje tal educação só se dá em algumas famílias. Contudo, no geral, se prega o oposto, como ter transformação social? Nem sei mais se tenho esta esperança, estou apenas sobrevivendo aqui que é o que me cabe. Na verdade, nem sei mais se o que faço hoje pode se dizer que é educação, Paulo Freire se remexeria no túmulo se eu dissesse isso. Falando nele, ele sumiu! Praticamente aboliram suas obras do Brasil e ele deixou de ser patrono da Educação. Afinal, tenho de um lado, alunos que querem que eu fale o que os pais querem que eu fale e de outro lado, alunos desinteressados – aquele mesmo perfil de aluno que você gostava, que parecia não ter um suporte fora da escola e por isso não tinha objetivos claros, mas você sempre conseguia acolher um ou outro e isso fazia toda a diferença para você – agora, eu não consigo recuperar nem um, aliás, nem tento recuperar. Minha atenção é voltada apenas para o conteúdo e não para os alunos. O que fazer além de esperar que tudo isso acabe? Como eu queria que tivesse sido diferente. O que poderia ter sido feito para que a resistência fosse maior e mais eficiente? Talvez hoje ainda exercitaríamos o ato de educar.

Abismado, me pus a pensar. Não estava digerindo toda aquela informação. Minha apreensão não me deixava pensar direito, para mim aquele encontro já tinha durado o bastante para acabar. Afinal, fui confrontado com uma realidade nunca antes pensada e difícil de acreditar que poderia acontecer. Por outro lado, parecia que Mesquita ainda tinha muito a contar; do seu jeito, aparentava tentar me alertar para o que estava por vir. Via no seu olhar o

desejo de que eu tomasse aquilo como real para que não deixasse acontecer, como se fosse um pedido, uma súplica pelo olhar.

Quando me voltei para Mesquita para confortar sua angústia, o sinal tocou e o policial apareceu. Mesquita se foi e me deixou com o pensamento a mil por hora. O que eu poderia fazer? Qual poderia ser a minha contribuição para trabalhar com a súplica feita por Mesquita? Não soube responder a esta pergunta, mas me veio à cabeça que para tal seria preciso investigar: o que pode a formação política para/(d) o professor de matemática no Escola Sem Partido?

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.de. *Em estado de palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura*. In: FLORES, M.B.R.; PIAZZA, M. de F. F. (Orgs). História e arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2011, p. 249-261
- BATISTA, S. H. S. da Silva. Dicionário em construção: interdisciplinaridade / Ivani C. A. Fazenda (org.). - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2002
- BERMAN, A. *Bildung et Bildungsroman. Le temps de la réflexion*, v. 4, Paris, 1984
- BICUDO, M.A.V. *A Formação do Professor: Um Olhar Fenomenológico*. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). Formação de Professores? Da incerteza à compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS)
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Munoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992 (Coleção TRANS)
- GALLO, S. Deleuze & a Educação. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008 (Coleção Pensadores & a Educação)
- GARNICA, A.V. M. História Oral em Educação Matemática: outros usos, outros abusos. Guarapuava, 2007. 84p. Coleção História da Matemática para Professores. (Recortes)
- GUIMARÃES ROSA, J. Grande Sertão: veredas. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2005.
- LARROSA BONDÍA, J. *20 Minutos na Fila: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész*. Tradução de Filipe Santos Fernandes. in Bolema: Boletim de Educação Matemática. Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 717-743, 2014
- LARROSA BONDÍA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. In Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- LARROSA BONDÍA, J. Nietzsche & a Educação. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 (Coleção Pensadores & a Educação)
- LARROSA BONDÍA, J. Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- LINGIS, Alphonso. *A vontade de potência*. Tradução de Tomaz Tadeu. In Educação & Realidade. Vol. 28, n.1. Jan/Jun. UFRS, 2003

NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. Ecche homo: como cheguei a ser o que sou. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel – Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, F. Vontade de Potência. Tradução de Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A. s/d

ROLNIK, S. Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

ROLNIK, S. *Pensamento, corpo e Devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*. In Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241 – 251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

SILVA, G. G. da. *Crítica da formação política do professor de educação física: vinte anos de debate in stricto sensu*. In Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador/BA, 2009. Disponível em <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI/paper/viewFile/1200/670> acessado em 18/07/15.

SKOVSMOSE, O. Educação Crítica: Incerteza, Matemática, Responsabilidade. Tradução de Maria Aparecida Viggiani Bicudo. São Paulo: Cortez Editora, 2007

SOUZA, L. Ap. de; SILVA, C. R. M. da. Narrativas e história oral: possibilidades de investigação em educação matemática. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. – (Série história da matemática para o ensino; v.7)

VIANNA, C. R. Vidas e circunstâncias na Educação Matemática. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000